OBRAS DO PROF.

S. FREUD

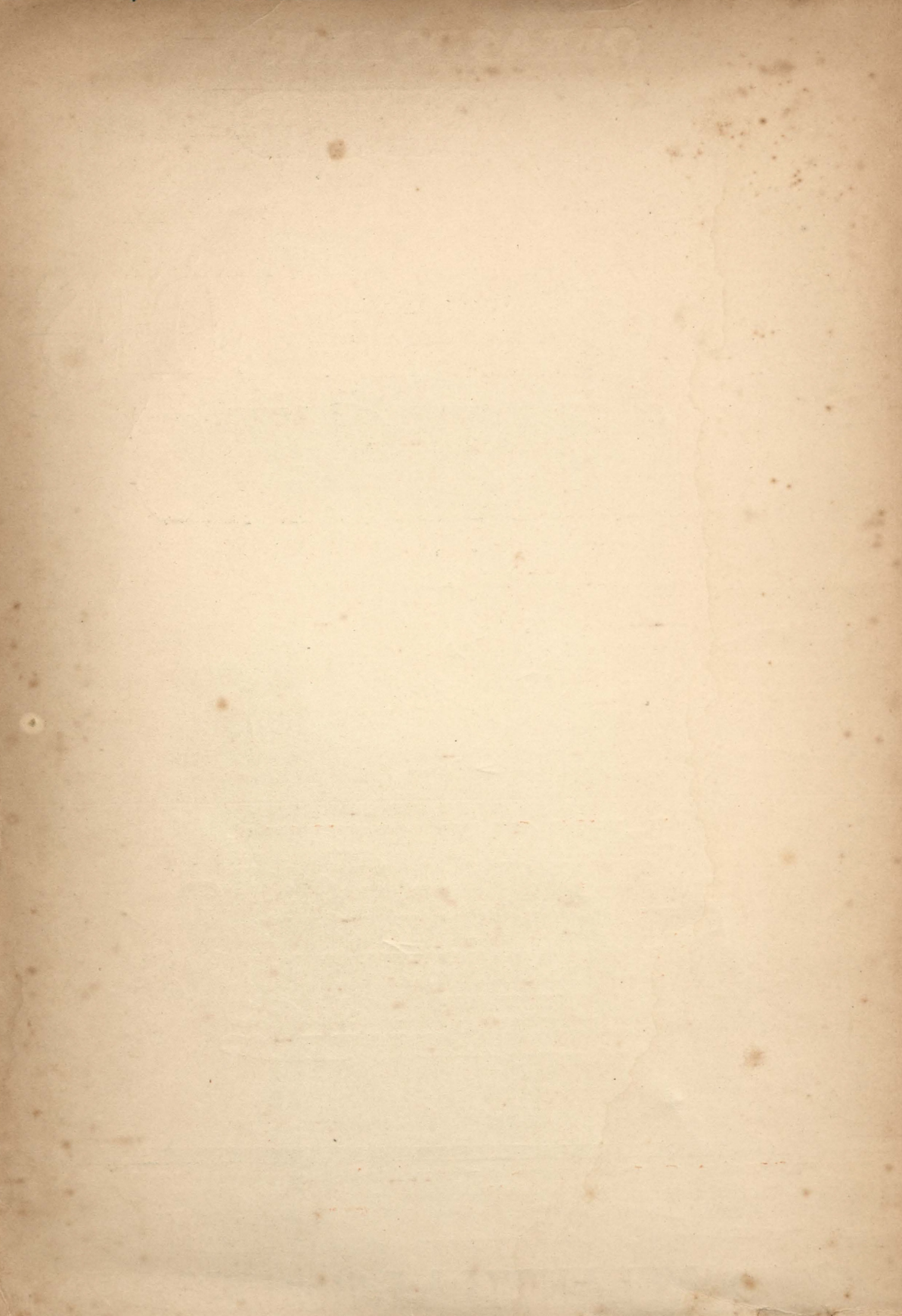
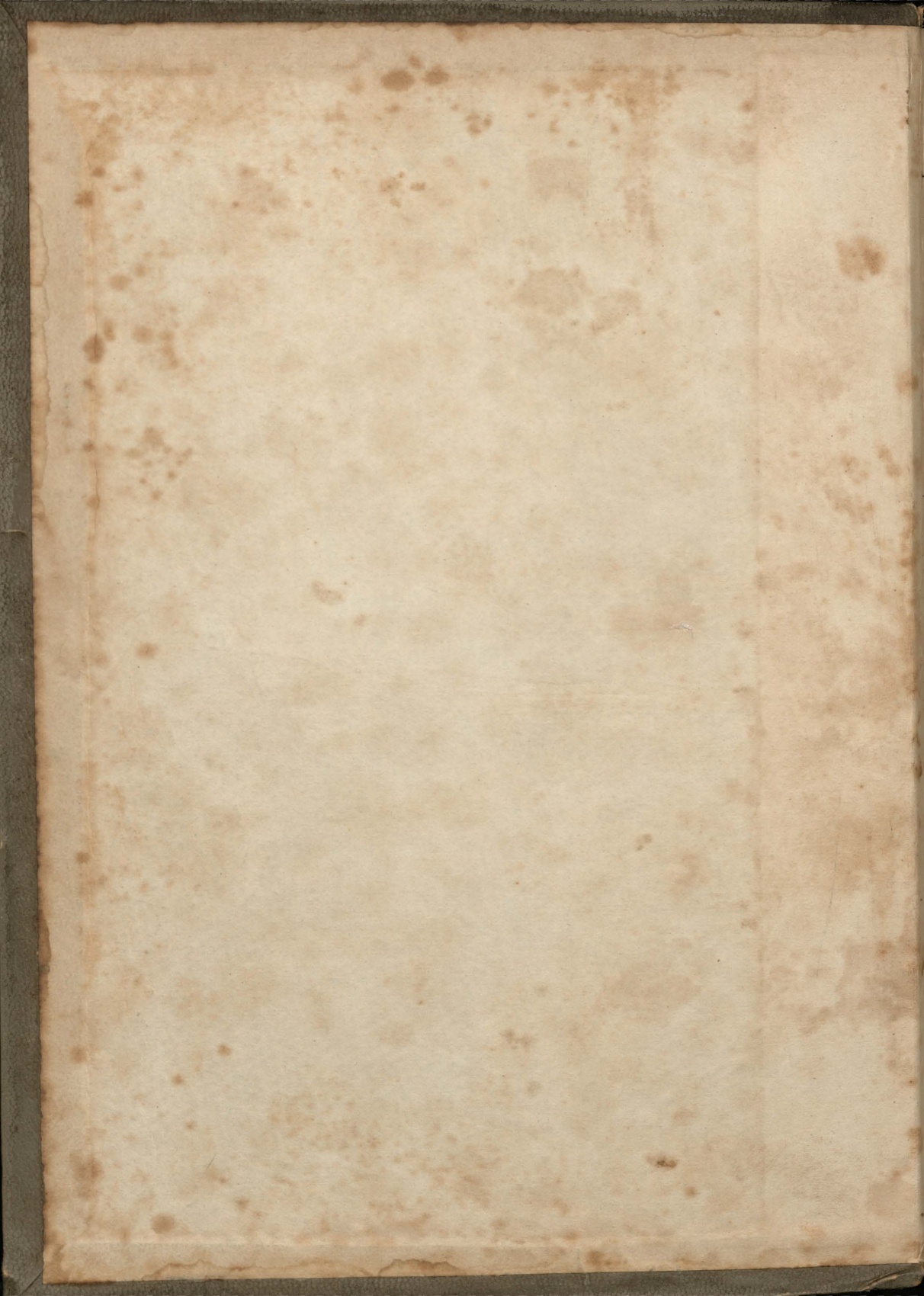
OBSERVAÇÕES CLINICAS

I

I - UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA

II - CONSIDERAÇÕES PSICANALITICAS SOBRE UM CASO DE PARANOIA

TRADUÇÃO DO DR. ELIAS DAVIDOVICH

ATLANTIDA Editora, RIO

Prof. Sigmund Freud

Observações Clinicas

PROF. SIGMUND FREUD

Observações Clinicas

Um caso de neurose obsessiva

II

Considerações psicanalíticas sôbre um caso de paranoia autobiogràficamente descrito

Traduzido com autorização do autor pelo
DR. ELIAS DAVIDOVICH

ATLANTIDA EDITORA
A. DOS REIS — RIO, 1934

I

Um caso de neurose obsessiva

As páginas que seguem contêm duas coísas: em primeiro lugar, dados fragmentários da observação clínica de um caso de neurose obsessiva, que, por sua duração e conseqüências, deve, de acôrdo com a minha apreciação subjetiva ser incluido entre os de certa gravidade, e cujo tratamento, prolongado através de ano inteiro, conseguiu restabelecer completamente a personalidade e suprimir as inibições; e, em segundo lugar, relacionadas com êste caso e com outros anteriormente analisados, algumas observações aforísticas sôbre a gênese e o mecanismo dos processos anímicos obsessivos, destinados a continuar e a ampliar meus primeiros estudos sôbre a matéria, publicados em 1896 (1).

Creio indispensável justificar um tal índice, para que não se suponha que considero perfeita e digna de imitação semelhante exposição fragmentária de um caso clínico, quando na realidade me é imposta por considerações extrinsecas e intrínsecas e, como todos hão de compreender, teria sido mais explícito si

---

(1) Ver outras considerações sôbre as psiconeuroses de defesa em meus "*Ges. Schriften*", vol. I, II. *Wesen und Mechanismus der Zwangsneurose.*

pudesse. Mas não me é possível comunicar a observação completa do tratamento, porque isto me obrigaria a revelar em todas as suas minúcias circunstâncias pessoais de meu paciente.

A atenção importuna que toda uma grande cidade dedica à minha atividade médica impede-me de desenvolver uma exposição exata e pormenorizada. Por outro lado, as deformações com as quais se costuma obviar êsse inconveniente sempre me pareceram tão inadequadas como dignas de repulsa. Limitadas, não conseguem alcançar seu objetivo de proteger o paciente da curiosidade indiscreta; e si as levamos mais além, custam demasiado caro, pois tornam impossível a compreensão do caso, furtando ao conhecimento do leitor relações fundamentais ligadas precisamente às pequenas realidades da vida do enfêrmo. Por conseguinte, ainda que paradoxalmente, é mais lícito tornar públicos os mais íntimos segredos de um paciente, através dos quais não é fácil identificá-lo, do que transcrever circunstâncias mais inocentes e triviais de sua personalidade, de todos conhecidas e que o denunciariam imediatamente.

Assim justificada a ingrata mutilação das observações do enfêrmo e de seu tratamento, o fato de minha exposição parecer limitada a resultados fracionários da investigação psicanalítica da neurose obsessiva tem uma explicação ainda mais clara e convincente.

Devo reconhecer, com efeito, que ainda não consegui desentranhar, sem resíduo algum, a complicada estrutura de um caso *grave* de neurose obsessiva, e

também que não me seria possível evidenciar, através dos períodos do tratamento e com a exposição minuciosa da análise, tal estrutura, analiticamente descoberta ou suspeitada, pois a resistência dos enfermos e a forma em que se exprimem tornam dificílimo semelhante trabalho expositivo. Mas, além disto, deve-se ter em conta que a compreensão de uma neurose obsessiva não é certamente nada fácil e desde logo muito mais difícil que a de um caso de histeria. A' primeira vista, sentir-nos-íamos antes propensos a supor o contrário.

O conjunto de meios de que se serve a neurose obsessiva para exteriorizar suas idéias secretas, ou seja, a linguagem da neurose obsessiva, é como um dialeto da linguagem histérica, mas um dialeto que nos devia ser mais inteligível por ser mais que a histérica afim à expressão de nosso pensamento conciente. Antes de tudo, não íntegra aquele salto que vai do anímico à inervação somática — a conversão histérica — que nosso intelecto nunca pode secundar.

O fato de a realidade não confirmar a hipótese anteriormente expendida depende, quiçá, tão sómente de nosso menor conhecimento de neurose obsessiva. Os neuróticos obsessivos graves recorrem ao tratamento psicanalítico em número muito mais reduzido que o dos histéricos. Dissimulam na vida social seus estados patológicos enquanto isto lhes é possivel e só procuram o médico em períodos muito adiantados da enfermidade, períodos tais como aqueles que numa tuberculose já excluem a oportunidade de uma inter-

nação num sanatório. Escolhemos esta comparação porque na neurose obsessiva, grave ou leve, mas cedo combatida, se pode assinalar, como nessoutra doença crônica infecciosa, toda uma série de curas brilhantes.

Em tais circunstâncias, só nos resta comunicar os fatos tão imperfeita e incompletamente como os sabemos e podemos torná-los públicos. Os fragmentos de conhecimento, laboriosamente extraídos, que aqui expomos poderão parecer pouco satisfatórios, mas o trabalho de outros investigadores ligar-se-á a êles e o esfôrço comum poderá conseguir aquilo que para um só talvez seja demasiado árduo.

Observação Clinica

Um jovem, que cursara a universidade, vem ao meu consultório queixando-se de estar assoberbado por certas representações obsessivas, as quais já o perseguiam desde a infância, tendo contudo assumido particular intensidade nos últimos quatro anos. O conteúdo principal de sua doença era o *temor* de que sucedesse algo às duas pessoas a quem mais estimava: seu pai e a senhora de seu pensamentos. Sentia, além disto, *impulsos obsessivos,* tais como o de cortar o pescoço com uma navalha de barbear, e impunha a si mesmo *interdições* que também se estendiam a coisas triviais e indiferentes. A luta contra as idéas obsessivas fizera-lhe perder muito tempo, atrasando-o em sua carreira. De todos os tratamentos experimentados, só um lhe proporcionava certo alívio: uma cura hidroterápica num balneário, mas só porque durante essa temporada encontrara ocasião de desenvolver uma atividade sexual regular.

Aqui em Viena não se lhe deparava ocasião semelhante; só raras vezes e com grandes intervalos

copulava. Repugnavam-lhe as prostitutas. Em geral, sua vida sexual fora muito limitada. O onanismo nela desempenhara um papel muito pequeno, e isto só aos dezeseis ou dezessete anos. Sua potência era normal; até os vinte e seis anos não conhecera mulher.

O paciente dava a impressão de ser um homem de inteligência lúcida e penetrante. Perguntado por quê razão iniciou a anamnese com informações sôbre sua vida sexual, explica tê-lo feito por saber que assim correspondia às minhas teorias. Fora disto, não lera nenhuma de minhas obras, e só muito recentemente, ao folhear uma delas, encontrou a explicação de certas associações verbais (2), que lhe recordaram a "elaboração mental" a que êle próprio submetia suas idéias e o decidiram a vir consultar-me.

a) INÍCIO DO TRATAMENTO

No dia seguinte, uma vez tendo-se comprometido a observar a única condição do tratamento, isto é, a de comunicar tudo o que lhe viesse à mente, ainda que lhe fosse *desagradavel* falar de tais coisas ou lhe parecessem *desprovidas de importância, incoerentes* ou *disparatadas*, e tendo eu deixado a seu arbítrio a escolha do tema inicial de sua narrativa, começou pelo seguinte:

---

(2) *"Psicopatologia da Vida Quotidiana"*, já traduzido em porguês — N. do T.

Tem um amigo a quem muito estima. Sempre que se vê atormentado por um impulso criminoso acode a êle, perguntando-lhe si o despreza considerando-o um delinqüente. Anima-o o amigo, assegurando-lhe que é um homem irrepreensível, sujeito apenas, desde a juventude, a analisar seus atos com um infundado escrúpulo receoso. Anteriormente, outra pessoa exerceu sôbre êle uma influência análoga. Tratava-se de um estudante que tinha dezenove anos quando êle andava pelos quatorze ou quinze, e cuja estima elevou sua opinião sôbre si mesmo, a ponto de quasi chegar a considerar-se um gênio.

Êsse estudante começou daí a tempos a dar-lhe aulas particulares, e então mudou bruscamente de atitude para com êle, dando-lhe a entender que era um inútil. Por fim, percebeu que si antes lhe demonstrara antipatía, fôra apenas para conquistar-lhe a amizade e conseguir ser recebido em casa de meu paciente, pois estava enamorado de uma de suas irmãs. Foi esta a priméira grave desilusão de sua vida.

b) SEXUALIDADE INFANTIL

"Minha vida sexual começou bem cedo. Recordo uma cena que deve ter-se desenrolado quando eu tinha quatro ou cinco anos (a partir dos seis já possúo uma clara e precisa lembrança de minha vida) e que me surgiu na memória alguns anos depois.

"Tinhamos uma governante jovem e bonita, a

srta. Peter (3). Uma noite em que estava lendo reclinada num sofá, trajando roupas leves, pedi-lhe licença para penetrar sob sua saia. Concedeu-ma, com a condição de eu não contar nada a ninguem. Dada a sua indumentaria sucinta, pude tocar-lhe sem dificuldade os órgãos genitais e o corpo todo, que me pareceu singularmente conformado. Ficou-me desde então uma ardente curiosidade de contemplar o corpo feminino. Recordo ainda com que ânsia esperava que a governante se despisse quando íamos tomar banho, pois ainda me permitiam ir em tais ocasiões com ela e com minhas irmãs. Outras recordações mais minuciosas dêste gênero já são posteriores aos meus seis anos. Tínhamos então outra governante, também jovem e bonita, que sofria de abcessos nas nádegas. Fazia os curativos antes de deitar-se, momento que eu esperava com impaciência, para saciar minha curiosidade. O mesmo se dava no banho, si bem que a srta. Lina fosse mais recatada que a outra. (A uma pergunta minha, responde que habitualmente não

(3) Quando ainda não abandonara a senda da psicanálise, o dr. Alfred Adler fez ressaltar, numa conferência privada, a particular importância das primeiras manifestações dos pacientes. O caso presente prova claramente a sua tese. As palavras iniciais do paciente acentuam a influência que sôbre êle exercem os homens, isto é, o papel que desempenha em sua vida a escolha homossexual do objeto, e simultâneamente preludiam um segundo motivo que logo se mostrará poderoso: o do conflito e oposição de interêsses entre homem e mulher. Nêste contexto também se deve englobar o fato de o paciente recordar sua primeira governante, jovem e bonita, pelo sobrenome, casualmente idêntico a um nome próprio masculino. Na burguesia vienense, é mais usual designar as governantes pelo prenome, e via de regra é por êste que elas são lembradas.

dormia no quarto da governante, e sim no de seus pais). Também recordo outra cena, que deve ter-se passado quando eu andava pelos sete anos (4). Uma tarde em que estávamos juntos a governante, a cozinheira, uma empregada, um irmãozinho meu, ano e meio mais moço, e eu, ouvi a srta. Lina dizer às outras moças: "Com o pequeno sim, poder-se-ia fazer, mas Paulo (eu) é muito desajeitado e sem dúvida não daria certo". Não compreendi claramente de que se tratava, e sim apenas que me pospunham a meu irmão, motivo porquê deitei a chorar. Lina consolou-me, contando-me que uma moça que fizera aquilo com o menino confiado à sua guarda fôra passar uns meses no cárcere. Não creio que Lena chegasse a fazer comigo nada de ilícito; consentia entretanto que com ela tomasse grandes liberdades. Quando estava deitada, chegava-me à sua cama, descobria-a e tocava-a sem que protestasse. Não era muito inteligente, e sim muito sexual. Aos vinte e três anos já tivera um filho, cujo pai em seguida se casou com ela. A's vezes ainda a vejo na rua.

"Aos seis anos já tinha frequentes erecções; recordo ter-me queixado algumas vezes a minha mãe dos incômodos que me causavam, si bem que não sem certo temor, pois suspeitava a relação daquele fenômeno com as minhas ímaginações e a minha curiosidade e andava preocupado com a idéia mórbi-

(4) Mais tarde, aceita a probabilidade de tal cena ter-se passado dois ou três anos depois.

da de que *meus pais conheciam meus pensamentos recônditos, porque eu próprio os revelara em voz alta sem disso me dar conta.* Vejo aqui o início de minha enfermidade. Havia moças que muito me agradavam e que eu desejava ardentemente *ver nuas,* mas tais desejos eram acompanhados de *uma sensação de inquietação, como si por pensar aquelas coisas devesse suceder algo e eu tivesse de fazer todo o possível para evitá-lo*".

(Interrogado por mim, assinala, como exemplo de semelhantes temores, o de que *seu pai morresse*). "A idéa da morte de meu pai preocupou-me desde a mais tenra idade e durante muito tempo, causando-me a maior tristeza".

Nêste ponto sou informado, para surpresa minha, de que o pai do paciente, ao qual ainda hoje se referem os temores obsessivos que o atormentam, já morreu ha vários anos.

Aqueles acontecimentos de seu sexto ou sétimo ano de vida, que o nosso paciente nos descreve na primeira sessão do tratamento, não constituem apenas o começo de sua enfermidade, e sim a própria enfermidade, uma neurose obsessiva completa, à qual não falta nenhum elemento essencial e que é, ao mesmo tempo, o nódulo e o protótipo do mal ulterior, constituindo o organismo elementar, cujo estudo é o único meio que pode elucidar-nos a complicada estrutura da doença atual. Vemos o menino sob o domínio de um dos componentes do instinto sexual, o prazer visual, cujo resultado é o desejo, que sempre

ressurge com grande intensidade, de ver nuas as pessoas femininas que são de seu agrado. Êste desejo corresponde à idéia obsessiva ulterior e, si ainda não assume carácter obsessivo, é porque o ego por enquanto não se pôs em franca contradição com êle e não o sente como algo alheio a si mesmo; mas já se inicia, sem que saibamos de onde provém, uma oposição a tal desejo, pois sua emergência é regularmente acompanhada de um estado afectivo penoso (5). Na vida anímica do pequeno voluptuoso ha um conflito. A par do desejo obsessivo, existe um temor obsessivo com êle intimamente ligado. Sempre que o paciente pensa em algo relacionado com seu desejo, surge nêle o temor de que vá suceder algo de terrível e êste algo já reveste uma indeterminação característica, sempre concomitante às manifestações da neurose. Mas na criança não é difícil descobrir o que tal indeterminação encobre. Si conseguimos encontrar um pormenor em que se haja concretizado alguma das vagas generalidades da neurose obsessiva, poderemos estar certos de que êsse pormenor encerra o elemento original e autêntico que devia ser encoberto pela generalização. O temor obsessivo era, pois, nêste caso, reconstituido segundo o seu sentido, o seguinte: "Si tenho o desejo de ver nua uma mulher, meu pai morrerá". O afecto penoso toma claramente um matiz inquietante e supersticioso, dando já origem a impulsos

(5) Recordaremos que houve uma tentativa de explicar as representações obsessivas sem tomar em consideração a afectividade.

tendentes a fazer algo para afastar a desgraça, tais como se imporão em seguida nas ulteriores medidas de proteção.

Encontramos pois um instinto erótico e uma rebelião contra o mesmo, um desejo (não obsessivo ainda) e um temor contrário (já obsessivo), um afecto penoso e um impulso à adopção de medidas defensivas, isto é, o inventário completo da neurose. E ainda alguma coisa mais: Uma espécie de delirio da mania, segundo o qual seus pais lhe conheciam os pensamentos mais íntimos, porque êle mesmo os revelava em voz alta sem se dar conta. Não incorreremos em êrro ao considerar esta infantil tentativa de explicação como um pressentimento daqueles singulares processos anímicos a que chamamos inconcientes e dos quais não podemos precindir para o esclarecimento de tão obscuro estado de coisas. As palavras: "Revelo em voz alta meus pensamentos sem perceber que o estou fazendo" soam como uma projeção exterior de nossa pópria hipótese de que o individuo abriga pensamentos de que nada sabe, isto é, como uma percepção endopsíquica do que está recalcado.

Vemos claramente que esta neurose elementar e infantil já contém seu problema e se mostra aparentemente absurda como toda neurose complicada de um adulto. Que pode significar que o pai tenha de morrer si na criança se promover aquele desejo voluptuoso ? E' uma pura insensatez ou existem caminhos para compreender tal afirmação e apreendê-la

como resultado necessário de processos e premissas anteriores ?

Aplicando a êste caso de neurose infantil conhecimentos obtidos em outros, devemos supor que aqui também, ou seja anteriormente aos seis anos, existiram acontecimentos traumáticos, conflitos e repressões que em seguida sucumbiram à amnésia, deixando entretanto como resíduo aquele conteúdo do temor obsessivo. Mais adiante veremos até que ponto nos é possível tornar a achar tais acontecimentos esquecidos ou reconstitui-los com certa segurança. Mas entrementes, deveremos fazer ressaltar como uma coincidência que, provàvelmente, não é indiferente, o fato de a amnésia infantil de nosso enfêrmo terminar precisamente aos seis anos.

Já, de outros casos, conhecemos um tal comêço de uma neurose obsessiva crônica, com semelhantes desejos voluptuosos, a que se ligam inquietantes temores e uma tendência a realizar atos de defesa. E' totalmento típico, si bem que não seja, provavelmente, o único tipo possível. Ainda dedicaremos algumas palavras aos fatos sexuais precoces da vida do paciente, antes de passar ao conteúdo da segunda sessão do tratamento. Mas se pode absolutamente deixar de considerar tais fatos como particularmente ricos em substância e eficácia. Mas sucede exatamente o mesmo em todos os demais casos de neurose obsessiva por mim analisados. Ao contrário do que se dá na histeria, nunca falta nêles uma atividade sexual prematura. A neurose obsessiva, muito mais claramente

que a histeria, deixa ver como os fatores que contribuem nas psiconeuroses não devem ser procurados na vida sexual atual, e sim na infantil. A vida sexual atual dos neuróticos obsessivos pode muitas vezes parecer, a um observador superficial, absolutamente normal, pois freqüentemente depara menos fatores patogênicos e menos anormalidades que a de nosso paciente.

c) O GRANDE TEMOR OBSESSIVO

"Começarei hoje com o fato que me decidiu a vir consultá-lo. Era em Agosto e eu me achava na localidade X fazendo o meu período annual de serviço militar como reservista. Sentia-me ultimamente muito deprimido e atormentava-me com toda sorte de idéias obsessivas, as quais a seguir foram desaparecendo durante as manobras. Interessava-me por demonstrar aos oficíais que não só era um homem de estudo, como também um bom soldado capaz de resistir às fadigas da vida militar. Um dia fizemos uma marcha não muito prolongada, partindo de X. Num descanso, perdi meus óculos; e, si bem que me fosse fácil encontrá-los procurando-os com certo vagar, renunciei a isto, não querendo retardar a partida, e telegrafei à casa de óptica de Viena para que me mandasse outros. Durante o mesmo descanso, estivera sentado entre dois oficiais, um dos quais, um capitão de sobrenome tcheco, devia adquirir para mim uma grande importância. Êsse indivíduo me inspirava

um certo temor, pois se mostrava manifestamente propenso à *crueldade*. Não quero afirmar que fosse um malvado, mas em suas palestras se mostrara reiteradamente partidario dos castigos corporais, tendo eu combatido várias vezes sua opinião acaloradamente. Nêsse descanso tornámos a palestrar e o capitão contou ter lido que no Oriente se aplicava um castigo singularmente espantoso".

Chegado a êste ponto, o paciente interrompeu-se e, erguendo-se do divam em que estava recostado, pediu-me que o dispensasse da descrição daquele castigo. Assegurei-lhe que, de minha parte, não tinha a menor tendencia à crueldade e que, subentendia-se, não queria atormentá-lo; mas não podia conceder-lhe o que me pedia, pôsto que superar as resistências era um mandado imperativo da cura.

(No princípio dessa sessão, explicara-lhe o conceito de "resistência", ao advertir-me êle o esfôrço qut devia fazer para comunicar-me aquele fato). Em seguida, continuei dizendo-lhe que faria o possivel para facilitar-lhe a tarefa, procurando adivinhar o que êle se limitasse a indicar-me, sem entrar em pormenores, e perguntei-lhe si se referia à empalação. "Não; não é isso. O condenado era atado..." (Exprimia-se tão imprecisamente que, no momento, não pude adivinhar em que posição.) "Adaptavam-lhe às nádegas um recipiente e punham nêle uns ratos que em seguida..." (De novo se levantara, dando sinais do maior espanto e resistência.) "Uns ratos que

em seguida se lhe iam introduzindo..." Aqui já pude completar: pelo anus.

Em todos os momentos importantes da narrativa, podia observar-se nêle uma singular expressão fisionômica composta, que só se podia interpretar como sinal de *horror ante um prazer do qual não tinha a menor conciencia.* Com grande dificuldade continuou: "Naquele mesmo instante, surgiu em mim *a idéia de que aquilo sucedia a uma pessoa a quem estimava"* (6). Interrogado, acentuou que tal idéia não era a de que êle aplicasse o castigo, mas que o mesmo era aplicado impessoalmente à pessoa evocada. Depois de breve reflexão, conclui que essa pessoa não podia ser outra sinão a senhora a quem o paciente dedicava então suas atenções.

Nêste ponto, o jovem interrompeu a narrativa, para indicar-me quão alheios e opostos à sua verdadeira personalidade eram tais pensamentos e com que extraordinária rapidez se desenvolvia em seu espírito tudo o que com êles se relacionava. Simultâneamente à idéia, surgia sempre a "sanção", isto é, a medida de defesa que devia pôr em prática para que a fantasia não se realizasse. Quando o capitão falou daquele horrendo castigo e surgiram no paciente as idéias que mencionara, ainda conseguiu defender-se de ambas

---

(6) O paciente diz: "idéia"; a designação "desejo" ou, correlativamente, "temor", mais enérgicas e importantes ficam encobertas pela censura. Infelizmente, não me é possível reproduzir aqui o peculiar aspeto vago de suas manifestações.

com seu conjuro habitual, consistente num gesto de repulsa e na exclamação: "Que tolices te ocorrem!"

O plural "ambas" pareceu-me estranho, como sem dúvida o deve ter parecido ao leitor, pois o paciente não referira mais de uma: a de que o tormento dos ratos era aplicado à senhora de seus pensamentos. Mas agora teve de confessar que juntamente com esta idéia surgira a de que o tormento também se estendia a seu pai. Mas como seu pai morrera ha muitos anos, êsse temor obsessivo era ainda mais insensato que o primeiro e tentou conservar-se inconfessado.

No dia seguinte, o mesmo capitão lhe entregou uma encomenda postal, dizendo: "O tenente A. (7) pagou o porte em teu lugar. Tens de dar-lhe o dinheiro". O embrulho continha os óculos pedidos por telegrama a Viena. No mesmo instante, surgiu nêle uma "sanção": *Não devolver o dinheiro,* pois si o fizesse, sucederia aquilo (realizar-se-ia em seu pai e na senhora a fantasia dos ratos). E, de acôrdo com uma trajetória que nêle já era típica, alçou-se imediatamente para combater esta sanção um mandato em forma de juramento: *"Tens de devolver as* 3 *coroas* 80 *ao tenente A."*, palavras que quasi pronunciou a meia voz.

Os exercicios militares terminaram dois dias depois. Durante eles, o jovem realizou continuos esforços para devolver ao tenente A. a pequena quan-

---

(7) Os nomes são, nêste caso, indiferentes.

tia, contra o que sempre surgiram dificuldades de natureza aparentemente objetiva. A princípio tentou realizar o pagamento por intermédio de outro oficial que ía ao Correio, mas muito se alegrou quando o mesmo lhe devolveu o dinheiro alegando que não encontrara o tenente A. na repartição postal, pois aquele modo de cumprir o juramento não lhe satisfazia, por não corresponder à forma literal do mesmo: "Tens de devolver as 3 coroas 80 ao tenente A". Afinal, encontrou êste último, mas o oficial negou-se a aceitar o dinheiro dizendo que nada pagara por sua conta, e nem siquer estava encarregado da secção postal, cargo que competia ao tenente B. O rapaz quedou-se um tanto perplexo vendo a impossibilidade de cumprir seu juramento, por ser errônea uma de suas premissas, e imaginou toda uma série de complicados expedientes: Iria ao correio com os tenentes A. e B.; o primeiro daria à encarregada do serviço de encomendas postais 3 coroas 80, que a funcionária entregaria a B., e então já poderia cumprir ao pé da letra seu juramento de dar as 3 coroas 80 ao tenente A.

Não me admirará que o leitor ache incompreensível tudo isto, pois também a minuciosa descrição que o paciente me fez dos sucessos exteriores dêsses dias e de suas reações em face dêles, padecia de contradições internas e parecia inextricàvelmente complicada. Só numa terceira narrativa consegui fazer-lhe advertir tais imprecisões e determinar os êrros de memória e os deslocamentos em que incorrera. Mas podemos poupar-nos a reprodução dêstes pormenores,

cuja parte essencial nos ocupará a seguir, e limitar-nos a indicar que no final desta segunda sessão o paciente se portava como si estivesse aturdido e alienado, chamando-me repetidamente "meu capitão", sem dúvida porque no início da sessão lhe dissera que eu não era um homem cruel como o capitão de sua história e não tinha a menor intenção de atormentá-lo desnecessàriamente.

Nessa sessão, explicou-me também que desde o início e já nos primitivos temores de que sucedesse algo às pessoas a quem estimava particularmente, situara tais castigos não só no temporal mas também na eternidade, no além. Até os quatorze ou quinze anos fôra muito religioso, evoluíndo desde então até a sua atual incredulidade. A contradição que assim surgia entre suas convicções atuais e aceitação de uma vida ultra-terrena, ressalvava-a, dizendo de si para si: "Que sabes tu da vida no além? E que sabem os demais? Nada se pode saber e portanto não arriscas coisa alguma pensando assim". O paciente, que aliás tinha clara e aguda a inteligência, considerava irrepreensível semelhante conclusão e aproveitava a insegurança da razão humana nêsse problema em favor de sua anterior concepção piedosa do universo, já superada.

Na terceira sessão, completou a narrativa, muito característica, de seus esforços para cumprir o juramento obsessivo: A' noite celebrara-se a última reünião dos oficiais antes da conclusão do período militar. Coube-lhe responder ao brinde dedicado aos

"senhores reservistas" e falou eloqüentemente, mas como um sonâmbulo, pois no fundo continuava a atormentá-lo o juramento.

A noite foi espantosa. Argumentos e contra-argumentos pugnaram rudemente em seu cérebro. O argumento principal era, naturalmente, que a premissa fundamental de seu juramento se mostrara errônea, já que o tenente A. não pagara por êle dinheiro algum. Mas consolou-se pensando que A. faria com êles, no dia seguinte, uma parte da marcha até a estação ferroviária de P., e poderia dar-lhe o dinheiro rogando-lhe que o entregasse a B. Chegado o momento, não fez e deixou A. partir sem nada lhe dizer; em compensação, encarregou o ordenança dêle de anunciar-lhe sua visita para a mesma tarde.

Por sua parte, chegou às nove e meia da manhã â estação, deixou sua bagagem no recinto destinado a êsse fim e despachou diverso assuntos na pequena cidade, sempre com o propósito de fazer depois a anunciada visita a A.

A localidade em que A. se achava acantonado ficava a uma hora de carro de P. A viagem de trem até a localidade onde ficava a agência do correio durava três horas; julgava, pois, que lhe haveria de ser possível alcançar, depois de executado seu complicado plano, o último trem que saía de P. para Viena. As idéias que nêle se entrechocavam eram as seguintes: Que, por um lado, si não acabava de decidir-se a cumprir seu juramento era por mera covardia, pois queria poupar-se o incômodo de pedir aquele serviço

a A. e apareceu diante dele como um perturbado. E, por outro, que a covardia estava precisamente em cumprir o juramento, já que com isto se propunha apenas libertar-se de suas idéias obsessivas. Quando numa reflexão seus argumentos se equilibravam desta forma, o paciente costumava abandonar-se ao acaso. Assim, quando um carregador da estação lhe perguntou si ía tomar o trem das dez, respondeu afirmativamente e partiu nêsse trem, creando um fato consumado que muito o aliviou.

Ao passar o empregado do carro-restaurante, pediu que lhe reservasse um lugar para o almôço, mas já na primeira estação lhe ocorreu que ainda podía saltar nela, tomar um trem em sentido contrarío até a localidade onde A. se encontrava, fazer com êle a viagem de três horas até a agência do correio, etc. Só o pedido feito ao empregado do carro-restaurante o impediu de pôr em prática êsse propósito, mas não renunciou a êle completamente; foi protelando-o de estação em estação até chegar a uma em que não podia saltar por ter parentes na localidade que lhe correspondia. Então decidiu seguir até Viena, procurar ali seu amigo, submeter-lhe a questão e voltar em todo caso a P. no trem da noite.

Ante minhas dúvidas de que lhe fosse possível levar a cabo semelhante plano, assegurou-me que entre a chegada de seu trem e a partida do outro poderia dispor de meia hora. Mas ao chegar a Viena, não encontrou o amigo na cervejaria onde esperava vê-lo,

e já às onze da noite foi à casa dêle e contou-lhe sua perplexidade.

Mostrou-se o amigo assombrado de que ainda duvidasse de que se tratava de uma idéia obsessiva, tranqüilizou-o por aquela noite, durante a qual dormiu sem angústias, e na manhã seguinte o acompanhou aos Correios onde mandou um cheque de 3 coroas 80, dirigido à agência postal que recebera a encomenda com os óculos.

Êstes últimos pormenores me proporcionaram um ponto de apôio para desvendar as deformações de sua narrativa. Si, ao ser chamado à razão por seu amigo não mandara a pequena quantia ao tenente A. nem tão pouco ao tenente B., mas diretamente à agência do correio, tinha de saber e haver sabido já antes de sua partida, que *só à funcionária dos correios e a mais ninguém* devia a importância do porte.

Com efeito, resultou que já o sabia antes da advertência do capitão e de seu juramento, pois agora recordava que, horas antes de seu encontro com o capitão cruel, falara com outro capitão que lhe explicara o verdadeiro pé em que estavam as coisas. Êste último oficial, ao saber seu nome, lhe dissera que estivera na agência do correio, onde a funcionária lhe perguntara si conhecia um certo tenente H. (nosso paciente), para o qual acabava de chegar uma encomenda postal contra reembolso.

O oficial respondera negativamente, mas a funcionária lhe manifestara que confiava na honorabilidade do tenente a quem não conhecia e adiantaria

a importância do reembôlso. Dêste modo chegaram ao poder de nosso paciente os óculos que encomendara por telegrama. O capitão cruel enganara-se ao advertir-lhe, no momento da entrega do embrulho, que devia dar a 3 coroas 80 a A. Nosso paciente devia saber que aquilo era um êrro; entretanto, baseado em tal êrro, fez o juramento que levia atormentá-lo. Nisso, e em seguida na sua narrativa de tais sucessos ocultou a si mesmo o episódio do outro capitão e a existência da amável funcionaria dos correios. Seja como for, reconheço que depois desta retificação ainda se nos torna mais insensata e incompreensível do que antes a sua conduta.

Ao separar-se do amigo e voltar para casa, tornaram a atormentá-lo suas dúvidas. Os argumentos do amigo não haviam sido mais que os seus próprios, e via muito bem que si o tinham tranquilizado temporàriamente era apenas pela influência pessoal do mesmo. A decisão de consultar um médico ficou entretecida no delirio da seguinte forma, que é muito engenhosa: Obteria de um médico um atestado de que para seu restabelecimento lhe era necessário realizar, com o tenente A., aquela série de atos que projetara, e com certeza êsse atestado moveria o oficial a aceitar as 3 coroas 80. A casualidade de lhe haver caído por essa epoca nas mãos um livro meu, orientou-lhe a escolha em meu favor. Mas, compreendendo que de mim não obteria um tal certificado, só me pediu, muito razoàvelmente, que o libertasse de suas idéas obsessivas.

Muitos meses depois, no ponto álgido da resistência, de novo o acometeu a tentação de ir a P. em busca do tenente A. e representar com êle a comedia da devolução do dinheiro.

d) INTRODUÇÃO Á INTELIGÊNCIA DA CURA

Não cuidem que encontrarão a seguir a explicação de idéias obsessivas tão singularmente disparatadas (como a dos ratos, por exemplo). A técnica psicanalítica obriga o médico a reprimir sua curiosidade e deixa que o paciente fixe com plena liberdade a ordem de sucessão dos temas na análise. Portanto, na quarta sessão recebi o paciente com a pergunta: Como vai continuar hoje?

"Decidi-me a contar-lhe algo que me parece muito importante e que me atormenta desde o começo", respondeu. E começou a desenrolar, com minuciosa extensão, a história clínica de seu pai, morto ha nove anos, em conseqüência de um enfisema. Uma noite, crendo que na doença de seu pai se poderia dar uma crise favorável perguntou ao médico quando poderia considerar passado o perigo. O médico respondeu que ao cabo de quarenta e oito horas.

Não lhe ocorreu que o pai pudesse morrer antes dêsse prazo, e ás onze e meia da noite deitou-se para dormir uma hora. Mas quando despertou à uma da madrugada, um amigo médico lhe comunicou que seu pai acabava de morrer. O paciente exprobou a si

mesmo o fato de não haver estado ao lado do pai no momento da morte, e com maior dureza ainda quando a enfermeira lhe disse que dias antes o enfêrmo pronunciara seu nome, perguntando-lhe num momento em que ela dêle se aproximara:

"E's tu, Paulo?" Julgava perceber que a mãe e as irmãs faziam a si mesmas uma censura análoga, mas não falaram disto. O reproche não foi a princípio muito doloroso, pois o rapaz durante muito tempo não aceitou como um fato real a morte de seu pai, e assim lhe sucedia uma vez por outra, ao ouvir, por exemplo, uma pilheria divertida, dizer: "Tenho de contá-la a papai". Também em sua fantasia continuava vivo o pai, de tal modo que muitas vezes, quando ouvia bater à porta, pensava: "Aí vem papai", e ao entrar num aposento esperava avistá-lo de repente. Si bem que nunca esquecesse o fato de sua morte, a espectativa de tais aparições nada tinha de temeroso, e sim de muito desejado.

Só um ano e meio mais tarde despertou nêle a recordação de sua negligência e começou a atormentá-lo cruelmente, fazendo-o considerar-se um desalmado. A revivescência de tal recordação foi provocada pela morte de uma tia sua, casada, e pela visita de pêsames que fizera ao viuvo. A partir daquele momento, acrescentou a suas imaginações a da vida ultra-terrena. A primeira conseqüencia dêste acesso foi uma grave incapacidade para o trabalho (8).

(8) Uma descrição ulterior mais minuciosa dêste fato ocasional já esclarece um tal efeito. O viuvo teria exclamado entre so-

Como o paciente afirmasse que nessa ocasião só lhe havia sustentado as fôrças o consôlo do amigo, que lhe fazia ver o exagêro insensato de suas censuras, aproveitei a ocasião para proporcionar-lhe uma primeira visão das premissas da terapêutica psicanalítica. Quando existe uma disparidade entre o conteüdo ideológico e o afecto, ou seja, entre a grandeza da exprobação e sua causa, o leigo diria que o afecto era demasiado intenso, exagerado portanto e falsa em conseqüência a conclusão de ser um criminoso deduzida da exprobação. O médico, ao contrário, diz: Não, o afecto é justificado e não ha por quê criticar a conciênca de culpabilidade que atormenta o individuo, mas esta corresponde a outro conteúdo desconhecido (*inconciente*), que deve ser procurado em primeiro lugar.

O conteúdo ideológico conhecido passou a occupar essa posição por uma associação errônea. Mas não estamos habituados a sentir em nós afectos intensos sem conteúdo ideológico, e, portanto, quando êsse conteúdo nos falta, lançamos mão de qualquer outro, adequado, como substitutivo. O fato da falsa associação também é o único que pode explicar a impotência de todo trabalho lógico contra a representação penosa. Concluiremos com a confissão de que esta teoria suscita desde logo grandes problemas, pois

luços: "Outros homens fazem o que querem, mas eu vivi apenas para esta mulher". Nosso paciente supôs que o tio aludia a seu pai pondo-lhe em dúvida a fidelidade conjugal. A-pesar-de o tio repelir enèrgicamente essa interpretação, já não poude anular a impressão produzida no rapaz.

o moço não podia dar a razão ao seu reproche de haver delinquido contra o pai si sabia perfeitamente que jamais se fizera reu de falta alguma para com êle.

Na sessão seguinte, mostrou grande interêsse por minhas explicações, si bem que se permitisse manifestar certas dúvidas sôbre elas:

Como podia produzir um efeito terapêutico a afirmação de que a exprobação e a conciência de culpabilidade eram justificadas? — Não era tal afirmação que produzia êsse efeito e sim a descoberta do conteúdo incógnito, a que correspondia a exprobação. — Sim, mas era precisamente a isto que se referia em sua pergunta. — Expliquei-lhe as ligeiras indicações que lhe dera sôbre *as diferenças psicológicas entre o conciente e o inconciente, e sôbre o desgaste* a que está submetido todo o conciente de passo que o inconciente se conserva relativamente imutavel, servindo-me de uma comparação com as antiguidades que enfeitavam meu gabinete de consulta. Haviam sido descobertas numas excavações e desviam sua conservação ao fato de terem permanecido enterradas. Só depois de ter sido descoberta corria Pompéia o risco de cair em ruinas.

Perguntou então se existia alguma norma geral que regulasse a conduta dos enfermos ante o descoberto. A seu ver, uns dominariam o reproche, outros não. — Nada disso; na própria índole das circunstâncias já estava que o afecto ficasse dominado durante o trabalho analítico, na maioria dos casos.

Assim como se procurava libertar Pompéia, os pacientes sempre procuravam libertar-se de tais idéias. — Êle havia dito a si mesmo que uma exprobação só podia surgir pela transgressão das leis morais mais intimamente pessoais e não das exteriores. Por minha parte, confirmei sua opinião nêste ponto, acrescentando que quem só infringe as normas externas muitas vezes se considera um heroi. — Tal processo portanto, só seria possivel dada uma *dissociação* preexistente *da personalidade.*

Conseguiria êle restabelecer a unidade da sua? Si o conseguisse, sentia-se capaz de realizar coisas invulgares. — Existia, está claro, uma tal dissociação da personalidade, mas devia fundir esta nova antitese por êle anunciada entre a pessoa moral e o Mal, com aqueloutra de que antes havíamos falado, entre o conciente e o inconciente. A pessoa moral seria o conciente e o Mal o inconciente (9). — Recordava que, a-pesar-de considerar-se como uma pessoa moral, levara a cabo, na *infância,* coisas emanadas da outra pessoa.—Com tal observação, lhe disse, descobriria, sem ter tido tal intenção, um dos principais caracteres do inconciente: sua relação com o *infantil.* O inconciente era o infantil e precisamente aquela parte da pessoa que nessa época se separa dela, mas acompanhando no resto da evolução e ficando por isto *reprimida.* As ramificações deste inconciente recalcado eram os elementos que mantinham aquele trabalho

(9) Isto só é exato em traços muito gerais, mas basta como introdução.

mental involuntário, em que consistia a sua doença. Agora também podia descobrir por si mesmo outro carácter do inconciente. — Não acha mais nada e em compensação exprime a dúvida de que se possam anular alterações que subsistiram durante tanto tempo. Que se podia fazer, por exemplo, contra a idéia do além, impossível de contestar lògicamente ? — De minha parte, não negava a gravidade de seu caso e a importância de suas construções mentais, mas sua idade era muito favorável, como também o fato de se achar intata a sua personalidade. Em relação com isto, exprimiam juizo favoravel a seu respeito, que o deixou visivelmente satisfeito.

Na sessão seguinte começou por dizer que me ia contar algo pertencente à sua infância. Como já me expusera, atormentava-o aos sete anos a temerosa preocupação de que seus pais lhe adivinhavam os pensamentos, preocupação que, na realidade, nunca se dissipara completamente em sua vida ulterior.

Aos doze anos, enamorara-se de uma menina, irmã de um amigo (amor não sexual, pois não desejava vê-la núa, quiçá por ser demasiado pequena), mas que não se mostrava tão carinhosa para com êle como desejava. Ocorreu-lhe então a idéia de que, si lhe sucedesse uma desgraça, a menina o trataria com maior ternura, e como tal desgraça, surgiu-lhe imediatamente na imaginação a morte de seu pai. O paciente pueril repeliu imediatamente, com toda energia, tal idéia, e ainda atualmente se defende contra a possibilidade de haver concebido semelhante "desejo",

aduzindo que, em todo caso, se trataria de uma simples "associação mental" (10). — De minha parte, objeto-lhe que si não fôra um desejo, então não tinha por quê censurar-se. — Mas pelo próprio conteúdo da representação, ou seja o de que seu pai podia morrer. — Considerava então, respondi eu, aquela idéia com o mesmo critério que as autoridades aplicam, conforme é geralmente sabido, às ofensas verbais ao soberano, castigando da mesma fórma ao indivíduo que diz: "O imperador é um asno", como ao que disfarça a injúria dizendo: "Si alguem diz que o Imperador é um asno, tem de se haver comigo". Podia apresentar-lhe a mesma idéia que motivava suas exprobações relacionada com algo que as excluia absolutamente, por exemplo: Si meu pai morrer, suicidar-me-ei junto a seu túmulo.

Esta explicação parece impressioná-lo, mas sem lhe fazer renunciar à sua contradição. Opto, pois, por abandonar a discussão, fazendo-lhe observar que a idéia da morte do pai não devia ter surgido naquela ocasião pela primeira vez em seu pensamento, mas evidentemente procedia de muito antes e mais tarde haveríamos de investigar sua procedência.

Êle continúa a narrativa manifestando que seis meses antes da morte do pai lhe cruzara ràpidamente o cérebro uma idéia quasi idêntica. Naquela época, já estava enamorado da senhora anteriormente citada

(10) Não são apenas os neuróticos obsessivos os que se satisfazem com semelhantes consolos puramente verbais.

(11), mas era-lhe impossível pensar em casar-se com ela, por causa de obstáculos de ordem material. Então sua idéia fôra a de que *a morte do pai o faria rico, permitindo-lhe casar-se com sua adorada.* Sua repulsa contra tal idéia foi tão violenta, que chegou até o desejo de que o pai não deixasse a menor fortuna, para que nada pudesse compensá-lo de tão terrivel perda. A mesma idéia, si bem que mais apagada, surgiu pela terceira vez na véspera da morte do pai. Com efeito, pensou que estava a ponto de perder o que mais queria, e imediatamente emergiu a idéia contraditória: "Não; ainda ha outra pessôa cuja morte te pareceria mais dolorosa" (12). O paciente muito estranhava tais pensamentos, pois estava plenamente certo de que a morte do pai nunca poderia ser o conteúdo de um desejo, e sim apenas de um temor. — Depois desta alegação, expressa com a máxima energia, considero oportuno expôr-lhe um novo fragmento da teoria psicanalítica. Esta afirma que semelhante angústia corresponde a um *desejo* pretérito e agora recalcado, devendo-se, portanto, aceitar precisamente o contrário do que parece acentuar. Isto também coïncide com a afirmação teórica de que o inconciente ha de ser a antítese contraditória do conciente. O paciente mostra-se muito impressionado, mas também muito incrédulo e estranha extre-

---

(11) Dez anos antes do início do tratamento.

(12) Aqui se revela claramente uma oposição entre as duas pessoas queridas: o pai e a mulher amada.

mamente que aquele desejo possa ter emergido nêle quando seu pai era precisamente a pessoa que mais carinho lhe inspirava. Não restava dúvida de que gostosamente renunciaria a toda ventura pessoal, si com isto lhe pudesse prolongar a vida. — Respondo-lhe que um carinho tão intenso é justamente a condição necessária do ódio recalcado. Si se tratasse de uma pessoa indiferente, fácil lhe seria manter justapostos os motivos de uma inclinação moderada e de um moderado desvio, por exemplo, si fosse um funcionário e pensasse de seu chefe que era um superior muito agradável, mas um mau jurísta e um juiz deshumano. E' mais ou menos o que Bruto diz, referindo-se a Cesar, na obra de Shakespeare (III, 2): "Porque César me estimava, choro-o; porque era valoroso, honro-o; mas porque era um tirano, matei-o." E taes palavras nos produzem estranha impressão porque havíamos acreditado mais intenso o afecto que Bruto dedicava a César. Tratando-se de uma pessoa mais querida, por exemplo, de sua mulher, aspiraria a dar unidade a seus sentimentos e por conseguinte. como em geral sucede humanamente, teria fechado os olhos ante aquelas faltas que podiam provocar seu desamor. Assim, pois, precisamente um amor muito intenso não permite que o ódio, o qual ha de ter alguma fonte, se conserve conciente. Em seu caso, constituia, desde logo, um problema averiguar a procedência daquele ódio, mas suas próprias manifestações indicavam claramente como época de sua emergência aquela em que temera que os pais lhe adivi-

nhassem os pensamentos. Por outro lado, também se podia perguntar porquê seu intenso carinho não pudera extinguir o ódio, como habitualmente sucede quando se enfrentam dois impulsos opostos. Só se podia supor que o ódio se achava ligado a uma fonte, a um motivo, que o tornava indestrutível. Assim, pois, por um lado, tal relação impedia que o ódio contra o pai fosse destruído pelo carinho, e por outro, o carinho não deixava que o ódio se fizesse conciente, de sorte que ao ódio só restava um caminho: continuar subsistindo no inconciente, do qual, entretanto, lhe era possível escapar fugazmente em certos momentos.

O paciente concede que tudo isto lhe parece muito plausivel, mas, naturalmente, sem a menor convicção verdadeira (13). Toma a liberdade de me perguntar como é que uma tal idéia pode fazer pausas tão longas, surgindo pela primeira vez quando êle tinha doze anos, depois quando já completára os vinte, e pela última e terceira vez dois anos depois, não tornando a emergir desde então. Não podia acreditar que nos intervalos se houvesse extinguido a hostilidade contra seu pai; entretanto, durante êles não fôra atormentado pelas exprobações. A esta pergunta, respondo que, quando alguém a formula, é que também já tem preparada a resposta. Basta deixá-lo continuar a falar. O paciente continua, pois aparentemente sem relacionar suas palavras com as

(13) Tais discussões nunca têm por objeto convencer o enfêrmo. Tendem apenas a levar à conciência os complexos incon-

imediatamente anteriores, — manifestando que sempre fôra o melhor amigo de seu pai, como êste dêle, concordando em tudo salvo num ou noutro tema de que evitavam falar, de tal modo, que a intimidade que entre êles reinava superava em muito a que agora presidia as relações que tinha com o seu melhor amigo. A senhora que antepusera ao seu pai, ao pensar na dor que a morte dêste lhe havia de causar, inspirava-lhe intenso carinho, mas nunca sentira por ela desejos autênticamente *sensuais*. como os que lhe encheram a meninice. Seus impulsos sensuais haviam sido em geral muito mais intensos durante a sua infância do que na época da puberdade.

Observo-lhe que já deu a resposta que esperávamos, descobrindo com ela o terceiro carácter principal do inconciente. A fonte da qual extraía hostilidade contra o pai, sua indestrutibilidade, achava-se relacionada, evidentemente, com *desejos sensuais*, para cuja satisfação o pai seria, a seu vêr, de certo modo, um estôrvo. Tal conflito entre a sensualidade e o amor filial é absolutamente típico. As pausas a que antes abordára eram devidas ao fato de que a explosão precoce de sua sensualidade trouxera consigo, como primeira conseqüência, um apaziguamento da mesma. só quando de novo nêle surgiram intensos

---

cientes, transferir ao terreno da atividade anímica conciente a pugna travada em tôrno dêles e facilitar a emergência de novo material inconciente. A convicção logo surge, uma vez que o enfêrmo elabora o material obtido. Enquanto êle se mostra ainda hesitante, é sinal certo de que ainda não se esgotou o material.

desejos amorosos, tornara a emergir a hostilidade ao constituir-se uma situação análoga. Por fim, faço com que me confirme não havê-lo orientado de minha parte para o tema sexual, e que fôra êle mesmo quem espontâneamente ingressara nêste terreno. — O paciente pergunta agora porquê na época em que se enamorada daquela senhora, não decidira simplesmente, para seu govêrno, que uma oposição do pai jamais chegaria a diminuir, mesmo na proporção mais ínfima, seu carinho por êle. — Respondo-lhe que é muito difícil acabar com alguém que está ausente e que tal decisão só teria sido possível no caso de o desejo repreensível haver surgido nêle então pela primeira vez. Tratava-se, porém, de um desejo *recalcado ha muito tempo,* contra o qual já não lhe era possível portar-se de modo diferente e que, portanto, ficou subtraído à destruição. Aquele desejo de fazer desaparecer o pai para que deixasse de ser um estôrvo devia ter nascido em tempos em que as circunstâncias eram muito diversas, isto é, talvez quando o pai não lhe era tão querido como a pessoa sensualmente desejada ou quando êle mesmo ainda não era capaz de uma decisão clara e concreta, isto é, em sua remota infância, antes dos seis anos, data a partir da qual sua memória já adquiriu continuidade. — Com esta hipótese ficou provisoriamente encerrada a discussão.

Na sessão seguinte, a sétima, o paciente retoma o mesmo tema. Não podia crer que houvesse jamais abrigado aquele desejo hostil ao pai. Recordava uma novela de Sudermann que o impressionara funda-

mente, na qual uma jovem que velava à cabeceira da irmã enfêrma sentia de repente o desejo de que ela morresse para poder casar-se com o cunhado; tendo realmente falecido a irmã, ela suicida-se, convencida de que depois de haver abrigado, ainda que por breves instantes apenas, tão ignóbil desejo, não merecia continuar vivendo. O paciente compreendia aquela resolução e achava muito justo que aqueles seus tristes pensamentos o levassem ao túmulo, pois não merecia outra coisa (14). Fiz-lhe observar que nós outros, os psiquiatras, sabemos muito bem que a enfermidade proporciona aos enfêrmos certa satisfação, de modo que todos êles oferecem uma resistência parcial à cura.

O paciente quer agora falar de um ato delituoso no qual não se reconhece, mas que recorda com toda clareza, citando a êste respeito um aforismo de Nietzsche: *"Eu fiz isso", diz minha memória. "Não posso ter feito isso", diz meu orgulho e permanece inexorável. Enfim, a memória cede* (15). Depois, prossegue: "Nêste caso, minha memória não cedeu". — Precisamente, porque para castigar-se a sí mesmo, o senhor tira prazer de suas censuras. — Com meu irmão menor, — ao qual me liga agora um grande afecto, e que precisamente nêstes dias me traz muito pre-

(14) Tal sentimento de culpabilidade contradiz abertamente sua primitiva afirmação de nunca ter abrigado qualquer desejo hostil contra o pai. O fato de a uma negação inicial seguir-se imediatamente uma confirmação, indireta a princípio, do que foi negado, é um tipo muito freqüente da reação contra os elementos recalcados descobertos pela análise.

(15) *Jenseits von Gut und Böse*, IV, 68.

ocupado, pois quer fazer um casamento que me parece um disparate, tendo-me até ocorrido, mais de uma vez, a idéia de tomar o trem e assassinar-lhe a noiva, para impedí-lo de casar-se com ela, — com meu irmão menor, dizia, muitas vezes briguei em tempo de menino. Não obstante, estimávamo-nos muito e éramos inseparáveis, si bem que eu tivesse intensos ciumes dêle, pois era mais forte, mais bonito do que eu, e todos lhe davam preferência. — O senhor já me comunicou uma tal cena de ciúmes motivada por umas palavras da srta. Lina. — Depois dessa ocasião, e seguramente antes de eu fazer oito anos, pois ainda não ia ao colégio, no qual ingressei pouco depois de completá-los, fiz o seguinte: Tínhamos umas espingardas de brinquedo. Carreguei a minha com a vareta, disse a meu irmão que si olhasse pelo cano veria uma coisa muito bonita e, quando estava a olhar, disparei. A vareta acertou-lhe na testa sem lhe fazer nada, mas minha intenção fôra causar-lhe muito mal. Logo depois de disparar a espingarda, atirei-me ao chão, fóra de mim, e pus-me a rolar por êle, perguntando: Como pude fazer semelhante coisa-? Mas tinha-a feito. — Quero aproveitar esta ocasião favorável à minha causa: Si havia conservado em sua memória um fato tão contrário à sua verdadeira personalidade, já não podia negar a possibilidade de que em uma época ainda mais remota houvesse realizado coisa análoga contra seu pai, que hoje já não recordasse. — Diz o paciente que também recordava outros impulsos de vingança contra a se-

nhora de quem estava tão enamorado e de cujo carácter desenvolve agora uma descrição entusiasta, afirmando que não lhe era fácil amar e que se reservava para aquele a quem teria de pertencer um dia. Ao nosso paciente, não o amava. Quando êle teve certeza disso, teceu uma fantasia conciente em que se tornava imensamente rico, casava-se com outra e fazia em seguida, acompanhado por ela, uma visita ao seu primeiro amor para irritá-lo. Mas nêste ponto lhe falhou a imaginação, pois teve de confessar a si mesmo que a outra mulher, em quem personificava sua espôsa, lhe era totalmente indiferente, embaralharam-se-lhe os pensamentos e afinal só via claramente que a outra devia morrer. Também nesta fantasia encontra, como no atentado contra seu irmão, o matiz de covardia que tanto lhe repugna (16). No correr de minha palestra com êle, advirto-lhe que, logicamente, deve considerar-se completamente irresponsável de tais rasgos de seu carácter, pois semelhantes impulsos repreensíveis procedem todos da vida infantil, correspondendo a ramificações do carácter infantil subsistentes no inconciente, e conforme êle sabe muito bem, não é possível atribuir ao menino uma responsabilidade ética. Do conjunto das disposições da criança nasce no correr da evolução o homem èticamente responsável (17). Mas o paciente duvída

---

(16) Pormenor que mais adiante encontrará sua explicação.

(17) Junto êstes argumentos só para confirmar novamente sua ineficiência. Não posso compreender como outros psicoterapêutas afirmam combater satisfatòriamente as neuroses com tais armas.

de que todos os seus impulsos perversos tenham tal procedência e eu prometo demonstrar-lhe no decurso do tratamento.

Alega ainda que sua enfermidade se intensificou sumamente desde a morte do pai e nêste ponto lhe dou razão, ao reconhecer a tristeza provocada pela morte de seu pai como fonte principal da intensificação da enfermidade. E' como si a tristeza houvesse achado na enfermidade uma expressão patológica. Enquanto uma tristeza normal se extingue em um ou dois anos, uma tristeza patológica como a dêle pode atingir uma duração ilimitada.

Chega até aqui o que desta observação clínica posso comunicar minuciosamente e conservando a verdadeira ordem de sucessão. Coïncide aproximadamente com a exposição do tratamento, o qual se estendeu através de onze meses.

e) ALGUMAS REPRESENTAÇÕES OBSESSIVAS E SUA TRADUÇÃO

Como é sabido, as representações obsessivas se mostram imotivadas ou disparatadas, como o texto de nossos sonhos noturnos. O primeiro trabalho que impoem é o de dar-lhes um sentido e um lugar na vida anímica do indivíduo, de modo que se tornem compreensíveis e mesmo evidentes. Mas, nêste trabalho de tradução, não devemos deixar-nos induzir em êrro por sua aparente insolubilidade, pois as idéias obsessivas mais insensatas ou extravagantes acabam

sendo solucionadas mercê de um trabalho adequadamente profundo. Pois bem, a esta solução só se chega desde que se consiga relacionar cronologicamente as idéias obsessivas com a vida do paciente, isto é, investigando quando surgiu pela primeira vez cada uma delas e em que circunstâncias externas costuma repetir-se. Portanto, quando se trata de idéias obsessivas cuja existência foi breve, coisa muito freqüente, nosso trabalho de investigação se simplifica extremamente. Fàcilmente nos podemos convencer de que uma vez conseguido o descobrimento da relação da idéia obsessiva com a vida do enfêrmo, imediatamente se torna acessível à nossa penetração tudo o que o produto patológico encerra de enigmático e interessante, ou seja sua significação, o mecanismo de sua gênese, e sua procedência das fôrças instintivas psíquicas dominantes.

Começarei com um exemplo especialmente transparente do *impulso ao suïcídio*, freqüentíssimo em nosso paciente, impulso cuja simples exposição quasi equivale à sua análise. Nosso paciente perdeu algumas semanas de estudo por causa da ausência da mulher amada, que saíra de viagem para ir cuidar da avó enfêrma. "Achando-se atentamente consagrado ao estudo, ocorreu-lhe de repente: Não é difícil cumprir a decisão de apresentar-se bem preparado nos próximos exames. Mas que sucederia si se te impusesse a decisão de cortar o pescoço com a navalha de barbear ? Imediatamente, percebeu que aquela decisão acabava efectivamente de impor-se-lhe, foi até o ar-

mário apanhar a navalha, mas então pensou: Não, não é tão simples. Tens de assassinar essa velha que te separou de tua amada. Aterrado ante tão criminosos estímulos, alquebraram-se-lhe as pernas e caíu redondamente no chão".

A relação desta idéia obsessiva com a vida do paciente já está contida no início de seu raconto. Sua amada estava ausente enquanto êle se consagrava com toda aplicação ao estudo, para entrar quanto antes em exame e tornar possível seu casamento com ela. Durante o estudo, invadíu-o a saudade da ausente e pensou na causa de sua ausência, surgindo então nêle algo que num homem normal se teria limitado a um impulso ligeiramente hostil contra a velha doente: "Tabém é aborrecido que essa velha tenha adoecido precisamente no momento em que tanto desejo ver minha amada!" Coisa análoga, mas muito mais intensa, foi a que emergiu em nosso paciente. Um acesso inconciente de cólera que, juntamente com a saudade da mulher amada, encontrou sua expressão na exclamação seguinte: "Quisera ir ali e assassinar essa velha, que me priva de ver a mulher a quem amo!" Segue-se imediatamente o mandato punitivo: "Mata-te antes, para castigar-te de tais impulsos coléricos e assassinos !" Todo o processo penetra então, com um afecto violentíssimo e *em sucessão inversa* — primeiro o mandamento punitivo, depois a menção dos impulsos penosos —, na conciência do enfêrmo. Não creio que esta tentativa de explicação pareça forçada ou acarrete demasiados elementos hipotéticos.

Outro impulso de maior duração a um suicídio indireto foi mais difícil de esclarecer, porque poude ocultar sua relação com a vida do paciente detrás de uma daquelas associações externas que à nossa conciência parecem tão dignas de ser afastadas. Um dia, achando-se numa estação de veraneio, surgiu-lhe de repente na mente a idéia de que estava demasiado gordo e tinha de emagrecer. Começou, pois, a retirar-se da mesa antes que lhe servissem o último prato, a correr sem chapéu pelas ruas sob o ardente sol de Agosto e a subir as encostas da montanha, a passo ginástico, até que a fadiga o fazia deter-se banhado em suor. Detrás desta mania de emagrecer surgiu também uma vez, sem nenhum véu, o propósito suïcída, quando, ao chegar à borda de um precipício, se lhe impôs o mandato de atirar-se ao fundo dêle.

A solução dêstes disparatados atos obsessivos deparou-se em seguida ao nosso paciente, ao lembrar-se de repente que naqueles dias também se achava na mesma estação de veraneio a sua amada, mas acompanhada de um inglês, seu primo, que a cortejava, inspirando intensos ciumes ao nosso jovem. Chamava-se o tal primo Ricardo, e de acôrdo com o costume geral na Inglaterra era tratado por Dick. Os impulsos homicidas de nosso paciente voltaram-se então para êste Dick, do qual tinha muito mais ciumes do que confessava, e eis a razão porquê se impôs como auto-castigo a cura de emagrecimento. Si bem que êste impulso obsessivo pareça diferente do anterior mandato direto de suïcídio, tem de comum com êle um traço

importantíssimo: sua gênese como reação a uma cólera violenta, não integralmente apreensível pela conciência, contra uma pessoa que constitue um obstácclo ao amor do paciente.

Outras representações obsessivas novamente orientadas para a pessoa da mulher amada mostram mecanismos diversos e diferentes procedências instintivas. Durante a permanência de sua amada na residência de verão, o paciente se prestou, afora aquela mania de emagrecer, a toda uma série de atividades obsessivas que, ao menos parcialmente, se referiam à pessoa querida. Uma vez em que estava passeando com ela de barco, sob um vento muito forte, teve de obrigá-la a cobrir-se com seu gorro, pois surgira nêle o mandamento de que *nada devia suceder à moça*. Era esta uma espécie de *obsessão protetora*, que produziu diferentes atos. Outra vez, durante uma tormenta, impôs-se-lhe a obsessão de chegar a contar até 40 ou 50 entre o relâmpago e o trovão, sem saber absolutamente porquê tinha de fazê-lo. No dia em que sua amada partiu, o paciente, tropeçou numa pedra da rua, e teve de afastá-la para um lado, porquê lhe ocorreu que, daí a algumas horas, passaría por alí o carro em que iría a moça e poderia tombar por causa daquela pedra. Mas minutos após pensou que tudo aquilo era um disparate, e teve de voltar e colocar novamente a pedra no lugar que antes ocupava no meio da rua. Depois da partida de sua amada, apoderou-se dêle uma *obsessão de compreensão* que o tornou insuportável aos seus, pois se obrigava a

compreender exatamente cada uma das sílabas pronunciadas pelos que a êle se dirigiam, como si de outro modo fosse perder um grande tesouro. Em conseqüência, perguntava repetidas vezes: "Que disseste?" E quando lho tornavam a explicar, pretendia que da primeira vez haviam dito outra coisa e continuava insatisfeito.

Todos êstes produtos da enfermidade dependem de um fato que então dominava suas relações com a mulher a quem amava. Ao despedir-se dela em Viena, no princípio do verão, interpretou certa frase da moça no sentido de que tratava de negar ante a sociedade alí reünida suas relações de amizade com êle, e isto o fez sentir-se infeliz. Na estação de veraneio teve ocasibo de explicar-se com ela, e a senhora poude demonstrar-lhe que sua intenção com aquelas palavras mal interpretadas por êle fôra a de evitar-lhe caír no ridículo. Nosso paciente tornou a sentir-se ditoso. A obsessão de compreender alude diretamente a êste acontecimento, apresentando-se estruturada como si o paciente tivesse dito de si para consigo: "Depois de semelhante experiência, deves procurar não interpretar errôneamente as palavras de ninguém, si queres poupar-te muitos desgostos inúteis". Mas essa intenção é não só generalizada, mas também — talvez por causa da ausência da mulher amada — deslocada de sua pessoa a todas as demais, muito menos interessantes. A obsessão pode ter surgido da satisfação que as explicações da amada despertaram no paciente; mas, indubitâvelmente, também exprime, ao mesmo

tempo, coisa diferente, pois culmina em dúvidas desagradáveis sôbre a exata reprodução do que foi escutado.

Os demais mandamentos obsessivos nos põem na pista destoutro elemento. A obsessão protetora só pode significar uma reação — remorso e penitência — contra um impulso antitético, e portanto hostil, orientado para a pessoa amada antes de suas explicações. A obsessão de contar que o acometeu durante a tempestade fica interpretada, com ajuda do material já acumulado, como uma medida defensiva contra temores que significavam um perigo de morte. Pelas análises das representações obsessivas anteriormente citadas, já sabemos qce os impulsos hostís de nosso paciente são singularmente violentos — como acessos de cólera insensata —, e achamos, em seguida, que essa cólera contra sua amada continúa a trazer, depois da reconciliação, suas contribuições aos produtos obsessivos. Na dúvida obsessiva de ter ouvido bem fica representada a dúvida, ainda subsistente, de saber si realmente compreendeu bem desta vez a frase da mulher querida e si pode interpretar justificadamente suas explicações como uma prova de carinho. Trava-se em nosso apaixonado um violento combate entre o amor e o ódio, ambos orientados para a mesma pessoa, e êste combate é plàsticamente representado no ato obsessivo, também importante como símbolo, de afastar do caminho a pedra e em segcida anular aquele ato de amor trazendo de novo o perigoso obstáculo ao lugar que ocupava, para que o carro em

que vem sua amada bata na pedra e tombe. Interpretaremos errôneamente esta segunda parte do ato obsessivo, considerando-a tão sómente como uma retificação crítica da atividade patológica, que é precisamente pelo que o mesmo trata de passar. O fato de ter sido levado a cabo também sob uma coerção obsessiva, denuncía que é por si mesmo uma parte da atividade patológica, si bem que condicionada pela antítese do motivo de sua primeira parte.

Tais atos obsessivos em dois tempos, cuja primeira parte é anulada pela segunda, são típicos da neurose obsessiva. Naturalmente, são mal interpretados pelo pensamento conciente do enfêrmo, o qual os provê de uma motivação secundária, *racionalizando-os* (18). Mas seu verdadeiro significado está na representação do conflito entre dois impulsos antitéticos da grandeza aproximadamente igual e, que eu saiba, sempre da antítese de ódio e amor. Apresentam um especial interêsse teórico porque nos mostram um novo tipo da formação de sintomas. Em vez de encontrar, como regularmente sucede na histeria, uma transação que reüne os elementos antitéticos numa só representação, matando assim dois pássaros com um tiro (19), aqui se satisfazem ambos elementos separadamente, primeiro um, depois o outro, sem deixar

---

(18) Cfr. Ernest Jones, *Rationalisation in every-day life*. "Journal of abnormal psychology", 1908.

(19) Cfr. Freud, *Hysterische Phantasien und ihre Beziehung zur Bisexualität* (*Ges. Schriften*, vol. 5).

todavia, de realizar antes a tentativa de estabelecer entre ambos uma ligação lógica, às vezes desprovida de toda lógica.

O conflito entre o amor e o ódio ainda achou em nosso paciente outros meios diferentes de expressão. Na época em que tornou a sentir-se religioso, impôs a si mesmo a obrigação de rezar, e o tempo que dedicava a isto foi-se tornando cada vez mais dilatado, até chegar a uma hora e meia, pois sempre se imiscuia em suas preces algo que as convertia no contrário. Si, por exemplo, dizia: "Deus o proteja", o espírito maligno acrescentava imediatamente um não. Numa ocasião, teve a idéia de blasfemar, certo de que ao fazê-lo também se introduziria em suas frases algo que as converteria no contrário, oportunidade em que se abriu caminho a primitiva intenção recalcada pela prece. Em tal apuro, o paciente encontrou a saída de abandonar suas orações e substituí-las por uma breve fórmula organizada com as primeiras letras ou as primeiras sílabas de diferentes rezas, e pronunciava-a com tal rapidez que nada se podia introduzir nela.

Uma vez me contou um sonho, que continha a representação do mesmo conflíto, transferida à minha pessoa: Minha mãe falecera. O paciente queria darme pêsames, mas temia deitar a rir impertinentemente ao exprimir suas condolências, coisa que já lhe sucedera outras vezes.

A luta de seus sentimentos em relação à amada era demasiado clara para que pudesse escapar comple-

tamente à sua percepção conciente, si bem que das manifestações obsessivas da mesma devamos deduzir que não possuia idéia exata da profundidade de seus impulsos negativos.

Essa mulher repelira, dez anos antes, sua primeira declaração amorosa. A partir daquela data, o paciente vivia, alternativamente, períodos em que acreditava amá-la intensamente e outros em que ela lhe inspirava absoluta indiferença. Durante o tratamento, sempre que devia dar algum passo que o aproximava da meta de suas pretenções, sua resistência exteriorizava-se habitualmente na convicção de que na realidade não a amava, convicção que, entretanto, não tardava a desaparecer. Numa ocasião em que caíu gravemente enfêrma, doença que intensificou seu interêsse por ela, surgiu no nosso jovem o desejo de que tal enfermidade a obrigasse a permanecer para sempre no leito. O paciente interpretou engenhosamente tal idéia no sentido de que si desejava vê-la sempre enfêrma era para libertar-se da angústia insuportável que lhe provocava o pensamento de que uma vez curada podia adoecer de novo. De vez em quando ocupava sua fantasia com sonhos diurnos, que êle mesmo reconhecia como fantasias vingativas e das quais se envergonhava. Julgando que sua amada concedia grande valor à posição social de seus pretendentes, fantasiava que se casara com um homem que desempenhava um cargo oficial. Em seguida, conferiam-lhe um pôsto análogo e era ràpidamente promovido, até se tornar muito superior ao outro. Um

dia, aquele homem cometia um ato passível de púnição e seu antigo amor se atirava a seus pés rogando-lhe que lhe salvasse o marido. Prometia-lhe fazê-lo e revelava-lhe que si um dia aceitara um cargo oficial fôra sómente por amor dela, pois previra que chegaria um momento em que lhe poderia ser útil. Agora, uma vez cumprida a sua missão, salvando-lhe o marido, pediria demissão imediatamente.

Noutras fantasias, em que se lhe deparava ocasião de prestar à sua amada um importante serviço sem que a mesma soubesse que a êle o devia, o paciente reconhecia apenas o carinho que a mulher lhe inspirava, e não os sentimentos hostís qce o afecto mantinha recalcado. Além disto, confessava que em certas ocasiões sentia evidentes impulsos de causar algum mal à sua adorada. Tais impulsos via de regra se apaziguavam quando a tinha perto de si e só longe dela surgiam.

f) A MOTIVAÇÃO DA ENFERMIDADE

Numa das sessões do tratamento, o paciente mencionou incidentalmente um fato em que tive de reconhecer imediatamente o motivo ocasional da moléstia, ou pelo menos o motivo recente da explosão da mesma, surgida ha seis anos e ainda hoje subsistente. O paciente não tinha a menor suspeita de haver mencionado alguma coisa importante, nem se lembrava de jamais ter concedido qualquer valor àquele

fato, que por outro lado também nunca lhe saíra da memória. Esta circunstância exige um comentário teórico.

Na histeria, é regra geral que os motivos recentes da doença sucumbam à amnésia da mesma forma que os acontecimentos infantís, com cujo auxílio aqueles transformam sua energia afectiva em sintomas. Nos casos em que se torna impossível um esquecimento total, o motivo traumático recente é atacado de qualquer forma pela amnésia e despojado ao menos de seus principais elementos. Em tal amnésia, vemos a prova de uma repressão anterior. Outra coisa sucede, via de regra, na neurose obsessiva. As premissas infantís da neurose podem haver sucumbido a uma amnésia, sómente a-miúde incompleta, mas em compensação os motivos recentes da enfermidade se mostram conservados na memória. O recalcamento utilizou aqui um mecanismo diferente e, na realidade, mais simples. Em vez de esquecer o traumatismo, despojou-o de sua carga de afecto, de sorte que na conciencia resta apenas um conteúdo ideologico indiferente e considerado insignificante. A diferença está no processo psíquico que podemos construir detrás de tais fenômenos. Mas o resultado é quasi o mesmo, pois o conteúdo de memória indiferente só muito raras vezes é reproduzido e não desempenha papel algum na atividade mental conciente da pessoa. Para diferençar essas duas formas do recalcamento, podemos basear-nos desde logo na afirmação do paciente de que tinha a sensação de sempre haver sabido um e

em compensação de haver esquecido o outro ha muito tempo (20).

Não é, portanto, absolutamente raro que os doentes de neurose obsessiva, atormentados por auto-exprobações e que ligaram seus afectos a motivos errôneos, comuniquem ao médico os verdadeiros, sem suspeitar que suas censuras correspondem a êles, achando-se apenas fóra de sua conexão com os mesmos. Em tais ocasiões costumam exclamar, assômbrados e até com arrogância, que aquilo para êles não tem a menor importância. Assim sucedeu no primeiro caso de neurose obsessiva que me proporcionou, já ha muitos anos, a compreensão de tal doença. O paciente, um funcionário assoberbado por inúmeras preocupações, chamou-me a atenção pelo fato de que, ao pagar-me os honorários de cada consulta, sempre me entregava notas lisas e limpas. Numa dessas ocasiões lhe disse, gracejando, que sua qualidade de funcionário público se revelava naquelas notas flamantes, diretamente recebidas dos cofres do Estado. Êle respondeu-me que tais notas não eram absolutamente novas; tinha o costume de limpá-las e passá-las em

(20) Devemos conceder, por conseguinte, que na neurose obsessiva ha duas classes de conhecimento, e com o mesmo direito podemos afirmar que o neurótico obsessivo "conhece" seus sonhos ou que não os "conhece". Conhece-os, efectivamente, porque não os esqueceu, e não os conhece porque ignora sua significação. O mesmo se passa na vida normal. Os criados que serviam o filósofo Schopenhauer no restaurante em que costumava comer, "conheciam-no", em certo sentido, numa época em que Schopenhauer era desconhecido fora de Francfort, mas não no sentido em que hoje cogitamos ao falar do "conhecimento" dêsse filósofo.

casa, pois lhe dava remorso de conciência entregar a alguém notas sujas, nas quais seguramente devia haver milhões de micróbios, que podiam causar graves danos a quem as recebesse.

Nessa época, eu já vislumbrava obscuramente a relação das neuroses com a vida sexual, e, por conseguinte, atreví-me a perguntar ao paciente sôbre a sua.

Sua resposta foi que nela não advertia anormalidade alguma nem sentia faltar-lhe nada, e acrescentou a seguinte confissão: "Em muitas casas burguesas desempenho o papel de um velho parente amável e aproveito-o para convidar de vez em quando uma mocinha a fazer uma excursão pelo campo, arranjando-me de maneira que percamos o trem e tenhamos de passar a noite fora da cidade. Está claro que no hotel peço dois quartos; mas quando a moça vai para a cama, entro no dela e masturbo-a com meus dedos". — E não receia causar-lhe algum dano, infectando-lhe os órgãos genitais com suas mãos sujas ? — O paciente mostrou-se indignado: "Que dano lhes posso causar ? A nenhuma lhe pareceu mal até agora e muitas delas hoje em dia estão casadas e continuam a manter relações comigo". — Tomou muito a mal minha observação e não voltou a consultar-me. Por minha parte, pude compreender seu escrúpulo quanto às notas e sua falta de escrúpulo quanto às moças confiadas à sua guarda, explicando-o por um deslocamento da afectividade concomitante à censura. A tendência de tal deslocamento era suficientemente visivel: Si deixasse a censura lá onde era justificada,

tinha de renunciar a uma satisfação sexual a que o impeliam, decerto, enérgicas determinantes infantís. Conseguia, pois, com êsse deslocamento, uma vantagem considerável.

Devemos agora encarar em todas as suas minúcias a motivação da doença de nosso paciente. Sua mãe fôra educada em casa de um seu parente de longe, proprietário de uma importante empresa industrial. Ao casar-se com ela, seu pai entrou ao serviço dessa empresa e, dêste modo, o matrimônio lhe proporcionou uma posição desafogada.

Por certas conversações em familia que o paciente escutou, veio a saber que seu pai primeiramente fizera a côrte a uma excelente moça de família modesta, tempo antes de conhecer sua mãe. Depois da morte do pai, a mãe comunicou-lhe um dia ter falado sôbre o seu futuro com seus parentes ricos, e revelou-lhe que um de seus primos se mostrara disposto a conceder-lhe a mão da filha quando terminasse seus estudos. A entrada na rica empresa industrial, mediante êsse matrimônio, assegurar-lhe-ia um futuro brilhante. Tais projetos de família fizeram surgir nêle êste conflito: devia permanecer fiel à mulher que amava, desprovida de fortuna, ou devia, ao contrário, seguir as pègadas de seu pai, casando-se com a moça rica, bonita e distinta que sua família lhe destinava. E êsse conflito, que na realidade o era entre seu amor e a vontade do pai, ainda viva em seu espírito, resolveu-o o paciente adoecendo. Ou me-

lhor: Eludiu, por meio da enfermidade, o trabalho de resolvê-lo na realidade (21).

A prova desta interpretação temo-la no fato de que o principal resultado da enfermidade foi uma tenaz incapacidade de trabalhar, que o obrigou a protelar por um ano a conclusão de seus estudos. Pois bem, aquilo que se nos depara como resultado de uma doença não é sinão o propósito da mesma, e seu resultado aparente é, na realidade, sua causa e motivo.

Naturalmente, a princípio minha explicação não foi aceita pelo paciente. Não podia crer que o plano matrimonial pudesse produzir-lhe um tal efeito, pois no momento em que lho haviam anunciado não lhe fizera a menor impressão. Mas no correr do tratamento chegou a convencer-se da exatidão de minha hipótese. Valendo-se de uma fantasia de transferência, viveu como si fosse presente e atual algo passado e esquecido ou de que nem chegara a ter conciência. Depois de um período muito obscuro e intricado do tratamento, viemos a saber que supusera fosse minha filha uma moça com quem se cruzara uma tarde na escada de minha casa. Tendo-lhe agradado essa jovem, imaginou que si eu me mostrava tão amável e paciente para com êle, era porque o queria para genro, fantasia na qual elevou a distinção e a riqueza de minha casa até o nivel por êle desejado. Mas contra semelhante

---

(21) Deve-se fazer ressaltar que o refúgio na enfermidade lhe foi facilitado por sua identificação com o pai, a qual permitiu a regressão da afectividade aos resíduos da infância.

tentação lutava nêle seu inextinguível amor à senhora de seus pensamentos. Depois que conseguimos dominar toda uma série de intensas resistências e de amargas exprobações, já lhe foi possível esquivar-se ao efeito convincente da perfeita analogia entre a transferência fantasiada e a realidade passada.

Vou reproduzir aqui um de seus sonhos dessa época, para mostrar com um exemplo o estilo de sua representação: *Vê minha filha diante dêle, mas em vez de olhos tem duas bolotas de lixo.* Basta conhecer um pouco da linguagem dos sonhos para achar facílima a tradução dêste: *O rapaz casa-se com minha filha, não por seus belos olhos, mas por seu dinheiro.*

g) O COMPLEXO PATERNO E A SOLUÇÃO DA IDÉIA DOS RATOS

Da motivação da enfermidade em sua idade adulta, partia um fio que nos conduzia à infância do paciente. Achava-se numa situação tal e qual aquela em que sabia ou suspeitava que seu pai se achara antes de seu matrimônio, e assim lhe era possível identificar-se com êle. Ainda noutra forma intervinha o pai na recente irrupção da enfermidade.

O conflito patológico era, em essência, uma luta entre a vontade sobrevivente do pai e a inclinação amorosa do paciente. Recordando as confissões que êste nos fizera nas primeiras sessões do tratamento, não podemos rejeitar a suspeita de que essa luta vinha

de data muito anterior, tendo-se já iniciado nos anos de sua infância.

De acôrdo com todas as informações, o pai de nosso paciente fôra um homem excelente. Antes de se casar, pertencera ao exército na qualidade de sub-oficial, e a vida militar deixara nêle, como resíduos, uma certa rudeza de expressão e um grande amor à verdade. Afora aquelas virtudes que os epitáfios habitualmente atribuem a todos os falecidos, tinha um humor excelente, cordialíssimo, e uma bondade afável para com todos os seus semelhantes. Sem dúvida, êste carácter não é contraditado, e sim antes completado pelo fato de ser via de regra violento e fàcilmente irritável, circunstância que valeu a seus filhos, enquanto foram pequenos e travessos, sensíveis corretivos.

Quando os meninos cresceram, o pai díferenciou-se dos demais em que não tratou de elevar-se à categoria de autoridade íntangível, mas revelou aos filhos, com uma bondosa sinceridade, as pequenas faltas e deslises de sua vida. Seu filho decerto não exagerava ao manifestar que suas relações haviam sido as de dois bons amigos, excepto num único ponto.

Dêste ponto, devia depender que o menino pensasse com uma intensidade índevida e não habitual na morte do pai, que tais idéias emergissem no conteúdo lateral de suas idéias obsessivas infantis e que chegasse a desejar que o pai morresse para que uma certa

mocinha, compadecida de sua desgraça, se mostrasse mais carinhosa com êle.

Não resta dúvida de que no terreno da sexualidade existia alguma diferença entre o pai e o filho, nem tão pouco de que o pai chegara a postar-se como um óbice ante a sexualidade precoce do filho. Anos após a morte do pai, quando o filho conheceu pela primeira vez o prazer da cópula, assaltou-o a idéia de que aquele gôzo era tão extraordinário que valia a pena assassinar seu pai para conseguí-lo.

Essa idéia era a um só tempo um eco e uma intensificação de suas idéias obsessivas infantis.

Pouco tempo antes de sua morte, o pai já tomara uma atitude oposta à inclinação que mais tarde veio a dominar o filho. Observou que procurava a companhia daquela senhora e aconselhou-lhe que se afastasse dela, dizendo-lhe que de outro modo só poderia cair no ridículo.

A êstes pontos de apôio, perfeitamente firmes, vem juntar-se outro quando tomamos em consideração a história da atividade sexual onanista de nosso paciente. Encontramos nêste terreno uma diferença de critério entre os médicos e os doentes.

Êstes últimos se mostram unânimes em considerar como raiz e fonte de todos os seus padecimentos o onanismo, dando êste nome à masturbação da puberdade. Os médicos, em geral, não sabem precisamente que juizo formar sôbre êle, mas, influenciados pela experiência de que também a maioria dos homens normais passou durante a puberdade por um

período de onanismo, inclinam-se quasi todos a considerar exageradas as manifestações dos enfermos. A meu ver, nêste ponto, a razão está antes com os doentes, que vislumbram um dado perfeitamente exato, de passo que os médicos se arriscam a passar por alto sôbre uma coisa essencial. Subentende-se que não é na forma em que os doentes o entendem, como onanismo da puberdade, quasi típico e geral, que êle pode ser feito responsável de todos os transtornos neuróticos. Mas tal onanismo não é, na realidade, mais que a reviviscência do onanismo da idade infantil, ao qual até agora não se prestou a devida atenção e que alcança seu ponto culminante aos três, aos quatro ou aos cinco anos, sendo êste onanismo certamente a manifestação mais nítida da constituição sexual da criança, na qual tambem procuramos a etiologia das neuroses ulteriores. Assim, pois, os enfermos acusam realmente, por essa via indireta, sua sexualidade infantil, e nisto têm razão de sobra. Em compensação, o problema do onanismo torna-se insolúvel quando se pretende considerar êste último como unidade clínica e se esquece que representa a derivação dos mais diversos componentes sexuais e das fantasias por êles alimentadas. A nocividade do onanismo só em parte ínfima é autônoma, ou seja, condicionada por sua propria natureza. Essencialmente, coïncide com a significação patogênica da vida sexual. O fato de tantos indivíduos tolerarem sem perturbação alguma o onanismo, isto é, um certo abuso de semelhante atividade, demonsra-nos que nêles a constituição sexual e o

curso dos processos evolutivos da vida sexual permitiram o exercício da função sob as condições culturais (22) de passo que outros por causa de uma constituição sexual desfavoravel ou de uma perturbação do desenvolvimento adoecem em sua sexualidade, isto é, não podem levar a cabo a repressão e a sublimação dos componentes sexuais sem inibições e produção de substitutivos.

A conduta de nosso paciente em relação ao onanismo fôra extremamente singular. Não praticou absolutamente o onanismo na puberdade e, portanto, segundo determinadas esperanças, teria direito a conservar-se isento de qualquer neurose. Em compensação, o impulso à atividade onanista surgiu nêle aos vinte e um anos, *pouco tempo depois da morte do pai*. Depois de cada satisfação sexual dêste gênero, sentia-se extraordinariamente envergonhado e não tardou a suprimí-la por completo. A partir dêsse momento, o onanismo só tornou a surgir nêle em ocasiões raras e muito singulares. Especialmente em momentos felizes de sua vida ou sob a impressão de passagens singularmente belas de suas leituras. Por exemplo, quando numa formosa tarde estival ouvia um postilhão tocar com grande maestria sua trompa de caça, até que um guarda o impediu de continuar por ser proïbido fazê-lo dentro da cidade. E outra vez, ao ler em "Poesia e Verdade" como o jovem Goethe,

(22) Cfr. Freud, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 1905.

possuido de amoroso entusiasmo, se libertou da maldição que uma mulher ciumenta lançara sôbre a primeira que depois dela lhe beijasse os lábios. Durante muito tempo aquela maldição o impedira supersticiosamente de beijar qualquer mulher, mas nessa ocasião rompeu o maléfico encantamento que o encadeava e beijou apaixonadamente sua amada.

O próprio paciente estranhava que precisamente naqueles momentos felizes e elevados de sua vida se sentisse impelido a masturbar-se.

Mas, de minha parte, tive de encontrar naqueles dois exemplos um elemento comum: A proïbição e o fato de infringir um mandato.

Ao mesmo contexto tambem pertence sua singular conduta num período em que se preparava para uns exames e brincava com a fantasia de que seu pai aínda vivia e podia voltar ao seu lado em qualquer momento. Nessa época, arranjava-se de maneira que suas horas de estudo coïncidissem com as últimas da noite, e entre doze e uma da madrugada interrompia seu trabalho, abria a porta que dava para o corredor, como si o pai estivesse esperando detrás dela, e uma vez novamente em seu quarto, postava-se ante o espêlho e nêle contemplava o penis nú.

Parte desta absurda manobra se nos torna compreensível levando em conta que se portava como si esperasse a visita do pai na hora tradicional das aparições. Em vida de seu progenitor fôra antes um mau estudante, com o que o desgostara e irritara, e agora lhe queria dar a satisfação de que si seu espírito

voltava à terra naquelas horas mais entradas da noite, o encontrasse estudando. Mas a outra parte de seu manejo não podia dar ao pai satisfação alguma. Desafiava-o, pois, com ela, assim exprimindo, num ato obsessivo que êle próprio não compreendia, as duas faces de sua conduta para com êle, da mesma forma que em outro ato obsessivo posterior já mencionado, em que tirava e tornava a pôr uma pedra no caminho de sua amada, exprimia os dois aspetos de sua atitude para com ela.

Baseando-me nêstes pormenores e noutros semelhantes, aventurei a hipótese de que sendo criança, aproximadamente aos seis anos, êle cometera alguma falta sexual relacionada com o onanismo e fôra violentamente castigado pelo pai. Êsse castigo pusera, como é fácil de compreender, um termo imediato ao onanismo, mas, por outro lado, teria deixado nêle um inextinguível rancor contra o pai e fixado, para sempre, seu papel de perturbador do gôzo sexual. Para grande surpresa minha, o paciente relatou-me imediatamente um tal acontecimento de seus primeiros anos da infância, que mais tarde lhe fôra contado pela mãe, não tendo sucumbido ao esquecimento porque com êle se relacionava minúcias singularissimas. Pessoalmente, não recordava de maneira alguma êsse fato, que lhe fôra relatado pela mãe na seguinte forma: Sendo ainda muito pequeno — a coïncidência do acontecimento com a enfermidade a que sucumbiu uma irmã um pouco maior que êle, permitia fixar exa-

tamente a data — devia ter incorrido nalguma falta pela qual o pai o castigou severamente. O castigo teria feito surgir nêle um intenso acesso de cólera, e enquanto o pai lhe batia, debateu-se desesperadamente, insultando-o com fúria. Mas como ainda não sabia nnhuma palavra realmente insultuosa, lançara-lhe como tais os nomes de todos os objetos que conhecia, chamando-lhe lâmpada, toalha, prato, etc. O pai assustado ante aquele violento acesso, deixou de bater-lhe e disse: "Êste pequeno será um grande homem ou um grande criminoso".

O paciente acha que a impressão desta cena perdurou longamente tanto nêle como em seu pai. Êste não tornou a bater-lhe, e êle, por sua parte, faz derivar de tal acontecimento grande parte da transformação de seu carácter, pois receoso da amplitude que sua cólera podia atingir, tornara-se covarde desde então. Por outro lado, durante toda a sua vida, tivera verdadeiro horror às pancadas e quando algum de seus irmãos era castigado dessa forma, êle sempre se escondia medroso e indignado.

Uma nova investigação junto à sua mãe proporcionou, além da confirmação desta narrativa, o pormenor de que o paciente tinha então entre três e quatro anos de idade e que fizera jús ao castigo por ter *mordido* alguém. A mãe não se lembrava de mais minúcias e, si bem que não ousasse assegurá-lo, supunha que a pessoa mordida pelo menino fôra uma ama encarregada de cuidar dêle. De suas palavras, não

se podia deduzir que o delito infantil houvesse tido o menor carácter sexual (23).

Transferindo para a nota infra a discussão desta cena infantil, faremos constar que sua emergência abalou desde logo a negativa do paciente em aceitar a existência de uma hostilidade adquirida na infância e depois conservada latente contra o pai tão amado. Por minha parte, eu esperara que produzisse nêle um efeito mais intenso, pois aquele acontecimento também lhe fôra relatado pelo pai com tanta freqüência, que não podia ter a menor dúvida sôbre sua exatidão. Mas com essa capacidade de precindir que sempre nos causa tanta estranheza nos neuróticos obsessivos de inteligência aguda, o paciente continuou opondo à fôrça probatória daquela narrativa o fato de êle próprio não se lembrar absolutamente de tal acontecimento.

---

(23) Nas psicanálises tropeçamos a-miúde em tais acontecimentos dos primeiros anos da infância, nos quais aparentemente culmina a sexualidade infantil e muitas vezes encontra, por um acidente ou um castigo, um final catastrófico. Tais acontecimentos anunciam vagamente nos sonhos sua emergência, e às vezes com tal precisão, que nos julgamos próximos a apreendê-los, mas, não obstante, uma e outra vez se furtam a um esclarecimento definitivo, e si não procedemos com especial cautela e grande habilidade vemo-nos obrigados a ficar indecisos sôbre si êles se deram ou não na realidade. Sua interpretação exata torna-se-nos possível pelo conhecimento de que a fantasia dos pacientes integra várias versões, às vezes muito diferentes, de tais cenas. Mas antes de tudo, si não queremos errar no julgamento da realidade, devemos recordar que as reminiscências infantis dos homens só numa idade posterior (quasi sempre na puberdade) ficam precisamente determinadas, sendo então submetidas a um complicado processo de elaboração inteiramente análogo ao que dá origem às lendas dos povos sôbre sua prehistória. Não é difícil comprovar que o indivíduo *procura apagar*, nessas fantasias sôbre sua primeira infância, *a recordação de sua ativi-*

Assim, pois, para chegar à convicção de que sua atitude em relação ao pai exigia aquele complemento inconciente, teve de percorrer o doloroso caminho da transferência. Não tardou a chegar a injuriar-me grosseiramente e a injuriar todos os meus em seus sonhos, fantasias noturnas e idéias, de passo que intencionalmente só me manifestava o maior respeito. Quando nas sessões do tratamento me comunicava tais injúrias, sua atitude era a de um homem desesperado:

"Como é possível que o senhor consinta em deixar-se injuriar por um homem desprezível como eu? Deve expulsar-me de sua casa. Não mereço outra coisa". Nessas ocasiões, costumava erguer-se do divan e andar de um lado para outro da sala, conduta para a qual a princípio, com fina sensibilidade, encontrou motivo alegando que lhe era impossivel con-

---

dade auto-erótica, elevando seus vestígios mnemônicos à categoria do amor a um objeto, e procedendo assim como um autêntico historiador que contempla o passado à luz do presente. Daí toda a série de cenas de sedução e iniciação sexual que enchem estas fantasias nos pontos em que a realidade se limita a uma atividade auto-erótica e à excitação da mesma pelas carícias ou pelos castigos. Também descobrimos que, ao fantasiar sôbre sua meninice, o indivíduo sexualiza as recordações, isto é, relaciona fatos indiferentes com sua atividade sexual e estende a elas seu interêsse sexual, seguindo provàvelmente, ao fazê-lo, as pègadas de uma relação realmente existente. Quem ler a "Análise da fobia de um menino de cinco anos" (noutro volume desta série de "Observações Clínicas"), por mim comunicada, reconhecerá que estas observações não tendem certamente a diminuir, retificando-me, a importância que sempre atribui à sexualidade infantil, reduzindo-a agora ao interêsse sexual da puberdade. Proponho-me tão sòmente proporcionar algumas indicações teóricas para a solução das fantasias destinadas precisamente a falsear a imagem da atividade sexual infantil.

Só muito poucas vezes ocorre, como nêste nosso paciente, a venturosa circunstância que nos permite comprovar a base efectiva de tais fantasias sôbre a prehistória individual por meio do teste-

tinuar cômodamente deitado enquanto pronunciava aquelas enormidades. Mas não tardou a achar por si mesmo a explicação exata, isto é, que se erguia para afastar-se de mim, com medo de que lhe batesse. Quando permanecia sentado, portava-se como alguém que trata de esquivar-se, possuido de verdadeiro terror, a uma violenta correção. Levava as mãos à cabeça, cobria o rosto com os braços, atirava-se para trás com o semblante dolorosamente contraído, etc. Recordava que seu pai era fàcilmente irritável e que em sua violência às vezes não sabia até onde podia chegar.

Em tão dolorosa escola, adquiriu pouco a pouco a convicção que lhe faltava e que qualquer outro indivíduo, não pessoalmente afectado, teria adquirido imediatamente, ficando então igualmente aberto o caminho para a solução da idéia dos ratos. Nêste ponto culminante da cura, surgiu uma grande quantidade de material, até então retido, que já permitiu uma visão total do caso.

---

munho incontestável de um adulto. Seja como fôr, o depoimento da mãe do paciente abre caminho a múltiplas possibilidades. O fato de não haver proclamado a natureza sexual do delito por que seu filho foi castigado pode ser atribuido à sua própria censura, que em todos os pais tenta excluir precisamente êsse elemento do passado dos filhos. Mas também é possível que o menino fosse admoestado pela ama ou pela própria mãe por causa de uma falta indiferente, de natureza assexual, e que sua reação violenta desse em seguida motivo à intervenção punitiva do pai. A ama ou qualquer outra pessoa da criadagem é regularmente substituida, nessas fantasias, pela mãe. Penetrando mais profundamente na interpretação dos sonhos do paciente, referentes a êste episódio, encontramos indicações precisas de uma fantasia que poderíamos qualificar de épica, na qual o castigo aplicado pelo pai ao protagonista infantil era relacionado com desejos sexuais orientados para a mãe e a

Como já anunciei, a exposição dêste material deve ser extremamente abreviada e sintética. O primeiro enigma que se nos deparava era êste: porquê as duas intervenções do capitão, a narrativa do tormento dos ratos e o convite a devolver o dinheiro ao tenente A., haviam produzido tão intensa excitação no paciente, provocando nêle reações patológicas tão violentas? Era de supor que nos achávamos aqui ante um caso de "sensibilidade do complexo" e que tais narrativas lhe haviam ferido pontos hiperestésicos do inconciente. Assim sucedera efectivamente.

Como sempre que entrava em contato com a vida militar, o paciente achava-se em plena identificação inconciente com seu pai, o qual servia no exér-

---

irmã e com a morte prematura desta. Não foi possível desfazer fio por fio êste tecido de fantasias, pois disto nos impediu o resultado terapêutico obtido. O paciente já se achava restabelecido e a vida lhe exigia que empreendesse logo a seguir diversas tarefas demoradas já durante demasiado tempo e que não eram compatíveis com a continuação do tratamento. Não se me deve, pois, exprobar esta lacuna da análise. A investigação científica por meio da psicanálise é atualmente apenas um resultado acessório do trabalho terapêutico, razão pela qual suas descobertas são mais importantes precisamente nos casos em que ela falha.

O conteúdo da vida sexual infantil compõe-se da atividade auto-erótica dos componentes sexuais dominantes, de rastros de amor orientado para um objeto e da formação daquêle complexo a que poderíamos dar o nome de "complexo nodular das neuroses", o qual compreende os primeiros impulsos carinhosos e hostís para com os pais e irmãos uma vez que a curiosidade do paciente infantil é despertada, via de regra, pelo nascimento de um irmãozinho. Da uniformidade dêste conteúdo e da constância das influências modificadoras ulteriores depende que, em geral, surjam as mesmas fantasias sôbre a meninice, sejam quais forem as contribuições da realidade. Ao complexo nodular infantil corresponde o fato de o pai chegar a desempenhar o papel de adversário sexual e perturbador da atividade sexual auto-erótica, e a realidade também contribue para isto em grande parte.

cito vários anos e costumava contar muitas anedotas daquela época.

O acaso, que ajuda a produção de sintomas como o sentido literal de uma palavra ajuda a elaboração dos gracejos, permitiu que uma das pequenas aventuras do pai tivesse um elemento comum com o convite do capitão. O pai perdera em certa ocasião, jogando cartas (Spielratte), uma pequena quantia que lhe estava confiada na sua qualidade de sub-oficial, e teria passado um mau momento si um camarada não lha houvesse emprestado. Quando abandonou o exército e chegou a uma posição acomodada, procurou o bondoso camarada para devolver-lhe êsse dinheiro, mas não poude encontrá-lo. Nosso paciente nem sabia com certeza si seu progenitor chegara a efectuar a restituição desejada. A lembrança desta falta juvenil de seu pai era-lhe penosa, já que seu ínconciente estava cheio de dúvidas hostís sôbre as qualidades do mesmo. As palavras do capitão: "Tens de devolver ao tenente A. as 3 coroas e 80 kreuzer", soaram a seus ouvidos como uma alusão à dívida que o pai não pagara.

Em compensação, a notícia de que a funcionária da agência postal entrara com a quantia, exprimindo lisonjeiramente sua confiança nêle, a-pesar-de não conhecê-lo (24), intensificou sua ídentificação com

---

(24) Não esqueçamos que o paciente averiguara esta circunstância antes de o capitão convidá-lo, por engano, a devolver ao tenente A. a importância para pela encomenda postal. E' êste o pormenor fundamental cujo recalcamento mergulhou o paciente em tão fuda confusão e me impediu durante muito tempo de descobrir o sentido de suas idéias obsessivas.

o pai na época anterior ao seu matrimônio, hesitar hoteleiro da pequena localidade em que estava a agencia do correio se mostrara muito amável com os jovens oficiais, e propôs-se voltar ali, findas as manobras, para experimentar sua sorte com a formosa rapariga.

Mas agora, essa jovem tínha uma rival na funcionária dos Correios. O paciente podia, pois, como o pai na época anterior ao seu matrímônio, hesitar entre duas moças sem saber a qual delas deveria dedicar suas atenções depois de terminar o serviço militar. Observamos agora, de repente, que sua singular indecisão sôbre si devia encaminhar-se para Viena ou voltar à localidade onde ficava a agência do Correio e suas constantes tentativas de saltar do trem e tomar outro em sentido contrário, não são tão disparatadas como a princípio nos pareceram. Para um pensamento conciente, a atração da localidade em que ficava a agência do Correio parecia motivada pela necessidade de cumprir ali, auxiliado pelo tenente A., seu juramento. Na realidade, o que ali o atraía era a funcionária postal, da qual o tenente A. era apenas um fácil substitutivo, já que se alojara na mesma localidade e se ocupara pessoalmente do serviço postal militar. Quando depois o paciente soube que o encarregado dêsse serviço não fôra o tenente A., e sim o tenente B., também íncluiu êste em sua combinação e poude então repetir em seus delírios relativos aos dois oficiais suas hesitações entre as duas moças que julgava favoráveis à sua pessoa.

No esclarecimento dos efeitos produzidos pela narrativa que o capitão fez do tormento dos ratos, teremos de seguir mais de perto o curso da análise. Surgiu primeiramente uma extraordinária quantidade de material associativo, sem que de momento se tornasse mais transparente a situação do produto obsessivo. A idéia do tormento dos ratos excitara toda uma série de instintos e despertara uma multidão de recordações, adquirindo assim os ratos, no breve intervalo entre a narrativa do capitão e sua advertência de que devia devolver o dinheiro, toda uma série de significações simbólicas às quais se foram juntando muitas outras daí em diante. Minha exposição de tudo isto só pode ser muito incompleta. O tormento dos ratos despertou, antes de tudo, o erotismo anal, que desempenhara um importante papel na infância do paciente, tendo sido mantido durante anos inteiros pelo prurido que lhe causavam os vermes intestinais. Os ratos adquiriram assim a significação de "dinheiro" (25) relação que se evidenciou na associação *Raten* (prazos) e *Ratten* (ratos).

O paciente chegou a fazer dos ratos um verdadeiro padrão para seu uso pessoal. Por exemplo, quando interrogado por êle, lhe disse a importância de meus honorários por sessão do tratamento, a associação que nêle surgiu ante minhas palavras, foi: "Tantas coroas, tantos ratos", associação que só seis

(25) Cfr. Freud, *Charakter und Analerotik*, *Ges. Schriften*, vol. 5.

meses após chegou a communicar-me. Nesta linguagem foi sendo paulatinamente traduzido todo o complexo econômico relacionado com a herança de seu pai. Isto é, todas as idéas pertencentes a êste complexo foram incorporadas à obsessão com ajuda da associação "ratos-prazos" (*Ratten-Raten*) e submetidas ao inconciente. Esta significação crematística dos ratos baseava-se, além disto, no convite do capitão a devolver a importância do porte postal, mercê da associação "Spielratte", partindo da qual encontramos o acesso à falta juvenil do pai.

Afora isto, conhecia o rato como transmissor de utilizado como símbolo do medo, tão justificado durante o serviço militar, à *infecção sifilítica,* detrás da qual se escondia toda sorte de dúvidas sôbre a conduta do pai durante sua permanência no Exército. Noutro sentido, o próprio penis também era portador da infecção sifilitica, e dêste modo o rato se convertia em órgão genital, significação a que ainda podia aspirar por outra circunstância diferente.

O penis, e especialmente o de um menino pequeno, pode ser descrito como um *verme,* e na história do capitão os ratos transpunham o anus como os parasitos intestinais do paciente em sua infância. Desta sorte, a significação genital dos ratos baseava-se novamente no erotismo anal.

O rato é, além disto, um animal repugnante que se alimenta de excrementos e vive nos esgotos por

onde correm os detritos (26). E' um tanto supérfluo indicar de que ampla difusão se fez capaz o delírio dos ratos mercê dêste novo significado. A associação "tantos ratos — tantas coroas" podia considerar-se, por exemplo, como a exata definição de um ofício feminino qce lhe repugnara extremamente. Em compensação, não é talvez indiferente que a substituição do penis pelo rato na história do capitão provocasse nêle a idéia de uma situação de comércio sexual *per anum*, que referida a seu pai e à mulher amada devia parecer-lhe singularmente repulsiva. O fato de tal situação surgir de novo na ameaça obsessiva que nêle emergiu depois do convite do capitão para que devolvesse as 3 coroas e 80 kreuzer ao tenente A., recorda-nos claramente certa injúria muito usada entre os eslavos meridionais e que podemos encontrar reproduzida na "Anthropophyteia", de F. S. Krauss. Todo êste material e mais algum se insinuou, com a associação de cobertura referente ao matrimônio, no contexto referente aos ratos.

O fato de a narrativa do suplício dos ratos ter despertado em nosso paciente todos os impulsos egoístas e sádicos prematuramente reprimidos, é testemunhado pela sua própria narrativa e por sua mímica ao fazê-la. Mas, a-pesar-de todo êste rico material, a significação de sua idéia obsessiva não ficou esclare-

---

(26) Os que se negam a aceitar êstes saltos da fantasia neurótica, devem lembrar-se dos caprichos análogos em que se compraz a fantasia dos artistas, por exemplo, nas *Diableries érotiques*, de Le Poitevin.

cida, até que um dia emergiu entre suas associações "a mulher dos ratos", o "Pequeno Eyolf" de Ibsen, tornando já inevitável a conclusão de que em muitas das formas de seus delírios obsessivos os ratos também tinham a significação de crianças (27). Ao investigar a gênese desta nova significação. antolham-se-nos imediatamente suas raizes mais antigas e importantes. Numa visita ao túmulo de seu pai vìra passar cèleremente por sôbre a lápide um animal que supôs ser um rato (28).

No momento, acreditou que êle saía do túmulo do pai, depois de saciar sua fome no cadaver. Da representação do rato, é inseparável a minúcia de que roi e morde com dentes acerados. Mas o rato não se mostra impunemente sujo, glutão e agressivo, pois como o nosso jovem muitas vezes presenciara, é cruelmente perseguido e morto pelo homem. Muitas vezes sentira compaixão dos pobres ratos. Mas êle mesmo fôra um animalzinho sujo e repugnante, que mordia as outras pessoas em seus acessos de furor e era violentamente castigado por isso. Achava assim real-

---

(27) A mulher dos ratos, de Ibsen, procede certamente da lenda do caçador de ratos de Hameln, o qual levava os ratos atrás de si e afogava-os entrando pelo rio a dentro, e em seguida raptou pelo mesmo processo todos os meninos da localidade. Também o pequeno Eyolf se atira à água sob o feitiço da mulher dos ratos. Nas lendas, os ratos não são apresentados como animais repugnantes; dão-lhes antes um carácter inquietador e convertem-nos em representação das almas dos mortos.

(28) Decerto alguma doninha, das muitas que ha no Cemitério Central de Viena.

mente no rato um semelhante seu. Foi dêste modo que o destino lhe lançou, na história do capitão, uma palavra estímulo de um complexo e o paciente não deixou de reagir a ela com sua idéia obsessiva.

Assim, pois, os ratos eram crianças, segundo suas primeiras e mais importantes experiências. Nêste ponto, comunicou uma coisa que por muito tempo mantivera afastada do contexto, mas que esclareceu agora completamente o interêsse que lhe deviam inspirar as crianças. A mulher a quem durante tantos anos amava sem poder decidir-se a casar-se com ela, sofrera a extirpação de ambos os ovários e estava condenada, por conseguinte, à esterilidade. Tal era realmente a principal causa de sua indecisão, pois gostava extraordinàriamente das crianças.

Só então nos foi possível deslindar o impenetrável processo da formação de sua idéia obsessiva.

Com a ajuda das teorias sexuais infantis e do simbolismo que já nos é conhecido desde a interpretação dos sonhos, conseguimos traduzir tudo com sentido perfeito.

Quando naquele descanso em cujo final o paciente sentiu falta dos óculos, o capitão contou o suplício dos ratos, sentiu-se apenas impressionado pelo carácter cruelmente libidinoso da situação imaginada. Mas imediatamente se estabeleceu a relação com aquela cena infantil em que êle próprio mordera alguém, Substituiu o pai pelo capitão capaz de defender tais castigos e fez recaír sôbre si mesmo, pôsto que nessa

época se rebelara contra a crueldade paterna, uma parte do rancor emergente. A idéia incidentalmente surgida de que tal coisa pudesse suceder a uma pessoa a quem estimava, deveria ser traduzida pelo seguinte impulso optativo: "Era a ti que devia suceder algo semelhante", impulso orientado contra o capitão, mas já, detrás dêle, contra seu pai. Quando em seguida, um dia e meio depois (29), o capitão lhe entregou a encomenda postal a êle dirigida e lhe avisou que devia devolver ao tenente A. as 3 coroas 80 do reembôlso, o paciente já sabia que seu cruel superior estava enganado e que só à funcionária dos Correios devia agradecer o adiantamento. Esteve a pique de dar ao capitão uma resposta zombeteira e agressiva:

"Sim, hei de devolvê-las quando um boi voar" (30), resposta que, naturalmente, teve de reter. Mas surgindo do complexo paterno estimulado entrementes e da recordação da repetida cena infantil, a resposta que se formou foi a seguinte: "Sim, devolverei ao tenente A. o dinheiro quando meu pai ou minha namorada tiverem filhos". Ou estoutra: "Tão certo é eu devolver o dinheiro como que meu pai o

---

(29) Não naquela mesma noite, como o paciente disse a princípio. E' impossível que os óculos encomendados a Viena chegassem tão depressa. O paciente abrevia em sua memória o lapso de tempo, porque durante êle se estabeleceram as associações decisivas e porque recalca seu encontro daquele dia com o oficial que lhe comunicou a bondosa conduta de funcionária dos Correios.

(30) Substituo pelo correspondente brasileiro a expressão regional vienense do original. — N. do T.

minha namorada podem ter filhos". Isto é, uma afirmação zombeteira ligada a uma condição absurda e irrealizável (31).

Mas, dêste modo, já cometera o crime de zombar das duas pessoas a quem mais queria: seu pai e sua amada. Tal crime exigia um castigo e êste consistiu em impor a si mesmo um juramento impossível de cumprir e que obedecia estritamente ao injustificado convite de seu superior: "Agora, tens realmente de devolver o dinheiro ao tenente A.".

Assoberbado por uma obediência convulsiva, recalcou seu perfeito conhecimento de que o capitão baseava o convite numa premissa errônea: "Sim, tens de devolver o dinheiro ao tenente A., conforme te ordenou a pessoa que representa teu pai. Teu pai não pode enganar-se". Tão pouco um rei pode enganar-se, e quando interpela um súbdito com um título que não lhe corresponde, é que já lho outorga para sempre.

Sua conciência só chega a ter uma notícia muito vaga dêste processo, mas a rebelião contra a ordem do capitão e sua transformação no contrário, também se acham representadas nela.

Primeiro: *Não* deves devolver o dinheiro, pois si não sucederá... (O castigo dos ratos). E a seguir o juramento antitétíco como castigo à rebelião.

---

(31) Assim, pois, também na linguagem da neurose obsessiva, como na do sonho, o absurdo significa zombaria. Ver meu *"Traumdeutung"*, em *Jes. Schriften*, vol. 2, pags. 362 e segs.

Representemo-nos ainda a constelação em que teve lugar a formação da grande idéia obsessiva. O paciente achava-se libidinosamente predisposto por sua longa abstinência e pelo amável acolhimento que as mulheres sempre dispensam aos jovens oficiais; além disto, ao partir para as manobras, estava um tanto indisposto com sua amada. Essa intensificação da libido o inclinou a recomeçar sua antiga luta contra a autoridade paterna e até chegou a pensar na satisfação sexual com outras mulheres. As dúvidas quanto às qualidades de seu pai e a indecisão quanto ao valor da mulher amada também se intensificaram.

Nêsse estado de ânimo, deixou-se arrastar a injuriar ambos e em seguida se castigou por isso. Quando, findas as manobras, hesitou durante tanto tempo entre dirigir-se a Viena ou ficar e cumprir seu juramento, não fez sinão representar dessa maneira em um único conflito os dois que sempre lhe pugnavam no espírito: Devia ou não obedecer ao pai ? Devia ou não permanecer fiel à sua amada ? (32).

Uma palavra ainda sôbre a interpretação do conteúdo da sanção: "Sinão, os dois sofrerão o suplício dos ratos". Baseia-se esta sanção em duas teorias se-

---

(32) Talvez seja interessante fazer ressaltar que a obediência ao pai coïncide aqui novamente com o afastamento da mulher amada. Si o rapaz fica e devolve ao tenente A. o dinheiro, terá cumprido a persistência que se impôs pelo seu delito contra o pai, mas ao mesmo tempo terá abandonado sua amada, seguindo a atração de outro íman. Nêsse conflito, vence a mulher querida, si bem que certamente com o apôio da razão normal.

xuais infantis, de que já falámos alhures (33). A primeira destas teorias é a de que as crianças nascem pelo anus, e a segunda deduz lògicamente, dessa possibilidade, que os homens tambem podem parir crianças, como as mulheres.

Segundo as regras técnicas da interpretação dos sonhos, o fato de surgir pelo anus pode ser representado pelo fato contrario de penetrar pelo anus (como no castigo dos ratos).

Não é possível esperar, para tão graves idéias obsessivas, soluções mais simples, nem tão pouco conseguí-las por meios diferentes dêstes. Com a solução que a análise nos proporcionou, dissipou-se o delírio dos ratos.

a) ALGUNS CARACTERES GERAIS DOS PRODUTOS OBSESSIVOS (34)

No ano de 1896, definimos as representações obsessivas como "exprobações transformadas que retornavam do recalcamento e sempre se referiam a um ato sexual executado com prazer na infância" (35).

---

(33) *Über infantile Sexualtheorien.*

(34) Alguns dos pontos tratados neste título e no seguinte já foram citados na literatura da neurose obsessiva, como se pode comprovar na obra fundamental sôbre esta enfermidade publicada em 1904, por L. Löwenfeld, sob o título *"Die psychischen Zwangerscheinungen"*.

(35) *Weitere Bemerkungen über die Abwehrneuropsychosen.*

Esta definição parece-nos hoje discutivel quanto à forma, si bem que seus elementos sejam exatos. Tendia demasiado à unidade e tomava como modêlo o processo dos próprios neuróticos obsessivos, os quais, com sua peculiar tendência à indeterminação, consideram unitáriamente como "representações obsessivas" os mais diversos produtos psíquicos.

E' realmente mais correto falar de um "pensamento obsessivo" e fazer ressaltar que os produtos obsessivos podem equivaler a atos psíquicos muito diversos, podendo ser determinados como desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, mandatos e proïbições. Os doentes têm em geral uma tendência a desvanecer tal determinação e a apresentar como representação obsessiva o conteúdo despojado de seu ïndice de afecto. Numa das primeiras sessões do tratamento, nosso paciente nos ofereceu um exemplo de uma tal elaboração de um desejo destinada a rebaixá-lo à qualidade de mera "associação mental".

Também se deve reconhecer que até agora não poude ser estudada com algum vagar a fenomenologia do pensamento obsessivo. Na defesa secundária que o enfêrmo desenvolve contra as "representações obsessivas" que lhe penetraram na conciência, surgem produtos qce merecem um nome especial. Recordam-se, por exemplo, as séries de idéias que ocupam nosso paciente durante seu regresso das manobras. Não são reflexões puramente razoáveis que o rapaz opõe a suas idéias obsessivas, e sim algo que se assemelha a produtos mixtos de ambas formas do pensamento.

Tomam certas premissas da obsessão por elas combatida e localizam-se (com os meios da razão) no terreno do pensamento patológico.

A meu ver, tais produtos merecem o nome de "delírios". Um exemplo, que os leitores deverão incluir no lugar correspondente da observação clínica, virá esclarecer completamente essa diferenciação.

Quando o nosso paciente desenvolveu durante toda uma temporada os insensatos manejos que descrevemos no sítio que lhes competia, prolongando o estudo até altas horas da noite, abrindo a porta do quarto ao bater da meia-noite para facilitar a entrada do espírito de seu pai, colocando-se em seguida ante o espêlho e contemplando nêle os órgãos genitais. tentou afastar de si aquela obsessão, pensando no que o pai diria si realmente ainda estivesse vivo.

Mas semelhante argumento não teve a menor eficácia enquanto foi exposto nesta forma razoável. A obsessão só terminou quando o paciente integrou a mesma idéia na forma de uma ameaça delirante, dizendo que si prolongasse essas demonstrações de insensatez, alguma coisa má havia de suceder ao seu pai na outra vida.

O valor da diferenciação — desde logo justificada — entre defesa primária e secundária, mostra-se, todavia, inesperadamente diminuido pela descoberta de sua doença, a qual se aventura a exteriorizações *suas próprias representações obsessivas*. Esta afirmação parece paradoxal, mas tem perfeito sentido. Com efeito, no correr de uma psicanálise, intensifíca-se não

só a fantasia imaginativa dos doentes, mas também a de sua doença, a qual se aventura a exteriorizações mais precisas. Sucede como si o paciente, que até então se esquivava medrosamente à percepção de seus produtos patológicos, lhes dedicasse agora sua atenção e os sentisse mais nítida e minuciosamente (36).

Por dois caminhos especiais, além dêste, podemos chegar a um conhecimento mais preciso dos produtos obsessivos. Em primeiro lugar, constatamos que os sonhos nos podem oferecer o texto autêntico do produto obsessivo, que só se nos deu a conhecer na vida desperta mutilado e deformado, como um telegrama mal redigido. Tais textos aparecem no sonho como manifestações orais, contra a regra geral de que as palavras contidas nos sonhos procedem sempre das pronunciadas ou ouvidas pelo indivíduo durante o dia (37).

Em segundo lugar, a investigação analítica de uma história clínica nos leva à convicção de que, freqüentemente, várias idéias obsessivas sucessivas, mas de texto literal diferente, não passam, no fundo, de uma única idéia. Da primeira vez foi felizmente repelida, e volta em seguida deformada, não sendo já

---

(36) Em alguns enfermos, o desvio da atenção chega ao ponto de não lhes ser possível indicar o conteúdo de suas representações obsessivas nem descrever um ato obsessivo que executaram inúmeras vezes.

(37) Cfr. Freud, *Traumdeutung*, *Ges. Schriften*, vol. II, paginas 348 e segs.).

reconhecida, de maneira que assim pode oferecer maior resistência à defesa. Mas a forma exata é a primitiva, que muitas vezes mostra sem véu algum o seu sentido.

Quando, ao cabo de penoso labor, conseguimos esclarecer uma idéia obsessiva incompreensível, não é raro ouvirmos o doente dizer que, antes da emergência da idéia obsessiva pròpriamente dita, nêle surgiu uma ocorrência, uma tentação, um desejo, como os que agora lhe expomos, mas que logo lhe desapareceram da mente. Infelizmente, a exposição dos exemplos dêste gênero integrados na observação de nosso paciente exigiria um espaço de que não dispomos no presente estudo.

Assim, pois, a "representação obsessiva" que poderíamos chamar "oficial", integra na deformação sofrida em relação ao texto primitivo os vestígios remanescentes da defesa primária.

Sua deformação torna-a viável, pois o pensamento conciente se vê dirigido a interpretá-lo errôneamente de um modo análogo àquele por que interpreta o conteúdo manifesto do sonho. o qual constítue o produto de uma transação e de uma deformação, e é errôneamente interpretado pelo pensamento desperto.

Semelhante interpretação falsa por parte do pensamento conciente pode ser comprovada, não só nas próprias idéias obsessivas, mas também nos produtos da defesa secundária, por exemplo, nas fórmulas protetoras, fato de que podemos expor aqui dois exemplos incisivos. Nosso paciente usava como fórmula defensiva a palavra *aber* (conj. advers. "mas"),

ràpidamente pronunciada e acompanhada de um gesto de repulsa, e numa das sessões do tratamento manifestou mais tarde que essa fórmula sofrera nos últimos tempos uma variação, pois já não dizia *áber*, e sim *abér*. Interrogado por mim quanto ao motivo daquela transformação, indicou que o *e* átono da segunda sílaba não lhe oferecia a menor garantia contra a temida intromissão de qualquer coisa alheia e contraditória, razão por quê decidira acentuá-la. Esta explicação, inteiramente correspondente ao estilo da neurose obsessiva, demonstrou-se, todavia, inexata, constituindo, no máximo, uma racionalização. Na realidade, ao pronunciar *abér*, o que fazia era assimilar essa palavra a *Abwehr* (defesa), cuja significação psicanalitica lhe era conhecida por nossas conversações teóricas sôbre o tratamento. Assim, pois, o tratamento fôra aproveitado de um modo abusivo e delirante, para robustecer uma fórmula de defesa.

De outra vez, falou-me de sua palavra mágica principal, por êle formada, para proteger-se contra as tentações, com as iniciais das orações mais eficazes, a qual acrescentava um fervoroso "amén". Mas não me é possível transcrever aqui essa palavra, pois quando o paciente ma revelou, observei imediatamente que era apenas um anagrama do nome da mulher a quem amava. Êsse nome continha um *s*, que o paciente situava no final e imediatamente antes do "amén" acrescentado, formando assim a palavra *Samen* (semente, esperma). Podemos, pois, dizer que reünira seu semen com a mulher amada, isto é, que se mastur-

bara pensando nela. Mas êle próprio não observara uma relação tão evidente e a defesa deixara-se burlar pelo que fôra recalcado. Além disso, êste é um excellente exemplo daquela regra segundo a qual os elementos que têm de ser repelidos acabam penetrando naquilo por que são repelidos.

Uma vez assentado que as idéias obsessivas sofreram uma deformação, da mesma forma que as idéias oniricas antes de passarem a ser o conteúdo do sonho, deverá interessar-nos averiguar a técnica de tal deformação, e nada se oporia a que expuséssemos aqui os diferentes meios da mesma numa série de idéias obsessivas traduzidas e interpretadas. Mas também disto só posso dar aqui algumas provas. Nem todas as idéias obsessivas de noso paciente eram tão complicadas e difíceis de interpretar como a do tormento dos ratos. Noutras se aplicara uma técnica muito simples, a da deformação por omissão — elipse —, que tão excelente auxílio presta na produção dos gracejos e que também aqui cumpriu seu dever como meio defensivo contra a compreensão.

Uma de suas idéias obsessivas mais antigas (equivalente a uma advertência ou a uma admoestação), era, por exemplo, a seguinte: *Si me caso com a mulher a quem amo, sucederá uma desgraça a meu pai* (*no além*). Si intercalarmos agora os elementos intermediários omitidos, descobertos na análise, obteremos o seguinte processo mental: "Si meu pai estivesse vivo, meu propósito de casar-me com essa mulher faria com

que êle se encolerizasse tanto como naquela pretérita cena infantil, de sorte que eu também me enfureceria de novo contra êle, desejando-lhe terríveis males, que a onipotência de meus desejos faria cair irremediàvelmente sôbre êle".

Vou transcrever outro caso de elaboração elíptica de uma advertência ou proïbição ascética. Êle tinha uma sobrinha a quem estimava muito. Um dia, ocorreu-lhe a seguinte idéia: *Si te permites copular mais uma vez, sucederá à pequena Ella uma desgraça* (morrerá). Intercalando o que foi omitido, obtém-se o seguinte processo: "Em todo coito, mesmo com uma mulher venal, has de pensar que, si te casares, as relações sexuais com tua espôsa nunca terão por conseqüencia o nascimento de um filho (por causa da esterilidade de sua amada). Isto te doerá tanto, que te fará invejar tua irmã, que teve a pequena Ella, e sua inveja acarretará o falecimento da menina".

A elipse, como técnica deformante, parece ser típica da neurose obsessiva, e por minha parte também a encontrei nas idéias obsessivas de outros pacientes. Recordo, sobretudo, um caso de dúvida, especialmente transparente e interessante por apresentar certa analogia com a estrutura da representação dos ratos. Tratava-se de uma senhora que padecia, especialmente, de atos obsessivos.

Estava passeando com o marido na cidade de Nüremberg e entrou com êle numa loja, em que com-

prou diversos objetos para a filha, entre êles um pente. O espôso, a quem aquelas compras aborreciam, disse-lhe que vira momentos antes, na vitrina de um antiquário, umas moedas que lhe interessavam. Iria, por conseguinte, até lá comprá-las e em seguida voltaria a encontrar-se com ela naquela loja. Julgou a mulher demasiado longa a sua ausência, e quando o viu de volta, perguntou-lhe onde se demorara. Tendo-lhe êle respondido que precisamente na loja do antiquario, viu-se assaltada por esta dúvida torturante: não possuia, já de ha muito, êsse mesmo pente que adquirira para a filha?

Naturalmente, a paciente não poude descobrir a simples relação existente entre semelhante idéia obsessiva e a prolongada ausência de seu espôso, mas nós outros vemos, imediatamente, que se trata de uma dúvida deslocada e podemos completar seu processo mental inconciente da seguinte forma: "Si devo crer que só estiveste na loja de antiguidades, também posso crer que já possuo ha muitos anos êste pente que acabo de comprar".

Achamo-nos, pois, ante uma equiparação irônica e zombeteira, análoga ao processo mental de nosso paciente ante a advertência do capitão: "Sim, devolverei o dinheiro ao tenente A., tão certo como que meu pai e minha amada podem ter filhos".

Na senhora de nosso exemplo, a dúvida dependia de seus ciumes inconcientes, os quais lhe faziam supor que seu marido se aproveitara daquele lapso de tempo para alguma aventura galante.

Por esta vez, não empreenderei o estudo psicológico do pensamento obsessivo, si bem esteja certo de que nos proporcionaria valiosos resultados e contribuiria para o esclarecimento de nossos conhecimentos da essência do conciente e do inconciente, mais do que o estudo da historia e dos fenômenos hipnóticos.

Seria muito de desejar que os filósofos e os psicólogos que desenvolvem engenhosas teorias sôbre o inconciente, baseando-se no que sabem só de ouvir dizer, ou em suas próprias definições convencionais, estudassem diretamente os fenômenos do pensamento obsessivo, estudo de que extrairiam impressões decisivas. Poder-se-ia mesmo exigir-lhes um tal estudo prévio, si não fosse muito mais penoso que os métodos de trabalho a que via de regra se atêm.

Por minha parte, limitar-me-ei a indicar ainda que na neurose obsessiva surgem occasionalmente na conciência, em forma pura e não deformada, os processos anímicos inconcientes, que tal irrupção pode ter seu ponto de partida nos mais diversos graus do processo mental inconciente, e que quasi todas as representações obsessivas podem ser reconhecidas, no momento em que irrompem, como produtos existentes ha muito tempo. Daí o singular fenômeno de que, ao investigarmos a primeira emergencia de uma idéia obsessiva num indivíduo neurótico, o mesmo se veja obrigado a deslocá-la cada vez mais para trás no correr da análise, encontrando cada vez novas primeiras motivações da mesma.

b) ALGUMAS SINGULARIDADES PSÍQUICAS DOS NEURÓTICOS OBSESSIVOS E SUA RELAÇÃO COM A REALIDADE, A SUPERSTIÇÃO E A MORTE

Proponho-me estudar aqui alguns caracteres anímicos dos doentes de neurose obsessiva, que não parecem importantes por si mesmos, mas nos facilitam a compreensão de coisas muito importantes. Tais caracteres assumiam intenso relêvo em meu paciente, mas sei muito bem que não devem ser atribuidos a sua individualidade, e sim à sua moléstia, e que são peculiares, de um modo absolutamente típico, a outros neuroticos obsesssivos.

Nosso paciente mostrava-se suprestícioso em alto grau, a-pesar-de ser um homem de inteligência aguda e ampla cultura, e às vezes afirmava não fazer o menor caso de semelhantes tolices. Era, portanto, supersticioso, e ao mesmo tempo não o era, diferenciando-se assim, nitidamente, dos supersticiosos incultos, que se sentem perfeitamente de acôrdo com suas crenças absurdas. Parecia compreender que sua superstição derivava do pensamento obsessivo, si bem que às vezes se mostrasse totalmente identificado com ela.

Esta conduta tão contraditória e vacilante só me pareceu admitir uma certa explicação. Não hesitei, pois, em supor que o paciente possuia, no que concerne a essas questões, duas convicções diferentes e opostas, e não apenas uma opinião indeterminada.

Oscilava, por conseguinte, entre essas duas convicções, e a decisão dependia absolutamente de sua atitude de momento em face da neurose. Logo que chegava a dominar uma obsessão, zombava de sua credulidade e nada lhe sucedia que pudesse preocupá-lo supersticiosamente. Mas quando tornava a achar-se sob o dominio de uma obsessão ainda não solucionada — ou o que dá na mesma, de uma resistência —, começava a ocorrer-lhe toda sorte de singulares acidentes casuais, que lhe apoiavam a convicção supersticiosa.

Seja como for, a superstição de nosso paciente era a de um homem culto, que precindia de velharias tais como o medo às sexta-feiras, ao número 13, etc. Mas acreditava nos presságios e nos sonhos proféticos, encontrava-se sempre com as pessoas em que pensara momentos antes sem saber porquê, e recebia cartas de outras das quais se lembrara horas antes, depois de muito tempo que nem lhe haviam passado pela mente. Com tudo isto, era bastante honrado, ou melhor, bastante fiel a suas convicções oficiais, para não esquecer aqueles outros casos em que não se haviam confirmado pressentimentos muito intensos, como de uma feita que partiu para uma estação de veraneio certo de que não tornaria vivo a Viena. Também reconhecia que a maioria de seus presságios se referia a coisas desprovidas de importância para sua pessoa, e que quando encontrava algum conhecido em quem só momentos antes pensara, depois de um longo esquecimento, tal encontro não vinha a ter depois nenhuma conseqüência singular, e confessava que

todas as coisas importantes de sua vida tinham ocorrido sem que nenhum pressentimento o anunciasse, por exemplo, a morte de seu pai. Mas todos êstes argumentos em nada modificavam a discórdia de suas convicções. Demonstravam tão sòmente o carácter obsessivo de sua superstição, o qual já se poderia deduzir de suas oscilações de sentido idêntico às da resistência.

Eu não estava, naturalmente, em situação de explicar de um modo racional todas as suas histórias passadas, mas quanto às sucedidas durante o tratamento, pude demonstrar-lhe que êle mesmo colaborava na fabricação de tais milagres, e consegui fazer-lhe ver os meios que utilizava nêsse trabalho. Tais meios eram a visão e a leitura indiretas, o esquecimento e, acima de tudo, os erros de memória. Afinal, êle mesmo me ajudou a descobrir os pequenos truques com que produzia tais milagres. Como interessantíssima raiz infantil de sua fé nos pressentimentos e presságios, descobrimos em certa ocasião a reminiscência de que sua mãe, quando se tratava de fixar a data de algum acontecimento futuro, costumava dizer: "Tal ou tal dia, não pode ser, porque estarei de cama". E, com efeito, sempre se acamava nessas datas.

E' indubitável que o paciente sentia a necessidade de encontrar nos fatos de sua vida tais pontos de apôio de sua superstição e que por êsse motivo observava com tanta atenção as habituais casualidades inexplicáveis da vida quotidiana, e quando estas não bastavam ajudava o acaso com sua atividade incon-

ciente. Em muitos outros neuróticos obsessivos, tornei a encontrar essa necessidade, e suspeito sua existência em quasi todos. Parece-me claramente explicável pelo próprio carácter psicológico da neurose obsessiva. Como já explicámos anteriormente, nesta perturbação o recalcamento não se produz por meio da amnésia, e sim pela destruição das relações causais mediante a supressão dos efeitos. Estas relações recalcadas parecem conservar uma certa energia admonitória — que comparámos alhures (38) a uma percepção endopsíquica — podendo assim ser incorporadas ao mundo exterior, ou seja, projetadas nêle como testemunho do psíquico recalcado.

Outra necessidade anímica comum aos neuróticos obsessivos, que tem uma certa afinidade com a anterior e cuja investigação nos faz penetrar muito profundamente na investigação dos instintos, é a necessidade da incerteza ou da dúvida. A creação da insegurança é um dos métodos que a neurose emprega para tirar o doente da realidade e isolá-lo do mundo, tendência integrada em toda perturbação psiconeurótica. Os enfermos realizam um esfôrço evidente para esquivar-se a toda certeza e poder continuar na dúvida. Esta tendência chega às vezes a exteriorizar-se numa antipatia aos relógios, os quais asseguram pelo menos a determinação da hora, e em hábeis manejos inconcientes destinados a inutilizar tais instrumentos

---

(38) *Zur Psychopathologie des Alltagslebens, Ges. Schriften,* vol. IV, pg. 287.

que tornam impossível a dúvida. Nosso paciente mostrava uma especial destreza em esquivar-se a todas aquelas informações que pudessem levá-lo a uma solução de seu conflito.

Assim, desconhecia inteiramente as circumstancias mais importantes da vida de sua amada, pretendendo ignorar o nome do médico que a operara e si a operação se limitara a um só ovário ou compreendera os dois.

A predileção que os neuróticos obsessivos demonstram pela incerteza e pela dúvida constitue para êles um motivo para voltar, de preferência, seus pensamentos para os temas em que a incerteza é geralmente humana e nos quais nossos conhecimentos ou juizos estão necessàriamente expostos à dúvida. Tais temas são, antes de tudo, a paternidade, a duração da vida, a sobrevivência no além e a memória, em que costumamos confiar sem ter a menor garantia de sua exactidão.

A neurose obsessiva utiliza amplamente essa incerteza da memória para a producção de sintomas. Não tardaremos a ver qual é o papel que a duração da vida e a sobrevivência no além desempenham no pensamento dos enfermos. Antes, e como transição adequada, ainda examinaremos aquele traço supersticioso de nosso paciente, que seguramente terá despertado singular estranheza no leitor, quando o viu mencionado em páginas anteriores.

Refiro-me à onipotência por êle pretendida de

suas idéias e sentimentos, de seus bons e maus desejos. Sem dúvida, não é pequena a tentação de considerar essa idéia como um delírio que ultrapassa os limites da neurose obsessiva, mas, quanto a mim, tornei a encontrar uma convicção idêntica noutro neurótico obsessivo, completamente restabelecido ha muito tempo e que se porta normalmente, e na realidade todos os neuróticos obsessivos agem como si compartilhassem essa convicção. Trataremos, portanto, de esclarecer semelhante exagêro. Supondo, no momento, que em tal crença se manifestasse honradamente um fragmento da primitiva mania infantil de grandeza, perguntámos ao nosso paciente em que baseava sua convicção. Respondeu-nos citando dois fatos de sua vida. Quando foi pela segunda vez à estação de águas em que anteriormente encontrara um primeiro alívio para sua doença, pediu o mesmo quarto que ocupara pela primeira vez e cuja situação favorecera suas entrevistas com uma das enfermeiras.

Disseram-lhe, porém, que aquele quarto já estava ocupado por um velho professor... Ante aquela notícia que diminuia tão consideravelmente suas esperanças de alívio, reagiu com as seguintes palavras: "Que um raio o parta!"

Quinze dias depois, despertou de madrugada com a sensação de ter perto de si um cadáver. Depois, ao levantar-se, soube que o professor morrera efectivamente fulminado pelo raio e que o seu cadáver fôra trazido ao estabelecimento na mesma hora em que êle despertara.

O outro fato se referia a uma moça mais velha que êle e de intensas necessidades sexuais, que em certa ocasião lhe fizera claramente a côrte, chegando até a perguntar-lhe si não podia amá-la um pouquinho. O paciente respondera-lhe negativamente; poucos dias depois, veio a saber que aquela moça se atirara de um sobrado à rua. Censurou então sua conduta esquiva, dizendo de si para si que estivera em suas mãos conservar aquela vida, apenas com demonstrar à rapariga um pouco de afecto.

Foi assim que chegou a adquirir a convicção da onipotência de seu amor e de seu ódio. Sem negar a onipotência do amor, faremos ressaltar que em ambos casos se trata da morte e aceitaremos a explicação, já imediata, de que si nosso paciente se vê obrigado, como outros neuróticos obsessivos, a exagerar o efeito de seus sentimentos hostis sôbre o mundo exterior, é porque grande parte do efeito psíquico interno dos mesmos escapa ao seu conhecimento conciente. Seu amor — ou antes seu ódio — é realmente poderoso, pois cria precisamente aquelas idéias obsessivas cuja procedência o individuo não comparende e contra as quais se defende em vão.

Nosso paciente denotava uma relação peculiaríssima com o tema da morte. Dava cordialmente pêsames por todas as mortes e ia a todos os enterros, a ponto de os irmãos zombarem dêle dizendo-lhe que era como os corvos.

Mas, além disto, matava contínuamente em espírito seus conhecidos, para poder externar aos sobreviventes suas sentidas condolências.

A morte de uma irmã maior, que intercorrera quando êle tinha de três a quatro anos, desempenhou em suas fantasias importantíssimo papel, achando-se intimamente relacionada com suas maldades infantis daquela época.

Também sabemos quão precocemente o preocupou a idéia da morte de seu pai, e devemos considerar sua própria enfermidade como uma reação a êsse acontecimento, obsessivamente desejado quinze anos antes. A singular extensão de seus temores obsessivos à outra vida, não passa de uma compensação daqueles desejos de morte contra seu pai. Emergiu quando a tristeza causada pela morte do pai foi renovada ano e meio depois, e tendia, ao contrário da realidade e do desejo que antes se exteriorizara em toda classe de fantasias, a negar e a anular a morte do progenitor. A expressão "no além" aparece frequentemente traduzida pelo próprio paciente nas palavras "si meu pai vivesse".

Mas também a conduta de muitos outros neuróticos obsessivos, aos quais o destino não impôs um primeiro encontro com o fenômeno da morte numa idade tão precoce, é, não obstante isto, muito parecida com a do nosso paciente. Seus pensamentos se ocuparam incessantemente com a duração da vida e a possibilidade da morte de outras pessoas, e suas tendên-

cias supersticiosas não tiveram a principio outro conteúdo, nem têm quiçá, em geral outra procedência. Mas acima de tudo precisam da possibilidade da morte para resolver os conflítos que sem ela se conservariam solúveis. Seu carácter essencial é o de serem incapazes de qualquer decisão, sobretudo nas questões amorosas. Protelam indefinidamente qualquer resolução e, constantemente penetrados pela dúvida de saber porque pessoas ou por que medidas contra uma pessoa devem decidir-se, têm seu modêlo naquele antigo tribunal alemão, cujos pleitos sempre terminavam porque as partes litigantes morriam antes de terem obtido uma sentença. Dêste modo, em todo o conflíto de sua existência espreitam a morte de uma pessoa importante e quasi sempre querida por eles, seja a de seu pai ou sua mãe, de um rival ou de algum dos objétos amorosos entre os quais oscila sua inclinação.

Mas com êste estudo do complexo da morte na neurose obsessiva, já entramos na vida instintiva dos neuróticos obsessivos, de que vamos tratar agora.

c) A VIDA INSTINTIVA E A DERIVAÇÃO DA OBSESSÃO E DA DÚVIDA

Si queremos chegar ao conhecimento das forças psíquicas cujo entrechoque gerou esta neurose, devemos voltar àquilo que a analise de nosso paciente nos revelou quanto aos motivos de sua enfermidade na ídade adulta e na infância.

O paciente adoeceu aos vinte anos, ao ver-se situado ante a tentação de casar-se com uma mulher diferente daquela a quem amava ha tanto tempo, e fugiu à resolução de tal conflito atrasando no que dêle dependia a satisfação das condições prévias à sua emergência, para o que a neurose lhe proporcionou os meios.

A hesitação entre a mulher amada e a outra pode ser reduzida ao conflíto entre a influência do pai e a fidelidade à sua amada, isto é, à escolha entre o pai e o objeto sexual, tal e qual, segundo suas reminiscências e associações obsessivas, já se desenvolvera em sua infância mais remota.

Além disto, em todos os pormenores de sua vida, transparecia claramente que, tanto no que se referia à sua amada como ao seu pai, existia nêle uma pugna entre o amor e o ódio. Suas fantasias vingativas e os fenômenos obsessivos, tais como a obsessão de compreender ou a ação de tirar uma pedra do caminho e tornar a pô-la no lugar, testemunham nêle a existência dessa luta, normalmente compreensível até certo ponto, já que a mulher amada lhe dera motivos de hostilidade com sua primeira repulsa e a frieza ulterior. Mas também em suas relações com o pai dominava tal dualidade, conforme nos revelou a tradução de suas idéias obsessivas e também o pai lhe devia ter dado na infância motivos de hostilidade, como a análise demonstrou depois quasi indubitávelmente. Sua relação com a mulher amada, mixto de carinho e hostilidade, incorria em sua maior parte sob

a percepção conciente do indivíduo. No máximo, enganava-se quanto à grandeza e à exteriorização de seus sentimentos negativos.

Em compensação, sua hostilidade contra o pai, que em tempos idos fôra intensamente conciente, jazia agora recalcada de longa data e só contra sua mais intensa resistência poude ser de novo trazida à conciência. No recalcamento do ódio infantil contra o pai, devemos ver o processo que obrigou todos os acontecimentos ulteriores a intervirem no quadro da neurose.

Êstes conflitos sentimentais de nosso paciente não são independentes entre si, mas acham-se soldados aos pares. O ódio contra a amada teve de somar-se à sua adesão ao pai e vice-versa. Mas as duas correntes opostas que subsistem depois desta simplificação, ou seja, a luta entre o pai e a amada e a atítude de amor e ódio existente na relação do paciente com cada uma de tais pessoas, nada têm a ver uma com a outra, nem pelo seu conteúdo, nem pela sua gênese. O primeiro dêsses conflitos corresponde à hesitação normal entre o homem e a mulher como objetos da escolha amorosa, hesitação que é provocada na criança pela primeira vez com a famosa pergunta habitual: "De quem gostas mais, do papai ou da mamãe?", e que depois a acompanha através de toda a vida, mau grado todas as diferenças individuais quanto à intensidade dos sentimentos e a fixação dos fins sexuais definitivos. Mas, normalmente, esta oposição não tarda a perder seu carácter de dilema, tornando-se possível a satisfação

simultânea, das exigências desiguais de seus dois termos, si bem que também no homem normal a maior estima votada a um dos dois sexos sempre prejudique a que se vota ao outro.

Mais estranho nos parece o outro conflito, isto é, o que se desenvolve entre o amor e o ódio. Sabemos que um princípio de amor é muitas vezes percebido como ódio, e que o amor que vê recusada sua satisfação fàcilmente se converte em ódio. Além disto os poetas nos asseguram que os períodos tempestuosos da paixão podem subsistir justapostos, como numa competição, ambos sentimentos contraditórios. Assombra-nos, todavia, encontrar uma justaposição crônica de amor e ódio, ambos muito intensos e orientados para a mesma pessoa. Teríamos esperado que o amor dominasse o ódio ou fosse por êle devorado.

Realmente, uma tal persistência dos contrários só é possível sob condições psicológicas especiais e com a colaboração do inconciente. O amor não poude extinguir o ódio mas tão sòmente repelí-lo para o inconciente, instância psíquica em que se encontra a salvo da ação da conciência e pode subsistir sem diminuição alguma, e até crescer.

Em tais circunstâncias, o amor conciente costuma alcançar, a seu turno, por uma espécie de reação, particular intensidade para poder, constantemente e sem descanso, levar a cabo a tarefa de manter recalcado o seu contrário. Esta singular constelação da vida amorosa parece ter sua condição numa dissocia-

ção muito precoce, sucedida no período prehistórico infantil, dos dois elementos antitéticos, com recalcamento de um dêles, geralmente do ódio (39).

A revisão de uma série de análises de neuróticos obsessivos nos dá a impressão de que esta relação dada em nosso paciente entre o amor e o ódio, constitue um dos caracteres mais freqüentes e manifestos da neurose obsessiva e por conseguinte, um dos mais importantes. Mas, si bem que seja muito atraente poder referir à vida instintiva o problema da "escolha da neurose", temos razões suficientes para fugir a semelhante tentação e devemos recordar que em todas as neuroses descobrimos como substratos dos sintomas os próprios instintos recalcados. Além disto, o ódio que o amor mantém recalcado no inconciente também desempenha um importantíssimo papel na patogênese da histeria e da paranoia. Não conhecemos suficientemente a essência do amor para assentar aqui afirmações precisas. Sobretudo, a relação de seu fator negativo com o componente sádico da libido, ainda nos é totalmnte desconhecida.

Só a título de informação provisória observaremos que nos casos de ódio inconciente por nós investigados ficou demonstrado que o componente sádico do amor integrara constitucionalmente uma elevada

---

(39) Vejam-se, sôbre êste ponto, nossos comentários às primeiras sessões do Tratamento. — Mais tarde, Bleuler deu a esta constelação de sentimentos o nome de "ambivalência".

intensidade, e por conseguinte, fôra objeto de um recalcamento precoce e demasiado fundamental, daí resultando que os fenômenos neuróticos observados derivavam, por um lado, do amor conciente intensificado pela reação, e por outro, do sadismo que continuava atuando no inconciente na qualidade de ódio.

Mas seja qual for a forma em que se tenha de interpretar esta singular relação do ódio e do amor, sua existência é indubitavelmente demonstrada pela análise de nosso paciente, e, é muito satisfatório constatar quão compreensíveis se nos tornam os enigmaticos processos da neurose obsessiva desde que o referimos a êsse fator. Si contra um amor intenso se alça um ódio quasi tão intenso como êle, a conseqüencia imediata tem de ser uma paralisia parcial da vontade, uma incapacidade de adoptar qualquer resolução em relação a todos os atos cujo móvel deva ser o amor. Mas além disto, tal indecisão não permanece limitada por muito tempo a um único grupo de atos, pois que atos de um indivíduo enamorado não se relacionam com seu motivo capital ? Para completar, a conduta sexual tem em si um poder prototípico com o qual atua sôbre as demais reações do homem, modificando-as, e por último, o carácter psicológico da neurose obsessiva tende típicamente a fazer o maior uso possível do mecanismo do *deslocamento*. Em conseqüência, a indecisão estende-se paulatinamente a toda a atividade do paciente (40).

---

(40) Cfr. Freud, *Die Darstellung durch ein Kleinstes als Witztechnik, Ges. Schriften*, vol. 9, pg. 84.

Com isto, fica instaurado o regime da *obsessão* e da *dúvida,* tal como se nos depara na vida anímica dos neuróticos obsessivos. A dúvida corresponde à percepção interna da indecisão que se apodera do enfêrmo, em conseqüencia da inibição do amor pelo ódio, logo que o mesmo pretende realizar alguma ação. Duvida, na realidade, de seu próprio amor, que devia ser para êle, subjetivamente, o mais certo, e esta dúvida se difunde sôbre todas as outras coisas, deslocando-se de preferência para as mais ínfimas e indiferentes.

Quem duvida de seu amor, tem de duvidar de todo o resto, que é menos importante.

E' esta a mesma dúvida que nas medidas de proteção provoca a insegurança do indivíduo e o obriga a repeti-las insistentemente para desvanecê-la, conseguindo afinal que tais atos de defesa resultem tão irrealizáveis como a resolução amorosa primitivamente inibida.

No princípio de minhas investigações tive de aceitar outra derivação mais geral da incerteza dos neuróticos obsessivos, derivação que parecia adaptar-se mais fácilmente ao individuo normal. Com efeito, quando estamos redigindo uma carta e alguem nos dirige entrementes uma ou mais perguntas, sentimos depois uma justificada incerteza quanto ao que escrevemos enquanto nos falavam, e vemo-nos obrigados a reler a carta uma vez terminada. Supús, portanto, que a incerteza dos neuróticos obsessivos, por exemplo

em suas orações, procedia do fato de serem constantemente perturbados por fantasias inconcientes enquanto rezavam.

Esta hipótese já era exata e mostra-se fàcilmente conciliável com as afirmações anteriores. E' certo que a incerteza de já ter levado a cabo uma medida de proteção procede das fantasias inconcientes perturbadoras, mas tais fantasias contêm além disto, precisamente, o impulso contraditório que devia ser repelido pela oração. Isto se torna evidente em nosso paciente, numa ocasião em que a perturbação não se conserva inconciente, mas é enunciada em voz alta. Quando quer rezar, dizendo: "Deus a proteja!", emerge de repente do inconciente um "não" hostil e o paciente adivinha que se trata de um fragmento de uma maldição. Si aquele "não" permanecesse mudo o paciente teria continuado em seu estado de incerteza e prolongaria cada vez mais suas rezas; mas logo que o ouviu suprimiu inteiramente esta. Antes de fazê-lo, experimentara, como outros neuróticos obsessivos, toda sorte de métodos para evitar a intromissão do elemento contraditório, abreviando suas orações ou recitando-as com suma rapidez. Mas todas essas técnicas fracassam cedo ou tarde e, logo que o impulso amoroso conseguiu realizar alguma coisa, depois de deslocar-se para um ato indiferente, é seguido pelo impulso hostil que se esforça por anular sua obra.

Quando o neurótico obsessivo vem a constatar mais tarde a insegurança da memória, consegue via

de regra, com seu auxílio, estender a dúvida mesmo aos fatos já realizados, que careceram de qualquer relação com o complexo do amor e do ódio, e a todo o seu passado. Recorde-se o exemplo daquela senhora que acabava de comprar um pente para sua filha e que, ao ser assaltada por uma suspeita ciumenta contra o seu marido, começou a duvidar, naquele mesmo momento, da compra que acabara de realizar, admitindo a hipótese de que já possuia aquele objeto de toucador ha longos anos.

E' como si dissesse abertamente:

"Si posso duvidar de teu amor (e isto era apenas uma projeção da dúvida que nutria sôbre o seu próprio amor ao marido), posso duvidar de tudo", revelando-nos assim o sentido oculto da dúvida neurótica.

Mas a *obsessão* é uma tentativa de compensar a dúvida e corrigir o insuportável estado de inibição de que a mesma dá provas. Quando afinal e com a ajuda do deslocamento o enfêrmo consegue levar a uma resolução o propósito inibido, êsse propósito tem de ser forçosamente realizado. Subentende-se que já não é o original, mas a energia represada não renuncia à ocasião de encontrar um exutório na ação substitutiva. Exterioriza-se, pois, em mandatos e interdições, alternando o impulso amoroso e o hostil na conquista do caminho que leva à derivação. A tensão que surge, quando o mandamento obsessivo não deve ser executado, é intolerável, e o paciente percebe-a em forma

de angústia intensíssima. Mas o próprio caminho que conduz a um ato substitutivo deslocado para um pormenor é tão ardentemente disputado, que êsse ato só pode ser realizado, na maioria dos casos, como medida de proteção e em íntimo contato com um dos impulsos que devem ser repelidos.

Uma espécie de *regressão* substitue, além disto, a resolução definitiva por atos preparatórios. O pensamento substitue a ação, e algum estado prévio mental da mesma se impõe, com poder obsessivo, em lugar do ato substitutivo. Conforme esta regressão do ato ao pensamento seja mais ou menos acentuada, o caso de neurose obsessiva toma o carácter de pensamento obsessivo (representação obsessiva) ou de ação obsessiva no sentido estrito da palavra. Êstes atos obsessivos própriamente ditos só se tornam possíveis porque nêles se realiza uma espécie de reconciliação dos dois impulsos contrapostos, mediante a formação de produtos transacionais. Os atos obsessivos aproximam-se, efectivamente, cada vez mais, e com maior precisão quanto mais se prolonga a enfermidade, dos atos sexuais infantís semelhantes ao onanismo. O paciente chega assim a realizar, nesta forma da neurose, atos amorosos, mas só com ajuda de uma nova regressão e não já orientados para uma pessoa, para o objeto do amor e do ódio, pois que agora não passam de atos auto-eroticos, como na infância.

A primeira regressão, a da ação ao pensamento, é favorecida por outro dos fatores que participam na

gênese da neurose. Nas anamneses dos doentes, encontramos regularmente a emergência precoce e o recalcamento prematuro do instinto sexual visual e de saber, o qual também em nosso paciente regula toda uma parte de sua atividade sexual infantil.

Já apontámos a participação dos componentes sádicos na gênese da neurose obsessiva. Nos indivíduos em cuja constituição predomina o instinto de saber, o sintoma capital da neurose é sempre a cavilação obsessiva. A própria atividade mental fica sexualizada, pois o prazer sexual, habitualmente referido ao conteúdo do pensamento, passa a recaír sôbre o processo intelectual, e a satisfação obtida ao chegar a um resultado mental é sentida como satisfação sexual. Esta relação do instinto de saber com os processos mentais torna-o especialmente adequado a atrair para o pensamento, nas diversas formas de neurose obsessiva em que participa, a energia que se esforça debalde para abrir caminho até a ação, lá onde se depara a possibilidade de uma outra espécie de satisfação. Dêste modo, o ato substitutivo pode ser substituido a seu turno, graças ao instinto de saber, por atos mentais preparatórios. O adiamento da ação encontra em breve um substitutivo na demora no pensamento, e todo o processo é transportado, com suas peculiaridades, a um novo terreno.

Mercê das deduções anteriormente citadas, talvez já possamos aventurar-nos a determinar o carácter psicológico, por tanto tempo procurado, que empresta aos produtos da neurose obsessiva sua qualidade

obsessiva. Tornam-se obsessivos os processos mentais que, em conseqüência da inibição antitética no extremo motor dos sistemas mentais, são empreendidos com um desenvolvimento qualitativo e quantitativo de energia destinado tão sòmente, via de regra, à ação, isto é, os *pensamentos que têm de representar, regressivamente, atos*. Não creio que deva tropeçar em graves contradições a hipótese de que, habitualmente e por fôrça de razões econômicas, o pensamento é impulsionado por meio de deslocamentos de energia menores que os consagrados aos atos destinados à derivação e à modificação do mundo exterior.

Aquilo que irrompe com sobeja energia na conciência como idéia obsessiva, ha de ficar depois garantido contra a ação destruidora do pensamento conciente. Já sabemos que tal proteção é conseguida por meio da *deformação* que a idéia obsessiva sofreu antes de se tornar conciente. Mas não é êste o único meio. Só muito raras vezes se omite afastar a idéia obsessiva da situação que presidiu sua gênese e na qual seria fàcilmente acessível à compreensão a-pesar-de se achar deformada. Com êsse propósito, é creado. de uma parte, um *intervalo* entre a situação patógena e a idéia obsessiva consecutiva, intervalo que induz em êrro a investigação causal do pensamento conciente; e de outra parte, o conteúdo da idéia obsessiva é desligado de suas relações particulares por meio de uma *generalização*.

A obsessão de compreensão de nosso paciente nos oferece um exemplo desta ordem, e outro talvez

melhor uma doente que se proïbiu de usar qualquer joia, si bem que a motivação se referisse apenas a uma única joia, que a paciente invejara à sua mãe e esperava herdar dela. Por fim, a idéia obsessiva também fica protegida contra o trabalho de solução conciente, por sua expressão verbal indeterminada ou equívoca. Tal expressão verbal, mal interpretada, pode ficar incorporada então aos delírios, e os sucessivos desenvolvimentos ou substituições da obsessão estarão ligados ao êrro de interpretação, e não ao texto autêntico. Mas pode-se observar que tais delírios tendem constantemente a estabelecer novas relações com o conteúdo e o texto verbal da obsessão não acolhidos no pensamento conciente.

Uma vez mais tornaremos à vida instintiva da neurose obsessiva, para uma única observação. Nosso paciente demonstrou ser também um *olfativo*. No dizer dêle mesmo, durante sua infância conhecia as pessoas pelo cheiro, como um cão, e as percepções olfativas tinham ainda atualmente para êle maior significação que para as demais pessoas. Também noutros enfêrmos, neuróticos obsessivos ou histéricos, observei qualquer coisa de análogo e aprendi a tomar em consideração o papel desempenhado na gênese das neuroses por um prazer olfativo sexual recalcado na infância (41). Em geral, pode suscitar-se a questão de saber si a diminuição que o sentido do

(41) Por exemplo, nas conhecidas formas do fetichismo.

olfato sofreu quando o homem afastou seu rosto do solo e a consecutiva repressão orgânicamente condicionada do prazer olfativo, não têm uma parte considerável na capacitação do homem para as enfermidades neuróticas. Isto nos explicaria como é que o incremento da civilização exige recalcamentos cada vez mais extensos da vida sexual. Sabemos que intima relação existe na organização zoológica, entre o instinto sexual e a função do órgão do olfato.

Para terminar, quero exprimir a esperança de que minhas comunicações, incompletas em todos os sentidos, venham a impelir outros investigadores a aprofundar-se no estudo da neurose obsessiva com ânimo de chegar a novas descobertas. A meu ver, o característico desta neurose, o que a distingue da histeria, não deve ser procurado na vida instintiva, e sim nas circunstâncias psicológicas.

Não posso abandonar meu paciente sem fazer constar minha impressão de que êle se achava como que dissociado em três personalidades, uma inconciente e duas preconcientes, entre as quais sua conciência podia oscilar. Seu inconciente tinha dentro de si os impulsos violentos e perversos precocemente recalcados. Em seu estado normal, era um homem bondoso, alegre, reflexivo, inteligente e desembaraçado, mas numa terceira organização psíquica rendia culto à superstição e à ascese, de maneira que podia abrigar duas convicções e duas concepções do universo. Esta personalidade preconciente continha, sobretudo, os produtos da reação a seus desejos recalcados, e não

era difícil prever que, na hipótese de se prolongar a sua enfermidade, acabaria por lhe devorar a personalidade normal. Deparou-se-me oportunidade de investigar tais fenômenos numa paciente gravemente afectada de neurose obsessiva e anàlogamente dissociada em duas personalidades, uma tolerante e serena, outra sombria e ascética. A paciente apresenta a primeira de tais personalidades como seu eu oficial, mas vive dominada pela segunda. Ambas organizações psíquicas têm acesso à sua conciência, e detrás de sua personalidade ascética se oculta seu inconciente, para ela totalmente desconhecido e composto de antiquíssimos desejos ha muito tempo recalcados (42).

---

(42) *Adição em 1923*: O paciente a quem a análise anterior devolveu inteiramente a saúde psíquica, veio a morrer depois na guerra européia, como tantos outros jovens de futuro promissor.

II

Considerações psicanalíticas sôbre um caso de paranoia autobiográficamente descrito

Nós médicos que não exercemos nossa profissão em estabelecimentos públicos, tropeçamos com grandes dificuldades na investigação analítica da paranoia. Não podemos receber no consultório tais enfermos nem, em todo caso, retê-los por muito tempo, pois só aplicamos nosso tratamento quando esperamos obter com êle algum efeito terapêutico. Por conseguinte, só em casos excepcionais pude conseguir uma visão um tanto profunda da estrutura da paranoia, ou porque a incerteza do diagnóstico, nem sempre fácil, justificasse uma tentativa analítica, ou porque a própria família do doente viesse rogar-me que o submetesse a tratamento durante algum tempo, mau grado a segurança do diagnóstico. No mais, vejo naturalmente numerosos enfermos paranoicos e dementes, que me ilustram sôbre sua doença tanto como aos demais psiquiatras. Mas isto não basta, em geral, para deduzir conclusões psicanalíticas.

A investigação psicanalítica da paranoia seria totalmente impossível si os enfermos não apresentassem a peculiaridade de revelar espontâneamente, si bem que alterando-o pela deformação, o que os demais neuróticos ocultam como o seu mais íntimo segrêdo.

Dado que os paranoicos não podem ser obrigados a vencer suas resistências internas e só dizem o que querem dizer, é possível substituir nesta doença o conhecimento pessoal do paciente pela descrição escrita ou impressa da história de sua doença. Não creio, portanto inadequado interpolar interpretações analíticas na observação patológica de um paranoico (dementia paranoides) a quem jamais vi, mes que escreveu e publicou a história de sua doença.

Trata-se do doutor em Direito, Daniel Paulo Schreber, magistrado dos Tribunais da Saxônia, cujas "Memórias de um neurótico" surgiram em 1903, despertando, si tenho informação exata, grande interêsse entre os psiquiatras.

E' possível que o Dr. Schreber ainda viva, e, achando-se já muito afastado dos delírios que descreveu em 1903, não lhe sejam gratas estas observações sôbre seu livro. Mas desde que sua personalidade atual se conserve idêntica à anterior, ser-me-á lícito invocar os argumentos que êle mesmo, "homem de inteligência superior, entendimento singularmente agudo e dotes nítidos de observação" (43), opunha aos esforços realizados para fazê-lo desistir da publicação de sua memórias: "Não desconheço os inconvenientes que parecem opôr-se à publicação de meu livro. O maior dêles estriba-se na consideração devi-

---

(43) Tal é a descrição, decerto não de todo injustificada, que Schreber faz de sua própria personalidade intelectual nas citadas "Memórias", pg. 35.

da a pessoas que ainda vivem. Mas, por outro lado, julgo muito conveniente para a ciência e para o conhecimento de certas verdades religiosas, tornar possível ainda durante a minha vida a observação de meu corpo e de meus destinos por pessoas peritas. Ante esta reflexão, desvanecem-se todas as considerações pessoais" (44). Noutro ponto de seu livro, manifesta ter-se decidido a publicá-lo mesmo que o seu médico, o Dr. Flechsig, de Leipzig, o levasse à barra dos Tribunais.

Nêste ponto, atribue a Flechsig uma serena compreensividade, que posso agora atribuir igualmente ao autor da obra. "Espero — diz Schreber — que o interêsse científico de minhas memórias vença no Dr. Flechsig possíveis susceptibilidades pessoais".

Si bem que pretenda, nas páginas que seguem, citar textualmente as passagens das "Memórias" que apoiam minhas interpretações, rogo, todavia, ao leitor, que percorra antes, ainda que ligeiramente, o livro de Schreber.

I

HISTÓRIA DA DOENÇA

O Dr. Schreber escreve (45): "Por duas vezes estive doente dos nervos e ambas em conseqüência de um excesso de trabalho intelectual. A primeira quando era magistrado em Chemnitz. por causa da ativi-

(44) Prefácio das "Memórias".
(45) "Memórias", pg. 34.

dade a que me entreguei por ocasião de umas eleições para o Parlamento, e a segunda por causa do extraordinário trabalho que tive de desenvolver quando fui indicado para o cargo de presidente do Tribunal de Dresden".

A primeira doença iniciou-se no outono de 1884 e curou-se completamente em fins de 1885.

Flechsig, em cuja clínica o doente passou seis meses, diagnosticou-lhe a enfermidade, num certificado ulterior, como um grave acesso de hipocondria. O Dr. Schreber assegura que esta enfermidade transcorreu "sem nenhum incidente de carácter metafisico" (46).

Nem as memórias do paciente nem os certificados dos médicos nelas transcritos nos informam suficientemente sôbre sua história anterior nem sôbre as circunstâncias particulares de sua vida. Não me é possivel siquer indicar qual era sua idade ao adoecer pela primeira vez, si bem que o alto cargo que já desempenhava na magistratura antes da segunda enfermidade possa servir-nos para fixar aproximadamente um mínimo.

Averiguamos que na época de sua "hipocondria" o Dr. Schreber já estava casado havia muito tempo. Êle próprio no-lo diz:

"Mais intensa ainda foi a gratidão de minha mulher, que via no professor Flechsig o homem que

(46) "Memórias", pg. 35.

lhe devolvera o espôso, e teve assim, durante muitos anos, o retrato dêle em sua mesa de trabalho".

E mais adiante:

"Uma vez curado de minha primeira enfermidade, vivi ao lado de minha mulher oito anos felicíssimos, igualmente ricos em distinções externas, apenas perturbados porque durante êles se malogrou repetidamente nossa esperança de conseguir descendencia".

Em Junho de 1893, foi-lhe anunciada sua próxima nomeação para presidente do Tribunal de Dresden, cargo em que se empossou no primeiro dia de Outubro do mesmo ano. Nêste interim (47), teve vários sonhos, a que só ulteriormente concedeu importância. Sonhou repetidas vezes que sofria uma recaída em sua antiga enfermidade neurótica, circunstância que lhe causava tanto desgôsto durante o sonho quanto o regozijava ao despertar vê-la desvanecida. Além disto, uma manhã, no período de transição que se interpõe entre o sono e a vigília, teve "a idéia de que devia ser muito agradável ser uma mulher no momento da cópula", idéia que depois, com plena conciência, repeliu indignado.

Sua segunda enfermidade íniciou-se em fins de Outubro de 1893 com tenazes insônias que de novo o fizeram ingressar na clínica de Flechsig. Mas

(47) Por conseguinte, antes do excesso de trabalho a que atribue sua doença.

desta vez peorou ràpidamente. Um certificado ulterior expedido pelo diretor do sanatório Sonnenstein descreve a evolução de sua doença:

"No princípio de sua permanência na clínica do Dr. Flechsig, o enfêrmo manifestava sobretudo idéias hipocondríacas, queixando-se, por exemplo, de que tinha um amolecimento cerebral e afirmando que não tardaria a morrer. Mas já se mesclavam ao quadro patológico algumas idéias de perseguição fundadas em alucinações sensoriais, que a princípio pareceram emergir isoladas, enquanto se apresentava no paciente uma intensa hiperestesia e uma grande sensibilidade à luz e ao rumor. Mais tarde, já se acumularam as alucinações visuais e auditivas a ponto de dominar-lhe completamente toda a sensibilidade e todo o pensamento. Supunha-se morto e putrefato, ou doente de peste, lamentava-se de que seu corpo era submetido a repugnantes manipulações, e sofria, conforme ainda hoje manifesta, espantosos tormentos que suportava por uma causa sagrada. As sugestões patológicas absorviam o enfermo tão completamente, que passava horas inteiras ensimesmado e imóvel (estupor alucinatório), inacessível a qualquer outra impressão, e por outro lado, atormentavam-no de tal modo, que desejava a morte; repetidas vezes tentou afogar-se no banho e pedia continuamente o ácido prússico que lhe estava destinado". Paulatinamente, seus delírios foram adquirindo um carácter místico e religioso; falava diretamente com Deus, os demonios fustigavam-no, via "aparições milagrosas", ouvia

"música divina" e acreditava, por fim, "viver noutro mundo".

Acrescentaremos que insultava diversas pessoas pelas quais se julgava perseguido e prejudicado, mas, antes de tudo, seu médico anterior, Flechsig, a quem classificava de "assassino de almas" e de quem zombava chamando-o repetidamente "o pequeno Flechsig", acentuando intensamente a primeira palavra. Transferira-se de Leipzig à clinica Sonnenstein, de Pirna, em Junho de 1894, nela permanecendo até a estruturação definitiva de seu estado.

No correr dos anos seguintes, o quadro clínico transformou-se numa forma que o Dr. Weber, diretor do estabelecimento, descreve assim:

"Sem entrar mais minuciosamente nas particularidades do curso da moléstia, limitar-nos-emos a indicar como no desenvolvimento ulterior da psicose aguda inicial, que fôra diagnosticada como uma demência alucinatória, foi surgindo cada vez mais acentuadamente ou, por assim dizer, cristalizando-se, o quadro clínico paranoico que o enfêrmo hoje apresenta".

Edificara, com efeito, por um lado, um artificioso sistema de delírios que merece nosso maior interêsse, e por outro, reconstruira sua personalidade a ponto de se mostrar perfeitamente capacitado para tornar à vida normal, apresentando tão sòmente algumas perturbações isoladas.

O Dr. Weber declara num atestado expedido em 1889:

"Atualmente, o Dr. Schreber, afora alguns sintomas psico-motores que até o observador mais superficial ha de reconhecer como patológicos, não depara nenhum sinal de demência nem de inibição psíquica, e tão pouco sua inteligência parece visivelmente diminuida. Reflete bem, tem uma memória excelente, dispõe de um considerável acervo de conhecimentos, não só em questões jurídicas, mas também em muitos outros sectores, e pode expô-los em processos mentais perfeitamente ordenados. Interessa-se pela política, pela ciência, pela arte, etc., e ocupa-se continuamente de tais matérias, sem que o observador ignorante de sua enfermidade possa reconhecer em suas palavras sôbre tais temas qualquer sinal de perturbação. Mas, não obstante, o paciente acha-se invadido por certas representações patológicamente condicionadas, que formaram um sistema total, acham-se mais ou menos fixas e não parecem acessíveis a uma retificação pela apreensão objetiva e ajuizamento das circunstâncias reais".

O paciente, aliviado a tal ponto, já se considerava capaz de retornar à vida ativa e iniciou as negociações necessárias para anular a declaração de sua incapacidade e poder saír da Clínica. Opunha-se o Dr. Weber a êstes desejos e seus atestados optavam em sentido contrário. Mas na informação que deu em 1900, já não poude deixar de descrever favoràvelmente a conduta e o estado do paciente:

"O abaixo-assinado teve, durante nove meses, contínua ocasião de palestrar diàriamente, durante o

almôço na mesa redonda da Clínica, com o Dr. Schreber, sôbre toda sorte de questões. Seja qual for o tema da conversação e excepção feita, está claro, de suas idéas delirantes, o Dr. Schreber revela, tanto em questões políticas como nas referentes à administração de justiça, à arte e à literatura, um intenso interêsse, profundos conhecimentos, boa memória, excelente juizo e sadias idéias morais. Também na conversação superficial com as senhoras presentes se mostra amável e cortez, e até ao tratar em forma humorística certas questões sempre revela um tato extraordinàrio, sem que jamais tenha trazido à palestra da mesa questões antes apropriadas à visita médica". Mesmo num assunto de ordem econômica que se relacionava com os interêsses de toda a sua família, interveio então com perícia profissional e de um modo perfeitamente adequado.

Nos repetidos requerimentos que o Dr. Schreber dirigiu nesta época aos tribunais para que o libertassem, não negava absolutamente sua perturbação, nem ocultava a intenção de dar à publicidade suas memórias. Muito ao contrário, acentuava o valor de suas meditações no que se refere à vida religiosa e à impossibilidade de substituí-la pelas doutrinas científicas modernas. Mas, ao mesmo tempo, aduzia a inocuidade de todos os atos a que se via obrigado pelo conteúdo de seu delírio. O engenho e a lógica extremada daquele homem, sôbre o qual pesava um diagnostico de paranoia, acabaram por lhe dar a vitória. Em Julho de 1902, foi anulado o ato que o incapacitava.

No ano seguinte, vieram a lume suas memórias, si bem que prèviamente submetidas à censura oficial e com lamentáveis mutilações.

Na sentença que devolveu a liberdade ao dr. Schreber, surge sintetizado em breves frases o conteúdo de seu sistema delirante:

"Considerava-se chamado a redimir o mundo e devolver-lhe a bemaventurança perdida. Mas só poderia conseguí-lo depois de ter-se transformado em mulher".

O atestado expedido pelo Dr. Weber em 1899 tem uma minuciosa descrição do delírio em sua forma definitiva:

"O sistema delirante do paciente culmina na convicção de achar-se chamado a redimir o mundo e devolver à humanidade a bemaventurança perdida. Afirma ter tido conhecimento dêsse destino por uma revelação divina, como as que os profetas recebiam. Precisamente os nervos superexcitados, como os dêle haviam estado durante tanto tempo, tinham a qualidade de atraír a Deus; mas suas revelações tinham em si coisas que era impossível, ou só muito dificilmente era possível exprimir na linguagem humana, e só a êle haviam sido comunicadas. O pormenor mais importante de sua missão redentora era que *primeiramente devia converter-se em mulher*. Não era que êle quisesse transformar-se em mulher; tratava-se de alguma coisa mais coercitiva, de uma "necessidade" baseada na ordem universal, à qual não podia escapar, si bem que pessoalmente lhe fosse muito mais agrádavel con-

tinuar sendo homem e poder assim conservar sua elevada posição social. Mas a única maneira de tornar a conquistar o além para si próprio e para a humanidade inteira, era por meio de sua transformação em mulher, transformação que se realizaria por um milagre divino, ao cabo de vários anos ou mesmo decênios. Tinha a convicção de ser objeto exclusivo de milagres divinos, e com isto o homem mais singular que jamais existíra na terra. Havia muitos anos que experimentava a toda hora e a todo minuto tais milagres em seu próprio corpo, e às vezes também comprovava pelas vozes que com êle falavam. Nos primeiros tempos de sua enfermidade, sofrera, em vários órgãos de seu corpo, modificações que teriam acarretado a morte a qualquer outro indivíduo. Vivera muito tempo sem estômago, sem intestinos, quasi sem pulmões, com o tubo digestivo dilacerado, sem bexiga ou com as costelas estilhaçadas, e às vezes, ao comer, engulira a própria laringe, etc.

Entretanto, milagres divinos ("raios") sempre haviam reconstruido, incansàvelmente, o que fôra destruido, razão por quê, enquanto continuasse sendo homem, seria imortal. Tais fenômenos ameaçadores haviam desaparecido tempos atrás, surgindo, em compensação, no primeiro plano a sua "feminilidade", resultado de um processo evolutivo que precisaria de decênios inteiros, sinão de séculos, para chegar a um aperfeiçoamento definitivo, e cujo fim decerto nenhum dos homens atualmente vivos presenciaria. Tinha a sensação de que em seu corpo já havia "ner-

vos femininos", dos quais surgiriam, por meio da fecundação imediata de Deus, novos homens. Só então poderia morrer de morte natural, depois de haver conquistado novamente para si e para os outros homens o reino da bemaventurança. A's vezes, falavam-lhe, além do sol, as árvores e os pássaros, que eram algo assim como "restos encantados de antigas almas humanas". Falavam-lhe em linguagem humana, e por todas partes sucediam coisas maravilhosas ao seu redor".

O interêsse do psiquiatra prático em face de tais produtos delirantes fica em geral esgotado uma vez que consegue determinar a função do delírio e sua influência sôbre a vida do paciente. Seu assombro não constitue o princípio de sua compreensão.

Em compensação, o psicanalista traz, de seu conhecimento das psiconeuroses, a suspeita de que tambem êstes produtos mentais, tão afastados do pensamento habitual dos homens e tão singulares, têm seu ponto de partida nos impulsos mais compreensiveis e mais correntes da vida anímica, e desejaria chegar a conhecer os motivos de semelhante transformação e os caminhos utilizados para levá-la a cabo. Guiado por tal intenção, aprofundar-se-á de bom grado na história evolutiva e nos pormenores do delírio.

a) O certificado médico assinala como sendo os dois pontos capitais a *missão redentora* e a *transformação em mulher*.

O delírio de redenção é uma fantasia com a qual já estámos familiarizados, pois freqüentemente consti-

tue o nódulo da paranoia religiosa. Mas o complemento de que a redenção ha de ter como premissa a transformação do paciente em uma mulher, é inusitado e extremamente estranho em si, por isso que se afasta consideravelmente do mito histórico que a fantasia do doente quer reproduzir.

Talvez nos inclinemos a supor, de acôrdo com o atestado médico, que a ambição de desempenhar o papel de redentor é único móvel do complexo de delírios, não sendo a transformação em mulher mais que um meio para tal fim. Si bem que assim se nos depare mais tarde na forma definitiva do delírio, o estudo das "Memórias" impõe-nos uma interpretação díferente. Averiguamos, com efeito, que a transformação em mulher foi o delírio primário, sendo julgada a princípio como uma perseguição e um grave prejuizo, e que só secundàriamente foi ligada à missão redentora.

Vemos também, indubitàvelmente, que a princípio devia ter lugar para um fim sexual e não ao serviço de propósitos elevados. Achamo-nos, pois, ante uma mania persecutória sexual transformada ulteriormente em mania religiosa de grandezas. O perseguidor era primitivamente o médico do enfêrmo, Dr. Flechsig, depois substituido pelo proprio Deus.

Transcreverei aqui, por extenso, as passagens das "Memórias" que o demonstram:

"Dêste modo, organizou-se contra mim uma conspiração (aproximadamente em Março ou Abril

de 1894) que se propunha, uma vez reconhecida ou suposta a incurabilidade de minha doença nervosa, entregar-me a um homem de maneira que minha alma lhe ficasse escravizada e meu corpo—interpretando errôneamente a tendência anteriormente mencionada, na qual repousa a ordem universal — fosse transformado em um corpo feminino, submetido àquele homem (48) para que o gozasse sexualmente e em seguida abandonado à morte e à putrefação".

"Em tudo isto, e do ponto de vista humano que então ainda me dominava preferentemente, era natural que eu visse sempre e ùnicamnte meu inimigo no professor Flechsig ou em sua alma (mais veio juntar-se-lhe a alma de v. W., de que trataremos mais adiante) e considerasse a onipotência divina como minha aliada natural, a que recorri em situação desesperada contra o professor Flechsig, e que portanto acreditava dever apoiar com todos os meios imagináveis e até com o sacrifício de meu próprio ser. O fato de que mesmo Deus pudesse ser cúmplice, sinão mandante do assassinato de minha alma e da entrega de meu corpo prostituido, foi uma idéia que me ocorreu muito mais tarde, pois na realidade só emergiu claramente em minha conciência quando escrevi as presentes linhas".

"Todas as tentativas de assassinar minha alma, despojar-me de minha virilidade para fins contrários

---

(48) Desta e de outras passagens das "Memórias", se infere que tal indivíduo não era outro sinão o próprio dr. Flechsig.

à ordem universal (isto é, para a satisfação dos desejos sexuais de um homem) e arruinar minha inteligência, fracassaram. Do combate. aparentemente tão desigual, de um homem só e fraco contra o próprio Deus, saí vencedor, si bem que ao cabo de amargos sofrimentos e privações, e venci porque tinha a meu favor a ordem universal".

Em a nota 34, descreve em seguida a modificação ulterior do delírio da transformação em mulher e de suas relações com Deus:

"Mais tarde explicaremos como minha transformação em mulher também pode servir para um fim em acôrdo com a ordem universal e até conter talvez a verdadeira solução do conflito".

Estas manifestações são decisivas para a interpretação do delírio de transformação em mulher e para a compreensão geral do caso. Acrescentaremos que as vozes que o paciente ouvia sempre interpretavam puramente como uma afronta sexual a transformação em mulher e zombavam do enfêrmo por causa dela.

Por exemplo, na pg. 127:

"Os raios de Deus acreditavam poder zombar de mim pela iminente perda de minha virilidade e minha transformação em *Miss Schreber*: Belo magistrado êste que se deixa copular!" — "Não terá vergonha de apresentar-se mais tarde ante sua mulher?"

A natureza primária da fantasia de transformação em mulher e sua independência inicial da idéia de

redenção têm além disto o testemunho da "idéia" anteriormente mencionada, que emergiu no período de transição entre o sono e a vigília, segundo a qual devia ser uma beleza ser uma mulher no momento do coito. Esta fantasia se fez conciente no periodo de incubação da enfermidade e antes ainda dos efeitos do excesso de trabalho em Dresden.

O próprio Schreber assinala o mês de Novembro de 1895 como o período em que se estabeleceu a relação da fantasia de transformação com a idéia de redenção, iniciando-se assim uma reconciliação do paciente com aquela primeira idéia: "Agora adquiri plena conciência de que a ordem universal exigia, aprovesse-me ou não, minha *desvirilização,* e que razoàvelmente não me restava outro caminho sinão familiarizar-me com a idéia de minha transformação em mulher. Como conseqüência da *desvirilização,* só se podia pensar numa fecundação pelos raios divinos, destinada a crear novos homens" (pg. 177).

A transformação em uma mulher foi o germe primitivo do produto delirante e também veio a ser o único elemento que sobreviveu ao restabelecimento do enfêrmo e o único que soube conservar seu pôsto na atividade real do indivíduo curado.

"A única coisa que aos olhos de outros homens pode não parecer razoável é o fato, já mencionado pelos senhores peritos, de que às vezes me encontram diante do espêlho, ou em qualquer outro lugar, adornado com prendas femininas (fitas, colares, etc.) e

o dorso semi-nú. Mas isso só sucede quando me acho sòzinho, e nunca, desde que me seja possível evitá-lo, em presença de outras pessoas".

O senhor magistrado confessava tais folguedos numa época (Julho de 1901) em que encontrava a seguinte expressão acertada para definir sua saúde, pràticamente recobrada:

"Agora já sei que as pessoas que vejo diante de mim não são *homens feitos às pressas,* mas verdadeiros homens, e que, por conseguinte, devo portar-me com êles como um homem razoável se deve portar em seu trato com os demais".

Em contraste com esta persistência de sua fantasia de *desvirilização,* o enfêrmo não levou a cabo, em favor do reconhecimento de sua missão redentora, mais que a publicação de suas "Memórias".

b) A atitude de nosso paciente em relação a Deus é tão singular e tão cheia de circunstâncias contraditórias, que se faz mister uma grande confiança para conservar a esperança de encontrar ainda, em sua "demência", um "método".

Tentaremos pois orientar-nos, baseando-nos em suas "Memórias", sôbre seu sistema teológico-psicológico e expor, em sua relação aparente (delirante), suas opiniões sôbre *os nervos, a bemaventurança, a hierarquia divina e as qualidades de Deus.* Em todas as secções de sua teoria, encontramos um mixto singular de engenho e vulgaridade. de elementos originais emprestados.

A alma humana está contida nos *nervos* do corpo que nos devemos representar como elementos extraordinàriamente subtis, comparáveis a finos fios de seda. Alguns dêstes nervos são adequados para a recepção das percepções sensoriais, outros (os *nervos do entendimento*) produzem tudo quanto é psíquico; cada um dêles *representa a total individualidade espiritual do homem*, e seu número maior ou menor só influe durante o período de tempo em que podem ser retidas as impressões.

De passo que os homens se compõem de corpo e nervos, Deus é, como se torna fácil de entender, exclusivamente nervo. O número dos nervos divinos não é, como o dos nervos humanos, limitado, e sim infinito ou eterno. Os nervos divinos possuem todas as propriedades dos humanos, mas num grau enormemente mais intenso. Em sua capacidade de crear, isto é, de transformar-se em todas as coisas possíveis do mundo creado, chamam-se *raios*. Entre Deus e o céu estrelado ou o sol, existe uma relação íntima.

Depois da Creação, Deus retirou-se a uma imensa distância do mundo e abandonou-o em geral a suas leis próprias, limitando-se a elevar até junto de si as almas dos mortos. Só excepcionalmente condescendia em pôr-se em relação com alguns homens de inteligência suprema ou intervir com um milagre nos destinos do mundo.

De acôrdo com a ordem universal, só depois da morte se estabelece uma relação regular entre Deus e as almas dos homens. Quando um homem morre, as

partes de sua alma (nervos) são submetidas a um processo de purificação, para em seguida serem novamente incorporadas a Deus, como *antecâmaras do céu.* Forma-se assim um ciclo eterno das coisas, em tudo conforme com a ordem universal. Quando Deus cria alguma coisa, despoja-se de uma parte de si mesmo, pois dá a uma parte de seus nervos uma forma diferente. Mas a perda que assim parece sofrer é compensada quando, ao cabo de séculos e milênios, os nervos, já bemaventurados, dos homens mortos, lhe são de novo incorporados como *antecâmaras do céu.*

As almas, acendradas pelo processo de purificação, gozam da bemaventurança.

"Sua conciência de si mesmas debilitou-se entretanto e ficam fundidas, com outras almas, em unidades superiores. Almas importantes, como a de um Goethe ou de um Bismarck, conservam a conciência de sua identidade através de muitos séculos, até que se podem desintegrar em complexos de almas superiores (tais como os *raios de Jeová* na antiga religião judaica e os *raios de Zoroastro* na religião persa). Durante a purificação, as almas aprendem a linguagem em que o próprio Deus fala. a *linguagem fundamental*, que é *um alemão um tanto antiquado, mas muito expressivo e caracterizado por uma grande riqueza em eufemismos*".

O próprio Deus não é um ser simples:

"Acima das *antecâmaras do céu*, pairava Deus, o qual, para distinguí-lo dêstes *reinos anteriores de Deus*, também é chamado o *reino posterior de Deus.*

Os reinos posteriores de Deus achavam-se submetidos (e acham-se ainda atualmente) a uma singular divisão em duas partes, segundo a qual se distinguia um Deus inferior (Ariman) e um Deus superior (Ormuzd)".

Sôbre a significação dessa divisão em duas partes, Schreber diz-nos apenas que o Deus inferior favorecia de preferência os povos de raça morena (semitas) e o superior os povos louros (arianos). Mas também não é possível exigir a um homem um conhecimento mais minucioso de tão elevadas questões. Contudo, ainda averiguamos "que o Deus inferior e o superior, não obstante a unidade da onipotência divina, devem ser considerados como seres diferentes, cada um dos quais, e também em sua relação recíproca, possue seu egoismo particular e seu particular instinto de conservação, tentando portanto, continuamente, deslocar o outro". Os dois seres divinos portaram-se efectivamente de modo muito diferente com o desditoso Schreber, durante o período agudo de sua enfermidade.

Schreber fôra, em sua época de saúde, um céptico em matéria de religião e nunca chegara a acreditar firmemente na existencia de um Deus pessoal, circunstância da qual êle mesmo extrai mais tarde um argumento favorável à plena realidade de seu delírio (49).

---

(49) "A hipótese de que se pudesse tratar de meras alucinações sensoriais parece-me psicològicamente impossível, pois a alucinação de estar em relações com Deus ou com as almas dos de-

Mas quando averiguamos o que se segue sôbre as qualidades de carácter do Deus de nosso paciente, não podemos deixar de pensar que a evolução nêle provocada a êste respeito pela enfermidade paranoica não foi decerto nada fundamental e que no novo redentor perdura grande parte do antigo céptico.

A ordem universal apresenta. com efeito, uma falha, em conseqüência da qual se acha ameaçada até a própria existência de Deus. Por circumstâncias que permanecem inexplicadas, quando os nervos dos homens *vivos* chegam a um *elevado grau de excitação,* exercem tão intensa atração sôbre os nervos divinos, que o próprio Deus não pode fugir-lhe, tendo assim ameaçada sua existência.

Êste caso, extraordinàriamente raro, deu-se com Schreber e ocasionou-lhe terriveis sofrimentos, pois a imperiosa atração que seus nervos superexcitados exerciam sôbre os divinos despertou o instinto de conservação de Deus, e resultou que Deus estava muito aquém da perfeição que as religiões lhe atribuem.

Através de todo o livro de Schreber ressoa, assim, a amarga acusação de que Deus, afeito apenas a tratar com os mortos, não compreende os vivos.

Vemos, com efeito, na pg. 55:

"Domina aqui um êrro fundamental, que desde então se estende através de toda a minha vida, que se

---

funtos, só pode surgir em homens que já levaram a seu estado de nervosismo patológico uma firme crença em Deus e na imortalidade da alma, e, conforme expús no início dêste capítulo, não foi êste o meu caso" (pg. 79).

traduz no seguinte: *Segundo as normas da ordem universal, Deus não conhece os homens vivos,* nem necessita na verdade conhecê-los, já que, de acôrdo com tais normas, só tem de lidar com cadáveres".

Na página 141:

"Êste fato... depende novamente de que Deus não sabe tratar com os vivos, achando-se acostumado a tratar tão sómente com cadáveres ou, em todo caso, com os homens adormecidos e enquanto sonham".

Na página 246:

"*Incredibile scriptu,* sentir-nos-íamos propensos a acrescentar e, no entanto, tudo isso é exato, ainda que os homens achem incompreensível a idéia de uma tão absoluta incapacidade de Deus, para julgar acertadamente os vivos. Eu próprio precisei de muito tempo para acostumar-me com ela, mesmo depois de tê-la comprovado em inúmeras observações diretas".

Só em conseqüencia dêste desconhecimento dívino dos homens vivos, poude suceder que o próprio Deus fosse o instigador da conspiração urdida contra Schreber, que o acreditasse doido e lhe impusesse as mais penosas provações. Para escapar àquele juizo condenatório de Deus, submeteu-se o paciente a uma penosa "obrigação de pensar":

"Toda vez que suspendia minha atividade mental, Deus supunha instantâneamente extintas minhas faculdades intelectuais, iniciada a esperada ruina de minha razão (a loucura) e assim conseguida a desejada possibilidade de me afastar", diz à pg. 206.

Uma das coisas que maior indignação desper-

tam em nosso paciente é a conduta de Deus na questão da necessidade ou da vontade de defecar. A passagem é tão característica, que teremos de citá-la por extenso. Para sua melhor compreensão, adiantaremos que tanto os milagres como as vozes emanam de Deus, isto é, dos raios divinos.

Diz êle à página 225:

"Por causa de sua significação característica, deverei dedicar ainda à interrogação anteriormente citada: *Porquê é que o senhor não c...?* algumas observações, por indecente que seja o tema. Como todas as demais funções de meu corpo, também a vontade de defecar é estimulada em mim por um milagre. Isto sucede sendo impelidos os excrementos para diante, e depois, às vezes, novamente para trás, nos intestinos, ou quando já realizei o ato da defecação e não resta material suficiente, sujando os escassos restos do conteúdo intestinal ainda subsistente os bordos de meu orifício anal. Trata-se, em tudo isso, de um milagre do Deus superior, milagre que se repete diàriamente no mínimo várias dúzias de vezes e com o qual se relaciona a idéia, incompreensivel para os homens e só explicável pelo absoluto desconhecimento em que Deus está das circunstâncias orgânicas dos vivos, dos quais o ato de defecar é, de certo modo, o último, isto é, que com o estímulo milagroso da vontade de defecar se consegue a destruição da razão e se obtém a possibilidade de uma retirada definitiva dos raios. A meu ver, para chegar a compreender a gênese desta idéia, devemos pensar na existência de uma interpre-

tação errônea da significação simbólica do ato da excreção, interpretação consistente em supor que aquele que chegou a entrar, como eu, em intima relação com os raios divinos, tem, de certo ponto de vista, o direito de c... em cima do mundo inteiro."

"Além disto, aqui se exterioriza toda a perfídia da conspiração urdida contra mim (50). Toda vez que a vontade de defecar é milagrosamente estimulada em meu corpo, ficam simultâneamente estimulados os nervos de alguma das pessoas que me rodeiam, para obrigá-la a ocupar a latrina e impedir-me de realizar o ato da excreção. Êste é um fenômeno que tenho observado regularmente inúmeras vezes (milhares de vezes) durante os últimos anos, sendo portanto impossível que se trate de mera coincidência casual. A pergunta que então me fazem: "Mas porquê não c...?", respondo da seguinte forma: "Porque sou assim tolo". A pena recusa-se a transcrever o formidável disparate em que Deus incorre, levado por seu desconhecimento da natureza humana, ao supor que possa haver um homem que por mera tolice não possa c..., coisa que até o último animal faz. Quando, no fim de contas, realizo o ato da defecção, para o que via-de-regra me sirvo de um balde, posto que sempre encontro ocupada a latrina, êste ato me produz uma intensa voluptuosidade espiritual. O alívio

---

(50) Em uma nota, o paciente procura mitigar a dureza da palavra "perfídia", chamando a atenção do leitor para uma justificação da conduta de Deus, da qual trataremos mais adiante.

da pressão provocada pelos excrementos contidos nos intestinos reflete-se muito agradàvelmente nos nervos da voluptuosidade e o mesmo se dá no ato da micção. Por êste motivo, sempre e sem excepção alguma até agora, todos os raios têm estado unidos nos atos da defecção e da micção, razão porquê, quando me disponho a realizar estas funções tão naturais, tenta-se sempre, si bem que inútilmente na maioria dos casos, impedir-mo com o milagre contrário (51).

O singularíssimo Deus de Schreber é incapaz de extrair qualquer lição da experiência. Veja-se, por exemplo, à pg. 186 de suas "Memórias":

"Uma certa propriedade concomitante à essência de Deus parece impedir-lhe que tire dêstes fatos qualquer ensinamento para o futuro".

Continua pois impondo durante anos inteiros, sem a menor modificação, as mesmas provas, os mesmos milagres e as mesmas vozes, ao indivíduo por êle perseguido, ainda que êste acabe aprendendo a evitá-los e a zombar da entidade divina".

E à página 333:

"De tudo isto se deduz que, logo que seus milagres deixaram de exercer sôbre mim seu efeito anterior, Deus chegou a parecer-me ridículo e infantil. Dêste modo, minha própria e legítima defesa alguma vez me levou a zombar dêle em voz alta..."

---

(51) Compare-se esta confissão do prazer que o paciente encontra na excreção, prazer que conhecemos como um dos componentes auto-eróticos da sexualidade infantil, com as manifestações

Esta rebelião contra Deus encontra, todavia, em Schreber, uma corrente antitética, expressa em muitas passagens de suas memórias. Veja-se à página 333: "Contudo, devo fazer constar que se trata tão sómente de um episódio isolado que terminará com a minha morte; portanto, só eu entre os homens tenho o direito de zombar de Deus. Para os demais, Deus continuará sendo o Creador onipotente do céu e da terra, a Causa primordial de todas as coisas e o Salvador de sua vida futura; e si bem que algumas das idéias religiosas atuais precisem ser retificadas, merece sua adoração e seu maior respeito".

O paciente procura portanto, repetidamente, justificar a conduta de Deus a seu respeito, baseando-a tão engenhosamente como em todas as teodicéias, ora na natureza geral das almas, ora na necessidade em que Deus se vê de defender-se ou na influência maléfica da alma do Dr. Flechsig. Mas, em geral, a doença é considerada como uma luta do homem Schreber contra Deus, luta em que o homem alcança a vitória por ter a seu favor a ordem universal.

Dos certificados médicos, fàcilmente se poderia deduzir que o caso de Schreber não era mais que uma forma corrente da fantasia redentora. O interessado seria, assim, o filho de Deus, encarregado da missão de salvar o mundo da miséria ou da ruina iminente, etc., etc.

---

de Hans na "Análise da fobia de um menino de cinco anos" (noutro volume desta série de "Observações Clínicas").

Não quis, por conseguinte, deixar de expor as particularidades da relação do paciente com seu Deus. A importância que essa relação tem para o resto da humanidade só raras vezes é mencionada nas memórias, e ùnicamente no final da cristalização do delírio. Consiste, simplesmente, em que nenhum morto poderá alcançar a bemaventurança enquanto a pessoa de Schreber continuar atraindo a parte principal dos raios divinos. Também a evidente identificação do paciente com Jesús Cristo só veio a surgir muito tarde (pg. 338 e 431).

Nenhuma tentativa de explicação que não tome em conta estas peculiaridades de sua idéia de Deus e êste mixto de adoração e rebelião, pode aspirar a ser exata. Examinaremos agora um tema íntimamente relacionado com Deus: o da *bemaventurança.*

A bemaventurança é, para Schreber, *a vida ultra terrena* que as almas dos homens alcançam por sua purificação depois da morte.

Descreve-a como um gôzo ininterrupto, entrelaçado com a visão de Deus. Sem dúvida, esta concepção nada tem de original. Em compensação, surpreende-nos, isto sim, a distinção que Schreber faz entre uma bemaventurança masculina e outra feminina:

"A bemaventurança masculina é mais elevada que a feminina, a qual consiste, predominantemente, numa contínua sensação de voluptuosidade".

Outras passagens proclamam a coïncidência da bemaventurança e da voluptuosidade, sem fazer já qualquer referência às diferenças sexuais ou à presença de Deus como um dos elementos da bemaventurança.

Por exemplo, à página 51:

"... com a natureza dos nervos de Deus, por efeito dos quais a bemaventurança consiste, sinão exclusivamente, ao menos em parte, numa intensa sensação de voluptuosidade..."

E mais adiante, à página 281:

"A voluptuosidade deve ser interpretada como uma parte de bemaventurança antecipada de certo modo ao homem e a outras creaturas vivas".

Assim, pois, a bemaventurança celeste consistiria essencialmente numa continuação e numa intensificação da voluptuosidade terrena.

Esta concepção da bemaventurança não é um dos fragmentos do delïrio de Schreber provenientes dos primeiros períodos de sua enfermidade e em seguida eliminados porque incompatíveis.

Ainda em seus escritos de 1901 acentua o enfêrmo, como uma de suas grandes descobertas, a de que "a voluptuosidade está em ïntima relação, até agora ignorada pelos demais homens, com a bemaventurança das almas dos mortos".

Também averiguaremos que esta "relação íntima" é a base em que o enfêrmo funda sua esperança de uma reconciliação final com Deus e de um termo de seus padecimentos. Os raios divinos perdem seu ânimo hostil quando obtêm a esperança de encontrar

em seu corpo uma voluptuosidade espiritual. O próprio Deus exige encontrar nêle a voluptuosidade e ameaça retirar seus raios si o paciente descuida de cultivá-la e não pode oferecer-lha na proporção em que êle a quer (pg. 320).

Tão surpreendente sexualização da bemaventurança celestial nos dá a impressão de que o conceito schreberiano da bemaventurança nasceu da condensação das duas significações capitais da palavra alemã *selig* ("defunto" e "sensualmente ditoso"), e além disto nos proporciona a ocasião de submeter a uma prova a relação de nosso paciente com o erotismo em geral e com as questões do gôzo sexual, pois nós outros, os psicanalistas, sustentamos até agora a opinião de que as raizes de toda doença nervosa e psiquica se acham predominantemente na vida sexual, opinião a que chegámos, uns por experiências repetidas e outros, além disto, por especulações teóricas.

De acôrdo com as amostras do delírio de Schreber examinadas até êste ponto, já podemos repelir a possibilidade de que precisamente esta doença paranoica se pudesse demonstrar como o caso negativo por tanto tempo procurado, no qual a sexualidade desempenharia tão sòmente um papel insignificante. Com efeito, o próprio Schreber inúmeras vezes se exprime como si compartilhasse nossas teorias, pois sempre fala simultâneamente do "nervosismo" e do erotismo, como si fossem conceitos inseparáveis.

Antes de sua doença, o juiz Schreber era um homem de costumes severos. A' página 281, êle pró-

prio afirma, e não vemos aqui razão alguma para duvidar de suas declarações:

"Poucos homens haverá que tenham sido educados em princípios morais tão severos, adaptando-lhes a seguir tão estritamente sua vida, sobretudo no que concerne à sexualidade, ou que nesta ordem de coisas tanto se tenham refreado".

Mas depois dos graves conflitos anímicos que se exteriorizaram nos fenômenos da doença, sua atitude em face do erotismo modificou-se inteiramente. Com efeito, chegou a descobrir que cultivar á voluptuosidade era para êle um dever, e que só si o cumprisse podia dar solução favorável ao conflito nêle surgido. Conforme lhe asseguravam suas vozes, a voluptuosidade tornara-se "temente a Deus", e por sua parte apenas lamentava não poder passar o dia inteiro a cultivá-la (52).

Tais foram as modificações que a enfermidade impôs a Schreber, de acôrdo com as duas direções principais de seu delírio. Partidário, anteriormente, da ascese sexual e céptico quanto à existência de Deus, converteu-o a doença em um homem crente e entregue à voluptuosidade. Mas assim como sua nova fé era extremamente singular, também a parte de gôzo se-

---

(52) Veja-se, à página 179 das "Memórias": "A atração perdeu seu efeito doloroso para os nervos correspondentes logo que, ao penetrarem em meu corpo, nêle encontraram a sensação de voluptuosidade anímica e dela participaram. Achavam assim uma compensação da bemaventurança celestial que haviam perdido, e que também consistia num gôzo de índole voluptuosa".

xual por êle conquistada tinha um carácter absolutamente inusitado. Já não era a liberdade sexual masculina, e sim um sentimento sexual feminino, pois adoptava uma atitude feminina perante Deus, considerando-se espôsa dêle (53).

Nenhum outro fragmento de seu delírio é tão minuciosamente tratado pelo paciente como sua transformação em mulher.

Os nervos por êle aspirados adquirem em seu corpo o carácter de nervos femininos da voluptuosidade e lhe dão um aspecto mais ou menos feminino, proporcionando sobretudo à sua pele a tersura e a suavidade peculiares ao sexo feminino (pagina 87 das "Memorias"). Basta-lhe exercer uma leve pressão em qualquer lugar de seu corpo, para sentir sob a pele êsses nervos, como conjuntos de fibras ou cordeis subtilíssimos, especialmente no peito, ou seja no lugar correspondente aos seios femininos (pagina 277)". Por meio de uma pressão exercida sôbre tais nervos, consigo proporcionar-me, sobretudo quando ao mesmo tempo penso em qualquer coisa feminina, uma sensação de voluptuosidade correspondente à que as mulheres sentem". Sabe com certeza que êsses nervos

---

(53) Nota à pg. 4 do prefácio: "Passou-se em meu próprio corpo algo assim como a encarnação de Jesús Cristo no de uma virgem; isto é, no de uma mulher que nunca tivera contato com homem. Durante a época que passei na Clínica de Flechsig, duas vezes se formou em meu corpo um órgão sexual feminino, e senti nas entranhas movimentos como os primeiros do feto humano: um milagre divino fizera penetrar em meu corpo os nervos de Deus correspondentes ao esperma masculino, tendo assim lugar uma fecundação".

são, por sua origem, antigos nervos divinos que, ao serem transferidos ao seu corpo, não perderam sua qualidade sobrehumana (página 279). Mercê da "imaginação visual", pode proporcionar a si mesmo e aos "raios" a impressão de que seu corpo é provido de seios femininos e órgãos genitais do mesmo sexo.

"Tanto me habituei a imaginar que meu corpo possue um trazeiro feminino — *honny soit qui mal y pense* — que sempre tenho esta impressão ao inclinar-me para apanhar alguma coisa".

Chega até a afirmar decididamente que todo aquele que o visse nú da cintura para cima, sobretudo si a ilusão fosse auxiliada por algum adorno feminino, teria a impressão de estar ante um *busto de mulher* (pagina 280). Pede que o examinem os médicos, para comprovarem como todo o seu corpo está provido, da cabeça aos pés, de nervos da voluptuosidade, coisa que a seu ver só sucede no corpo da mulher, emquanto o homem só possue tais nervos nos órgãos genitais e nas regiões imediatas aos mesmos (página 274). A voluptuosidade anímica que o acúmulo de tais nervos nêle desenvolve é tão intensa que, estando deitado, só precisa de um pequeno esfôrço de imaginação para obter um gôzo sexual que lhe proporciona uma idéia muito precisa do prazer sexual da mulher na cópula (página 263).

Recordando o sonho que o paciente teve durante o período de incubação da enfermidade e antes de ser transferido para Dresden, teremos de concluir que

o delírio de sua transformação em mulher não é mais que a realização do conteúdo daquele sonho.

Nessa ocasião, o paciente repeliu com viril indignação a idéia, e também depois, na doença, resistiu a principío contra sua realização, vendo em sua transformação em mulher uma cilada em que seus perseguidores queriam apanhá-lo. Mas depois chegou um período (Novembro de 1895) em que começou a reconciliar-se com aquela transformação, relacionando-a com elevados desígnios de Deus:

"A partir de então inclui, com plena conciência, em meu programa, o cultivo da feminilidade" (paginas 177 e 178).

Pouco depois, chegou já à íntima convicção de que Deus mesmo pedia para sua própria satisfação que êle se transformasse em mulher. Veja-se à página 281:

"Mas logo que me vejo a sós com Deus — si me é lícito exprimir-me assim — impõe-se-me a necessidade de procurar, por todos os meios possíveis e tanto com os mandamentos de minha razão como com as minhas faculdades de imaginação, que os raios divinos recebam de mim, sinão continuamente, por ser isto impossivel ao homem, ao menos em determinadas horas do dia, a impressão de uma mulher arrebatada por sensações voluptuosas".

Á página 283:

"Por outro lado, Deus exige um *gôzo contínuo,* de acôrdo com as condições que a ordem universal

impõe às almas, e minha missão é oferecer-lho sob a forma de um intenso desenvolvimento de voluptuosidade espiritual. Si tal missão me proporciona, além disto, um prazer sexual, creio ter o direito de considerá-lo como uma pequena compensação dos tremendos sofrimentos e privações que ha muitos anos me vêm sendo impostos".

Á página 284:

"Baseando-me em todas estas descobertas, creio poder afirmar que Deus nunca se decidiria a retirar-se de mim, o que agravaria consideràvelmente meu estado físico e me faria, além distc, entregar-me sem a menor resistência a desempenhar o papel de uma mulher que cohabitasse comigo mesmo, a fitar contìnuamente os olhos no corpo da mulher, a contemplar constantemente imagens femininas, etc."

Os dois fragmentos capitais do delírio de Schreber, sua transformação em mulher e sua situação preferencial perante Deus, surgem entrelaçadas em seu sistema pela atitude feminina que assume em relação a Deus. Impõe-se-nos, pois, o trabalho de estabelecer entre ambos fragmentos uma relação *genética* essencial, pois sinão, teríamos chegado, com as nossas explicações do delírio de Schreber. à situação ridícula que Kant descreve em sua famosa comparação da "Crítica da razão pura", isto é, a do homem que segura a vasilha enquanto o outro ordenha. . . o bode.

II

TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO

Por dois lados podemos tentar aproximar-nos da compreensão desta observação de um caso de paranoia e descobrir nêle os complexos e as fôrças instintivas da vida anímica que já nos são familiares: partindo das manifestações delirantes do paciente e dos motivos de sua enfermidade.

O primeiro caminho parecer-nos-ia tentador, uma vez que C. G. Jung nos deu o brilhante exemplo da interpretação de um caso grave de demência precoce com certas manifestações sintomáticas extraordinàriamente afastadas do normal (54). Também a inteligência e a franqueza do paciente nos tornariam mais fácil a solução por êste caminho. Não são poucas as vezes em que êle próprio nos proporciona a chave, acrescentando, como que incidentalmente, a uma manifestação delirante, uma explicação, uma citação ou um exemplo, ou rebatendo uma analogia que emerge nêle mesmo. Nêste último caso, bastar-nos-á precindir do disfarce negativo, como estamos habituados a fazer na técnica psicanalítica, e considerar o exemplo como o que é autêntico e a citação ou confirmação como sua fonte de origem, para ter ante nós a dese-

---

(54) C. G. Jung, *Über die Psychologie der Dementia praecox*, 1907.

jada tradução da linguagem paranoica em linguagem vulgar.

Vamos expor minuciosamente um exemplo completo desta técnica. Schreber lamenta-se dos incômodos que lhe acarretam os "pássaros encantados" ou "pássaros falantes", aos quais atribue toda uma série de qualidades singulares (páginas 208-214). Ao que diz, êles são constituidos pelos restos das antigas *antecâmaras do céu,* isto é, de homens que foram bemaventurados, e são incitados contra êle, carregados de cadaverina. Possuem a faculdade de recitar "frases aprendidas de cor, mas cujo sentido não compreenem". Cada vez que descarregam sôbre êle a cadaverina de que vêm carregados, isto é, cada vez que lhe recitam as frases que lhes ensinaram, desvanecem-se em sua alma com as palavras *Maldito patife !* ou *Maldito !*, únicas cujo sentido lhes é conhecido. Não compreendem o sentido das palavras, mas possuem uma sensibilidade natural para a homofonia dos sons, que também não precisa ser completa. Para êles, é indiferente que se diga:

Santiago ou *Cartago,*

Crepúsculo ou *corpúsculo,*

Ariman ou *Ackermann,* etc., diz Schreber à página 210.

Ao ler esta descrição, não podemos deixar de pensar que com ela se alude às mocinhas adolescentes, às quais se costuma dar, sem a menor galanteria, o apelido de "gansinhas" ou atribuir "cabeças de passarinho", afirmando que só sabem repetir o que ou-

viram a outrem, e que, além disto, deixam transparecer sua incultura pelo emprêgo inoportuno de palavras estrangeiras homófonas. O "Maldito velhaco!", única coisa que dizem a sério, significaria então o comentário feito por elas à vitória do jovem que logrou impressioná-las.

Com efeito, várias páginas adiante, encontramos algumas frases de Schreber que confirmam nossa interpretação:

"A muitas destas almas de pássaros dei, humorìsticamente, para diferençá-las, nomes de moças, pôsto que, por sua curiosidade e tendência à voluptuosidade, podiam ser comparadas a raparigas apenas adolescentes. Êsses nomes femininos foram depois aceitos em parte pelos raios divinos e por êles empregados para designar as almas dos pássaros correspondentes".

Esta fácil interpretação dos "pássaros encantados" nos proporciona além disto um valioso apôio para a explicação das enigmáticas "antecâmas do céu".

Não desconheço que, ao estender nosso trabalho psicanalítico além dos casos típicos de interpretação, precisamos usar de um tato requintado e de grande prudência, e que o leitor só nos acompanha na medida em que lho permite a familiaridade que chegou a adquirir com a técnica analítica. Devemos, pois, procurar que a nosso maior esfôrço de penetração não corresponda uma diminuição da segurança e da credibilidade das interpretações. Nesta situação, uns

investigadores redobrarão de prudência, outros de ousadia, e só depois de muitos ensaios e de um profundo conhecimento do assunto se tornará possível fixar os limites do direito de interpretar.

Na investigação do caso Schreber, impõe-se-me a maior prudência pelo fato seguinte: a resistência posta em jôgo contra a publicação das "Memorias" conseguiu, pelo menos, subtrair a nosso conhecimento uma parte bem considerável do material e sem dúvida a mais importante para sua inteligência. Assim, o terceiro capítulo do livro começa com um aviso prometedor:

"Tenciono expor aqui alguns fatos que se deram com *outros membros de minha família*, fatos êstes que provàvelmente se relacionam com o projetado assassinato de minha alma e apresentam todos êles um cunho mais ou menos enigmático, sendo difìcilmente explicáveis com a simples ajuda da experiência humana".

Mas, pouco depois, é cortado cerce pela frase seguinte:

"A continuação do capítulo foi condenada pela censura, por tê-la considerado impublicável".

Por conseguinte, deverei declarar-me satisfeito si conseguir referir, com alguma segurança, o nódulo do delírio a uma origem em motivos conhecidos e humanos.

Com êste propósito, vamos expor agora um pormenor da história da doença, do qual não se faz menção alguma nos certificados médicos, si bem que

o paciente sempre deva tê-lo apresentado em primeiro plano. Refiro-me às relações de Schreber com seu primeiro médico, o Professor Fleschsig, de Leipzig.

Já sabemos que o caso de Schreber teve a princípio o cunho peculiar da mania de perseguição, conservando-o até a primeira mudança do rumo da doença, quando o paciente já se reconciliou com a idéia de sua transformação em mulher. A partir dêsse momento, as perseguições vão-se tornando cada vez mais suportáveis, e o fato de a transformação em mulher corresponder a um fim que obedece às normas da ordem universal mitiga o ultraje que em si encerra. Mas o autor de todas as perseguições é Flechsig, que depois continua sendo seu instigador durante todo o curso da enfermidade (55).

Sôbre o crime de Flechsig e sôbre os motivos que o impeliram a cometê-lo, o paciente sempre se exprime com uma indeterminação e uma inapreensibilidade que consideraremos como testemunhos de uma elaboração delirante particularmente intensa, si nos é lícito julgar a paranoia de acôrdo com o modêlo do sonho, que conhecemos infinitamente melhor.

Flechsig assassinou a alma do enfêrmo ou tentou um ato equivalente aos esforços realizados pelos

---

(55) Prefácio, pg. 8:
"Ainda atualmente, as vozes que falam comigo pronunciam seu nome todos os dias, acusando-o especialmente daqueles prejuizos, si bem que as relações pessoais que durante algum tempo mantivemos passaram para mim, ha muito tempo, a um plano remoto, e não vejo porquê havia de recordá-lo constantemente, maxime com desagrado".

demônios para apoderar-se da mesma, ato que tinha, talvez, seus precedentes em fatos sucedidos entre membros já mortos das familias de Flechsig e de Schreber. Gostaríamos de averiguar mais alguma coisa sôbre o sentido dêste assassinato da alma, mas de novo encontramos vedado o caminho de acesso às fontes. — Á página 28: "Não posso dizer nada mais sôbre a natureza peculiar do assassinato da alma, nem tão pouco sôbre a técnica do mesmo. Apenas poderia acrescentar (segue-se uma passagem cortada pela censura)". Em conseqüência desta omissão, não chegamos a averiguar a que se alude realmente sob o nome de "assassinato da alma". Mais adiante, citaremos a única indicação que conseguiu escapar à censura.

Seja como for, não tardou a iniciar-se uma evolução do delírio, que transformou as relações do enfêrmo com Deus, sem modificar absolutamente as que mantinha com Flechsig. Si até então só em Flechsig vira seu verdadeiro inimigo e considerara a onipotência divina como sua mais fiel aliada, a partir desse ponto não poude repelir a idéia de que o próprio Deus era cúmplice, sinão instigador, da conspiração contra êle urdida (página 59). Mas Flechsig continuou sendo o tentador a cuja influência Deus sucumbira (página 60). Soubera escalar o céu com toda a sua alma ou, pelo menos, com uma parte da mesma, erigindo-se ali, sem antes ter passado pela morte e pela purificação, em "chefe dos raios" (página 56)

(56). A alma de Flechsig conservou essa categoria mesmo depois do paciente já ter sido transferido da Clínica de Leipzig para o Sanatório de Pierson. A influência do novo ambiente logo se manifestou no fato de a alma de v. W. (57), enfermeiro-chefe do sanatório, ter-se ido unir à do dr. Flechsig nos delírios do doente. A alma de Flechsig passou então por uma "dissociação" que assumia extraordinária importância, pois durante certo período chegou a dividir-se em quarenta ou cincoenta almas parciais, duas das quais, as mais importantes, eram designadas pelo paciente como o "Flechsig superior" e o "Flechsig médio" (página 111). A alma de v. W., o enfermeiro-chefe, teve conduta idêntica. O enfêrmo às vezes muito se divertia, vendo como essas duas almas lutavam entre si mau grado sua aliança, pois o orgulho aristocrático da de v. W. chocava-se com a pedanteria universitária da de Flechsig (página 113). Nas primeiras semanas de sua permanência no Sanatório Sonnenstein (verão de 1894), também entrou em ação a alma do novo

---

(56) Segundo outra versão muito significativa, mas que o paciente logo repeliu, o professor Flechsig ter-se-ia suicidado com um tiro, em Weissenburg (Alsácia) ou no cárcere de Leipzig. O paciente teria visto seu entêrro, notando, com estranheza, que não caminhava na direção que teria sido natural, dada a situação da Clínica da Universidade em relação ao Cemitério. Outras vezes, Flechsig lhe apareceu acompanhado por um polícia ou dialogando com sua mulher, que o acreditava louco, por isso que êle a fazia chamá-lo de "deus Flechsig".

(57) Dêste v. W. lhe diziam as vozes que prestara um falso depoimento contra êle, numa investigação, acusando-o de onanismo. Como castigo, tinham-no obrigado a servir agora ao paciente.

médico, o dr. Weber, e pouco depois se iniciou aquela evolução do delírio em que o paciente chegou a reconciliar-se com a idéia de sua transformação em mulher.

Durante a doença diagnosticada como hipocondria, que parece ter-se mantido dentro dos limites de uma neurose, foi Flechsig o médico do paciente. Schreber passou então seis meses no sanatório da Universidade de Leipzig. Averiguamos que uma vez restabelecido conservou uma excelente recordação de seu médico:

"O principal é que no fim de contas fiquei completamente curado, depois de uma longa viagem de convalescença, estando muito agradecido ao professor Flechsig, a quem depois manifestei minha gratidão pagando-lhe os devidos honorários e fazendo-lhe uma visita".

E' certo que depois, em suas "Memorias", Schreber já são louva sinão com grandes restrições seu primeiro tratamento por Flechsig, mas isto se explica fàcilmente pela mudança ulterior de sua atitude para com êle. A intensidade de sua gratidão inicial ao médico que o curara deduz-se claramente da observação que continúa as palavras anteriormente transcritas:

"Mais cordial ainda foi a gratidão de minha espôsa, que via no professor Flechsig o homem que lhe devolvera o marido e teve, por êsse motivo, durante muitos anos, o retrato dêle em sua mesa de trabalho" (página 36).

Sendo-nos impossível averiguar a motivação desta primeira enfermidade, motivação cujo conhecimento nos seria indispensável para a explicação da segunda, muito mais grave, vemo-nos obrigados a penetrar agora ao acaso num terreno que nos é desconhecido.

Sabemos que no período de incubação da enfermidade (entre sua sua nomeação para Dresden e sua posse do cargo, ou seja, de Junho a Outubro de 1893), o paciente teve vários sonhos cujo conteúdo era a recidiva de sua antiga doença nervosa. Além disto, achando-se uma manhã quasi desperto, teve a sensação de que devia ser uma coisa belíssima ser uma mulher no momento da cópula. Si relacionarmos o conteúdo de tais sonhos com o desta fantasia, teremos de deduzir que com a recordação da enfermidade também despertou a do médico e que a atitude feminina da fantasia desde o início se referiu ao mesmo. Ou talvez o sonho da volta da doença tivesse em geral o sentido de um desejo nostálgico:

"Quisera tornar a ver Flechsig".

Nossa ignorância do conteúdo psíquico da primeira doença impede-nos de prosseguir nêste caminho. E' muito possível que daquele estado ainda subsistisse uma adesão carinhosa ao médico, que agora passasse, por fôrça de razões desconhecidas, por uma intensificação que a elevasse à categoria de inclinação erótica. Subentende-se que imediatamente surgiu uma indignada repulsa da fantasia feminina, ainda impes-

— 11

soal — um verdadeiro *protesto viril,* segundo a expressão, si bem que em sentido diferente, de Alfred Adler (58) —, mas na grave psicose que não tardou a emergir, essa fantasia feminina se impôs completamente, e basta retificar um pouco a indeterminação paranoica das manifestações de Schreber, para adivinhar que o enfêrmo temia ser objeto de abusos sexuais por parte do próprio médico. A motivação desta enfermidade foi, portanto, um avanço da libido homossexual orientada, provàvelmente desde o início, para o dr. Flechsig como objeto, e a resistência contra êste impulso libidinoso creou o conflito de que surgiram os fenômenos patológicos.

Durante sua última estadia no Sanatório Sonnenstein, quando Deus começou a tratar o enfêrmo com maior consideração, teve lugar uma hecatombe daquelas almas tão desagradávelmente multiplicadas, em conseqüência da qual a de Flechsig só subsistiu em duas formas e a de v. W. em uma. Depois não tardou a desaparecer esta última, e os dois fragmentos subsistentes da alma de Flechsig, que iam perdendo lentamente sua inteligência e seu poder, foram então designados pelo doente como "Flechsig posterior" e o "partido do conforme seja". Pelo prefácio das "Memórias", a "carta aberta ao Sr. Professor Dr. Flechsig", sabemos que a alma dêste último conservou até o final toda a sua importância.

---

(58) Adler, *Der psychische Hermaphroditismus im Leben und in der Neurose.* (*Fortschritte der Medizin,* 1910, n. 10).

Nesta singularíssima carta, o paciente exprime a convicção de que o médico que o tratara também tivera as mesmas visões que êle, tendo sido objeto de iguais revelações sôbre coisas metafísicas, e acrescenta a advertência de que, por sua parte, não tem a menor intenção de pôr em julgamento a honorabilidade do mesmo. Idêntica declaração é repetida a seguir, com toda seriedade e o máximo interêsse, em páginas ulteriores. Vê-se claramente que Schreber se esforça por separar a "alma Flechsig" do indivíduo vivo de igual nome, isto é, separa o Flechsig verdadeiro do que aparece nos delírios (59).

Do estudo de uma série de casos de mania de perseguição, tirei, e tiraram outros investigadores, a impressão de que a relação do enfêrmo com seu perseguidor pode ser explicada por meio de uma fórmula simples (60). A pessoa a quem a mania atribue tão grande poder e tanta influência, e em cujas mãos convergem todos os fios da conspiração, é sempre a mesma que antes da doença tinha análoga importância para a vida sentimental do enfêrmo, ou uma substituição dela, fàcilmente reconhecível como tal.

---

(59) "Por conseguinte, devo *reconhecer como sendo possível* que tudo o que disse nos primeiros capítulos de minhas memórias a respeito de fatos relacionados com o nome de *Flechsig* só se refere à *alma Flechsig*, que deve ser em tudo separada do homem do mesmo nome e cuja existência isolada não se pode explicar naturalmente" (pg. 342).

(60) Cfr. Karl Abraham, *Die Psychosexuellen Differenzen der Hysterie und der Dementia praecox*, "Zentralblatt f. Nervenh, und Psychiatrie", Julho, 1908. Ver também: Abraham, *Klinische Beiträge zur Psychoanalyse*, Viena, 1921.

A importância sentimental é projetada como poder exterior e em compensação o tom sentimental é transformado em seu contrário. A pessoa odiada e temida agora por sua perseguição, é sempre uma pessoa que antigamente era amada ou respeitada pelo enfêrmo. A perseguição estatuída pelo delírio serviria, antes de tudo, para justificar a mutação dos sentimentos do indivíduo.

Observemos agora dêste ponto de vista as relações anteriores do enfêrmo com o médico, que ulteriormente veio a perseguí-lo. Já sabemos que, entre 1884 e 1885, Schreber teve uma primeira enfermidade nervosa, "que transcorreu sem nenhum incidente de carácter metafísico".

Mas, chegados ao ponto em que fazemos intervir na motivação da segunda moléstia a libido homossexual, teremos de fazer alto ante uma poderosa onda de censuras e objeções que nos ameaça. Todos os que conhecem a psiquiatria atual já esperariam vê-la surgir de um momento para outro.

Não é talvez uma leviandade, uma indiscreção e uma calúnia acusar de homossexualidade um homem de qualidades morais tão relevantes como o magistrado Schreber? Não; o enfêrmo comunicou a seus contemporâneos a fantasia de sua transformação em mulher, sobrepondo-se, por altos interêsses científicos, a qualquer consideração pessoal. Deu-nos assim pleno direito de ocupar-nos de tal fantasia, e sua tradução em linguagem médica não acrescentou coisa alguma ao conteúdo da mesma. — Sim: mas ao agir de tal

forma estava doente e seu delírio de ir-se transformando em mulher era uma idéia mórbida. — Não o esquecemos. Precisamente, a única coisa de que pretendemos tratar é da significação e da origem de semelhante idéia mórbida. Adoptaremos a sua própria diferenciação entre o homem Flechsig e a "alma Flechsig". Nada lhe exprobamos: nem que tivesse impulsos homossexuais nem que se esforçasse para recalcálos. Os psiquiatras muito poderiam aprender dêste doente, vendo como mesmo dentro de seu delírio se esforça para não confundir o mundo do inconciente com o da realidade.

Mas consta porventura em qualquer parte que a temida transformação em mulher devesse ser em benefício de Flechsig ? — Está claro que não, mas não é difícil compreender que numas "Memórias" destinadas à publicidade e nas quais não se queria ofender o *homem Flechsig,* devia-se fugir a uma acusação direta. Pois bem, os rodeios que semelhante consideração impõe não conseguem encobrir o verdadeiro sentido da imputação, o qual transparece com toda clareza repetidas vezes. Por exemplo, na passagem seguinte:

"Tramou-se dêste modo contra mim um conluio (aproximadamente em Março ou em Abril de 1894) destinado, uma vez reconhecida ou suposta a incurabilidade de minha moléstia nervosa, a entregar-me a um homem, de maneira que minha alma lhe ficasse escravizada, e meu corpo feminino, fosse entregue como tal a êsse homem para que o gozasse".

Parece supérfluo fazer constar que nunca se cita o nome de uma única pessoa, pela qual pudéssemos substituir Flechsig. No final da permanência de Schreber na Clínica de Leigzig, surge nêle o temor de ser "entregue aos enfermeiros", para que abusem dêle sexualmente. Sua atitude feminina em relação a Deus, abertamente reconhecida na evolução ulterior do delírio, desvanece qualquer dúvida possível sôbre o papel inicialmente atribuido ao médico.

Outra das censuras dirigidas a Flechsig ressoa distintamente através de todo o livro. Flechsig teria tentado assassinar-lhe a alma. Já vimos que o paciente também não sabe ao certo em que teria de consistir tal assassinato, mas que igualmente se acha relacionado com pormenores íntimos que não puderam ser publicados (Capítulo III). Um único trilho nos permite aqui seguir adiante. O paciente tenta esclarecer a idéia do assassinato da alma mediante alusões ao "Fausto" de Gœthe, ao "Manfredo" de Byron e ao "Freischütz" de Weber, e um dêstes exemplos reaparece depois noutra passagem. Com efeito, ao tratar da dissociação de Deus em duas pessoas, Schreber identifica o Deus inferior e o Deus superior com Ariman e Ormuz, respetivamente (página 19), e pouco depois escreve a seguinte observação:

"Aliás, o nome de Ariman aparece relacionado, por exemplo, no *Manfredo* de Byron, com o assassinato de uma alma".

No poema de Byron não ha nada análogo ao pacto de Fausto com o demônio, nem o conceito de

assassinato de uma alma aparece nêle uma vez que seja, mas seu nódulo e seu segrêdo é um incesto fraternal. Nêste ponto já se rompe o fio que nos guiava (61).

Reservando-nos o direito de voltar, no correr dêste estudo, a outras objeções possíveis, consideraremos por enquanto suficientemente justificada nossa hipótese de que a base da doença de Schreber foi a brusca emergência de um impulso homossexual. Harmoniza-se com esta hipótese um pormenor da observação patológica, que de outra forma seria inexplicável. O paciente sofreu uma nova "recidiva nervosa", decisiva para o curso da doença, numa ocasião em que sua espôsa decidira ausentar-se por poucos dias, para cuidar da própria saúde, pois até então permanecera a seu lado todo o tempo que o regulamento do sanatório permitia. Ao voltar depois de uma ausência de quatro dias, encontrou-o lamentàvelmente transtornado, tanto que êle próprio já não desejava vê-la.

Lemos à página 44:

---

(61) Em apôio da observação precedente, citaremos as palavras de Manfredo ao demônio, que lhe quer arrebatar a vida (cena final):

... my past power
was purchased by no compact with thy crew.

Não ha, pois, nenhum pacto com o demônio. Êste êrro de Schreber é sem dúvida tendencioso. Não é difícil relacionar êste conteúdo do Manfredo com o suposto amor incestuoso do poeta pela irmã por parte do pai, e é muito singular que o outro drama de Byron, o magnífico "Caín", se desenrole dentro da família pri-

"Passei então uma noite decisiva para minha ruina espiritual, pois durante ela tive um número extraordinário (talvez uma dúzia) de poluções".

Não é difícil adivinhar que só da presença da espôsa podia o paciente tirar influências contrárias à atração dos homens que o rodeavam, e tendo em conta que as poluções nunca são possíveis no adulto sem uma participação anímica, deveremos acrescentar às daquela noite toda uma série de fantasias homossexuais que permaneceram inconcientes.

Ignorando qualquer minúcia da história anterior à sua enfermidade, não podemos adivinhar porquê tal explosão da libido homossexual surgiu no paciente precisamente no intervalo entre sua nomeação para Dresden e sua transferência para esta cidade. Em geral, o homem oscila durante toda a vida entre sentimentos heterossexuais e homossexuais; a privação ou o desencantamento num de tais sectores impele-o para o outro. No que concerne a Schreber, não conhecemos nada disto, mas não queremos deixar de chamar a atenção do leitor para um fator somático muito digno de ser levado em conta. Schreber tinha nesta época cincoenta e um anos, achando-se portanto, naquela idade crítica para a vida sexual, em

---

mordial, na qual o incesto entre irmãos estava, naturalmente, indene de qualquer exprobação. Também não queremos abandonar o tema do "assassinato da alma" sem recordar a seguinte passagem (pg. 23): "A princípio, era Flechsig o mencionado como autor do assassinato da alma, mas agora e desde algum tempo querem apresentar-me a mim, invertendo os termos, como o culpado dêsse delito"

que, depois de uma intensificação anterior, a função sexual da mulher sofre uma regressão, de que também o homem parece não estar excluido. Para o homem existe, pois, igualmente uma idade climatérica, com sua conseqüente disposição á doença (62).

Imagino muito bem quão audaciosa ha de parecer a hipótese de que um sentimento de simpatia por um médico possa emergir sùbitamente, intensificado até o exagêro, oito anos depois (63), provocando uma perturbação anímica tão grave. Mas, a meu ver, não temos o direito de repelir uma tal hipótese só por sua inverosimilhança interna e sem antes comprovar até que ponto pode conduzir-nos. A inverosimilhança pode ser apenas provisória e ter por causa o fato de a hipótese em aprêço não se achar ainda integrada em nenhum processo lógico, sendo tão sòmente a primeira com que nos aproximamos do problema. Para aqueles que não saibam manter em suspenso seu julgamento e considerem nossa hipótese totalmente inaceitável, assinalaremos uma possibilidade que a despoja completamente de seu carácter desconcertante. A simpatia pelo médico pode fàcilmente provir de um "processo de transferência" pelo qual se haja deslocado para a pessoa, na realidade indife-

---

(62) Devo o conhecimento da idade de Schreber, ao iniciar-se sua doença, a uma amável comunicação de um de seus parentes, que me foi transmitida pelo dr. Stegmann, de Dresden. Mas no presente estudo limitei-me a utilizar os dados que era possível extraír do próprio texto das "Memórias".

(63) Lapso de tempo decorrido entre as duas doenças de Schreber.

rente, do médico, a carga de afecto que existia no enfêrmo em relação a outra pessoa verdadeiramente importante para êle, de maneira que o médico se veja escolhido como substituto ou representante de alguém mais próximo ao indivíduo. Ou, concretizando mais ainda: A personalidade do médico deve ter recordado ao enfêrmo a de seu irmão ou pai, que dêste modo tornou a encontrar nêle; então, já não é nada estranho que, em determinadas circunstâncias, volte depois a emergir nêle a saudade daquela pessoa substitutiva, atuando com uma violência que só se deixa explicar por sua origem e significação primitiva.

Para melhor êxito desta tentativa de explicação, seria interessante saber si, quando adoeceu o paciente, seu pai ainda vivia, si tivera algum irmão e si o mesmo se achava então entre os vivos ou si já morrera. Satisfez-me, pois, encontrar nas "Memórias", depois de uma longa busca, uma passagem em que o paciente resolve tais dúvidas (página 442):

"A memória de meu pai e meu irmão. . . é-me tão sagrada como, etc."

Assim, pois, ambos já haviam morrido na época da segunda enfermidade, e talvez também por ocasião da primeira.

Não creio que devamos resistir mais contra a hipótese de que o motivo da enfermidade foi a emergência de uma fantasia optativa feminina (homossexual passiva), que tinha seu objeto na pessoa do médico. Contra semelhante fantasia se ergueu, por parte da personalidade de Schreber, uma intensa re-

sistência, e a defesa, que talvez houvesse podido adoptar outras formas diferentes, escolheu, por fôrça de razões que desconhecemos, a do delírio de perseguição. O homem desejado converteu-se em perseguidor e o conteúdo da fantasia optativa no da perseguição. Suspeitamos que também em relação a outros casos de delírio persecutório deve ser aplicável esta interpretação esquematica. Mas o de Schreber se distingue dos demais por sua evolução e pelas transformações que durante ela experimenta.

A primeira de tais transformações consiste na substituição de Flechsig pela própria pessoa de Deus, e, a princípio, parece supor uma reativação do conflíto e um incremento da perseguição, já intolerável, mas não tardamos a perceber que, na realidade, prepara a segunda transformação e com ela a solução do conflito. Si era totalmente impossível que o doente se reconciliasse com a idéia de ver-se convertido em mulher e prostituido ao médico, a missão de oferecer a Deus a voluptuosidade que o mesmo procura não se choca com a mesma resistência do ego. A transformação em mulher já não é um ultraje, e sim algo imposto pela "ordenação do universo", que entra na magna continuidade cósmica e tem por objeto uma nova creação da humanidade desditosa. "Homens novos creados pelo espírito de Schreber" venerarão naquele infeliz perseguido o seu glorioso antepassado. Fica assim achado um expediente que satisfaz as duas partes em conflito. O ego é compensado pela mania de grandeza, e a fantasia optativa feminina impõe-se,

tendo-se tornado aceitável. A luta e a enfermidade já podem cessar. Só que a apreensão da realidade, robustecida entrementes, obriga a deslocar a solução para um futuro remoto, isto é, a satisfazer-se com uma realização que poderíamos denominar "assintótica", do desejo (64). A transformação em mulher terá lugar numa época muito distante; até lá, a personalidade do Dr. Schreber permanecerá indestrutível.

Nos tratados de psiquiatria, fala-se freqüentemente de uma transformação do delírio de perseguição em delírio de grandezas, de acôrdo com a seguinte trajetória: O enfêrmo, primàriamente atacado pelo delírio de que o perseguem magnos poderes, sente a necessidade de justificar tal perseguição, chegando, assim a supor que êle próprio é uma elevada personalidade digna de tanto interêsse. A emergência do delírio de grandezas fica assim atribuida a um processo ao qual nós outros damos o nome de *racionalização*, utilizando um acertado termo de Ernest Jones. Mas, a nosso ver, não é nada psicológico atribuir a uma racionalização conseqüências tão intensamente afectivas, e queremos fazer constar, portanto, que nossa opinião é muito diferente da que mencionam os tratados de psiquiatria. Antes de tudo, não afirmamos conhecer a fonte do delírio de grandeza.

---

(64) "Só a título de possibilidade mencionarei uma futura transformação em mulher, destinada a fazer surgir de minhas entranhas, fecundadas por Deus, uma numerosa descendência" (página 290).

Voltando ao caso de Schreber, temos de confessar que a explicação da transformação de sua mania se choca com extraordinárias dificuldades. Por que caminhos e com que meios se dá a ascensão de Flechsig até Deus? De onde extrai o paciente o delírio de grandeza que tão afortunadamente facilita sua reconciliação com as perseguições e permite à análise a hipótese da fantasia optativa que tem de ser recalcada ?

As "Memórias" proporcionam-nos aqui um ponto de apôio, ao mostrar-nos que "Flechsig" e "Deus" se acham, para o enfêrmo, em uma mesma série. Uma fantasia faz-lhe surpreender um diálogo em que Flechsig se apresenta à sua espôsa como o "deus Flechsig", fazendo com que a interlocutora o tenha por louco. Mais adiante, chama-nos a atenção outro traço dos delírios do enfêrmo: Assim como o perseguidor se divide, através de todo o delírio, em duas personalidades, Flechsig e Deus, também o próprio Flechsig se divide depois noutras duas, o Flechsig *superior* e o *médio*, e Deus no Deus *superior* e o *inferior*. E no que concerne a Flechsig, a dissociação vai ainda mais além em períodos ulteriores da enfermidade.

Tais dissociações são muito características da paranoia. A paranoia dissocia como a histeria condensa. Ou melhor: a paranoia dissocia de novo as condensações e identificações empreendidas na fantasia inconciente. Pois bem, o fato de tal dissociação se repetir várias vezes, como sucede nêste caso, é, se-

gundo C. G. Jung (65), um sinal da importância da pessoa de que se trata. Todas estas dissociações de Flechsig e de Deus em várias pessoas significam, pois, o mesmo que a divisão do perseguidor em Flechsig e Deus. São duplicações da mesma circunstância importante, tais como as que Otto Rank descobriu nos mitos (66). Para a interpretação de todas estas minúcias, podemos apoiar-nos no fato da dissociação do perseguidor em Flechsig e Deus e na interpretação da mesma como uma reação paranoica a uma identificação prévia de ambos ou ao fato de pertencerem à mesma série. Por conseguinte, si o perseguidor Flechsig era a princípio uma pessoa amada, Deus também não será mais que o retôrno de outra, igualmente amada, mas provàvelmente mais importante.

Continuando êste processo mental, que nos parece justificado, teremos de convir que essa outra pessoa só pode ser o próprio pai do paciente, de sorte que corresponderia a Flechsig claramente o papel de irmão (provàvelmente maior) (67). A raiz daquela fantasia feminina, que tanta resistência desencadeou no enfêrmo, seria pois a nostalgia, eròticamente intensificada, de seu pai e de seu irmão, nostalgia que, quanto a êste último, se deslocou, por transferência, para o médico Flechsig.

---

(65) C. G. Jung, *Ein Betrag zur Psychologie des Gerüchtes*, "Zentralblatt f. Psychoanalyse", n. 3, 1910.

(66) O. Rank, *Der Mythus von der Geburt des Helden.* "Schriften zur angewandten Seelenkunde", n. V, 1909 (2.ª ed,, 1922).

(67) As "Memórias" não nos proporcionam nenhum dado a êste respeito.

A introdução do pai no delírio de Schreber só deverá parecer-nos justificada desde que nos facilite a compreensão do caso e nos ajude a esclarecer os pormenores incompreensíveis do mesmo. Recordamos quão singulares traços encontramos no Deus schreberiano e na atitude do paciente em relação a êle, mixto singular de violenta rebeldia e respeitosa veneração. Deus, submetido à influência maléfica de Flechsig, não era capaz de tirar nenhum ensinamento da experiência, não conhecia os homens vivos, porque só sabia lidar com cadáveres, e externava seu poder numa série de milagres muito singulares, mas estúpidos e pueris.

Ora, o pai do magistrado Schreber não fôra nenhum homem insignificante. A memória do Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber é conservada ainda hoje em dia por numerosas sociedades saxonias que têm seu nome. Médico muito competente e estimado, seu trabalho em prol do desenvolvimento harmônico da juventude, da colaboração da educação da família com a da escola e da importância dos cuidados corporais e do exercício físico para a conservação da saude, exerceu grande influência sôbre seus contemporâneos. De sua fama como fundador da ginástica terapêutica na Alemanha ainda diz bem a difusão das numerosas edições de sua "Ginástica Médica".

Não é nada estranho que um tal pai fosse elevado à categoria de Deus na carinhosa recordação do filho, a quem foi prematuramente arrebatado pela

morte. Para nosso sentir existe, está claro, um abismo que não pode ser preenchido, entre a personalidade de Deus e a de qualquer homem, por mais extraordinário que êste seja. Mas devemos recordar que nem sempre foi assim; os deuses dos antigos povos estavam humanamente mais próximos dêles. Entre os romanos, o imperador morto era deïficado em toda regra. Vespasiano, ativo e inteligente, disse ao adoecer: "Ai de mim ! Creio que vou converter-me em Deus !" (15).

A atitude infantil do menino em relação ao pai, já nos é conhecida. Tem em si o mesmo mixto de submissão e rebeldia que encontrámos na relação de Schreber com seu Deus, e é o modêlo indiscutível e fielmente copiado desta última. O fato de o pai de Schreber ter sido um médico, muito estimado aliás, e decerto venerado pelos clientes, explica-nos as singulares características que o paciente faz ressaltar criticamente em seu deus.

A mais sangrenta pilhéria que se pode dirigir a um tal médico é, sem dúvida, afirmar que desconhece absolutamente os vivos e só sabe lidar com cadáveres. Na própria natureza de Deus está o fazer milagres, mas também um médico os faz, na opinião de seus clientes, quando realiza alguma cura extraordinária. O fato de que precisamente tais milagres, cujo material foi proporcionado pela hipocondria do doente, venham a mostrar-se depois tão inverosímeis, absur-

(68) Suetônio, *Vida dos Césares*, cap. XXIII.

dos e, em parte, estúpidos, ha de fazer-nos recordar aquele princípio da interpretação onírica, segundo o qual o absurdo aparente nos sonhos significa burla e desprêzo (69). Idêntico papel representaria, pois, na paranoia.

Para outras exprobações, por exemplo, a de que Deus não tira da experiência ensinamento algum, podemos encontrar a explicação naquela conduta infantil que devolve imediatamente e sem modificação alguma um reproche a própria pessoa de quem emana, da mesma forma que as vozes citadas nas "Memórias" (página 23) fazem suspeitar que a acusação do assassinato da alma, erguida contra Flechsig, foi, a princípio, uma auto-acusação.

Animados pelas facilidades que a profissão paterna nos proporciona para a explicação das singulares qualidades do Deus de Schreber, aventurar-nos-emos agora a interpretar a estranha dissociação do ser divino. Como já vimos, o mundo divino compõe-se dos *reinos anteriores de Deus,* também chamados *antecâmaras do céu,* nos quais residem as almas dos homens mortos, e do Deus *superior* e *inferior,* que juntos formam os *reinos posteriores de Deus.* Si bem que saibamos que não nos será possível solucionar uma condensação aqui existente, aproveitaremos, de qualquer modo, o pormenor já descoberto de que os *pássaros encantados,* símbolos de adolescentes femi-

(69) Freud, *Traumdeutung,* Ges. Schriften, vol. 2, pg. 363 e seguintes.

ninos, procedem das *antecâmaras do céu*, para interpretar os *reinos anteriores de Deus* e as *antecâmaras do céu* como símbolos da feminilidade, e os *reinos posteriores de Deus* como símbolos da virilidade. Si soubéssemos com certeza que o defunto irmão de Schreber era mais idoso que êle, poderíamos ver na dissociação de Deus em um Deus inferior e outro superior a expressão desta reminiscência: depois da morte prematura do pai, o irmão mais velho do paciente ocupou, para êle, o lugar daquele.

Por último, queremos citar nêste contexto o *sol*, que tanta importância adquiriu, por meio de seus raios, na expressão do delírio. Schreber mantém com o sol relações singularíssimas. O sol fala com êle na linguagem humana, dando-se a conhecer assim como um ser vivo ou como órgão de um ser superior, oculto detrás dêle. Por um dos atestados médicos, averiguamos que o paciente lhe dirige, "em grandes gritos, insultos e ameaças" (70), ordenando-lhe que desapareça diante dêle. O próprio paciente nos comunica que o sol empalidece em sua presença (71).

A participação do sol em seus destinos manifesta-se no fato de apresentar importantes modificações

---

(70). "O sol é uma prostituta" (pg. 384).

(71) Veja-se à pg. 139, nota:
"Além disto, também o sol apresenta agora para mim um aspeto diferente do que mostrava na época anterior à minha doença. Seus raios empalidecem diante de mim quando falo em voz alta voltada para êles. Posso fixar tranqüilamente meus olhos nêle e só me deslumbra em medida muito pequena, de passo que antes, em minha época de saúde, ter-me-ia sido tão impossível como a qualquer outra pessoa fitá-lo diretamente durante vários minutos a seguir".

logo que Schreber sofre alguma alteração, como se deu, por exemplo, nas primeiras semanas de sua permanência no sanatório de Sonnenstein.

Uma de suas declarações nos facilita a interpretação dêste mito solar, revelando-nos que identifica o sol com Deus, e tanto com o Deus inferior (Ariman) (72), como com o superior. E' o que se vê à pagina 137:

"No dia seguinte, vi o Deus superior (Ormuz), mas esta vez não com meus olhos espirituais, e sim com meus olhos físicos. Era o sol, mas não o sol em sua aparência habitual, familiar a todos os homens; era, etc.".

Êle age, pois, lògicamente, tratando o sol como si fosse o próprio Deus.

Não me podem responsabilizar pela monotonia das soluções psicanalíticas si agora afirmo que o sol não é, igualmente, mais que um símbolo sublimado do pai. O simbolismo sobrepõe-se aqui ao gênero gramatical, ao menos em alemão, pois na maioria dos outros idiomas o sol é do gênero masculino. Sua companheira nesta imagem do casal de pais é a *mãe terra*. Na solução psicanalítica das fantasias patogênicas de indivíduos neuróticos, vemos constantemente comprovada esta interpretação. Só dedicaremos uma observação à sua relação com os mitos cósmicos. Um de meus pacientes, que cedo perdera o pai e tentava

---

(72) Página 88:
"Êste é agora identificado (desde Julho de 1894) com o sol pelas vozes que me falam".

encontrá-lo em todos os elementos elvados da natureza, fez-me vislumbrar que o hino de Nietzsche, "'A aurora", dava expressão a uma idêntica nostalgia (73). Outro enfermo, que contraíu sua neurose imediatamente depois da morte do pai, e sofreu o primeiro acesso de angústia e vertigens na ocasião em que o sol o iluminou com seus raios quando estava cavando no jardim com uma pá, interpretou espontâneamente o acesso dizendo-me que se assustara ao ser surpreendido pelo pai enquanto cravava no corpo da mãe um instrumento agudo. Depois, tendo-lhe eu oposto uma objeção tímida, tornou mais plausível sua interpretação, comunicando-me que já em vida de seu pai o comparara com o sol, si bem que então só o fizesse em sentido humorístico. Nêste enfêrmo, a atitude infantil em face do pai impôs-se em duas fases diferentes. Enquanto o pai viveu, manteve-se em franca e aberta rebeldía contra êle, e logo depois de sua morte contraiu uma neurose baseada numa total submissão escravizada à sua vontade póstuma.

Assim, pois, também no caso de Schreber nos encontramos no terreno familiar do complexo do pai (74). Si a luta com Flechsig se apresenta aos próprios olhos do enfêrmo como um conflito com Deus, teremos de ver nêste último um conflito com o pai amado,

---

(73) Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, 3.ª parte. — Nietzsche também só conheceu o pai na infância.

(74) Do mesmo modo que a "fantasia optativa feminina" de Schreber é apenas uma das formas típicas do complexo nódulo infantil.

conflito cujos pormenores, que ignoramos, determinaram o conteúdo do delírio. Nêle não falta nenhum elemento do material que em tais casos é geralmente descoberto pela análise. O pai surge nestas ocorrências infantis como perturbador da satisfação sexual procurada pelo menino, geralmente auto-erótica. No desenlace do delírio de Schreber, a tendência sexual infantil alcança um definitivo triunfo; a voluptuosidade torna-se piedosa e o próprio Deus (o pai) a exige do enfêrmo. A ameaça paterna mais temida, a da castração, procurou o material da primeira fantasia optativa da transformação em mulher, repelida a princípio e mais tarde aceita. A alusão a uma culpa, encoberta pelo "assassinato da alma" como produto substitutivo, torna-se claríssima. O enfermeiro-chefe é identificado com um antigo vizinho, o senhor v. W., que, no dizer das vozes, o acusara falsamente de onanismo. As vozes repetem o fundamento da ameaça de castração, dizendo: "Você será castigado porque se entregou à voluptuosidade" (75). Por último, a *obrigação de pensar*, a que o enfêrmo se submete supondo que logo que suspendesse sua atividade mental, Deus o julgaria louco e dêle se retiraria, é a reação, que também nos é familiar por outros casos, contra a ameaça ou o temor de que a atividade sexual e espe-

---

(75) Veja-se à página 206:
"O fato de não ser outro o fim almejado foi-me abertamente confirmado pela seguinte frase pronunciada pelo Deus superior e por mim ouvida infinitas vezes: *Queremos destruir sua razão*".

cialmente o onanismo, possam levar à loucura (76). Dada a enorme quantidade de idéias delirantes hipocondríacas que o doente desenvolve, talvez não devamos dar grande importância ao fato de algumas delas coïncidirem literalmente com os temores hipocondríacos dos onanistas (77).

Alguém que pusesse na interpretação maior ousadia que eu, ou a quem suas relações com a família de Schreber houvessem proporcionado maior número de dados sôbre as pessoas que o rodearam, o ambiente em que viveu e os pequenos fatos de sua vida, facilmente conseguiria referir muitos pormenores de seu delírio às respetivas fontes, descobrindo assim seu sentido, a-pesar-da censura a que foram submetidas as "Memorias". De nossa parte, vemo-nos obrigados a contentar-nos com um vago esbôço do material infantil utilizado pela enfermidade paranoica, para representar o conflito atual.

Acrescentaremos ainda algumas observações quanto às bases do conflito surgido em torno da fantasia optativa feminina. Sabemos que se faz mister realizar a tarefa de relacionar a emergência de uma

---

(76) Faremos constar que só nos inspirará confiança uma teoria da paranoia que consiga interpolar no quadro clínico total os sintomas concomitantes de hipocondria. A meu ver, a hipocondria está para a paranoia, assim como a neurose de angústia está para a histeria.

(77) Veja-se, à página 154 das "Memórias"::

"Por conseguinte, tentaram extraír-me a medula, o que conseguiram por meio de uns *homúnculos* que me foram colocados sôbre os pés. Sôbre êstes *homúnculos*, que mostram certa afinidade com aparição mencionada no capítulo IV, comunicarei mais tarde alguns

fantasia optativa com uma *privação* sofrida na vida real. Pois bem, o próprio Schreber nos confessa uma tal privação.

Seu matrimônio, feliz em todos os demais aspectos, não lhe proporcionou descendência, privando-o do filho que o teria consolado da perda de seu pai e de seu irmão, e sôbre o qual teria podido derivar sua insatisfeita ternura homossexual. Sua raça ia extinguir-se e parece que o paciente se orgulhava de sua ascendência e de sua família (página 24):

"Os Flechsig e os Schreber pertenciam, segundo a expressão corrente, *à mais alta nobreza celestial*".

Os Schreber, especialmente. usavam o titulo de "margraves de Túscia e Tasmânia", segundo um costume das almas que as impele a adornar-se com sonoros títulos mundanos (78), obedecendo a uma espécie de vaidade pessoal. Napoleão o Grande divorciou-se de Josefina, depois de dolorosas lutas internas, porque ela se mostrara incapaz de dar-lhe um herdeiro

---

dados. Via-de-regra, eram dois, um pequeno Flechsig e um pequeno v. W., cujas vozes ouvia a meus pés".

Êsse v. W. é o mesmo que o acusou de masturbar-se. Schreber considera os *homúnculos* como uma das aparições mais singulares e enigmáticas. Parecem ser o produto de uma condensação das crianças com os espermatozoides.

(78) Depois desta declaração, que conserva no delírio o amável humorismo dos dias de saúde, o paciente acompanha as relações que as famílias Flechsig e Schreber mantiveram em séculos passados, como um namorado que não pode compreender como viveu tantos anos sem conhecer sua amada e trata de convencer-se de que já a conheceu em épocas anteriores.

que continuasse a dinastia (79) O Dr. Schreber podia ter acariciado a fantasia de que si fosse uma mulher decerto teria filhos e assim encontrou o caminho para retroceder até a atitude feminina infantil em relação ao pai. O delírio — depois contìnuamente deslocado para o futuro — de que o mundo seria povoado, por sua transformação em mulher, com "homens novos creados pelo espírito de Schreber" era, pois, destinado a compensar sua falta de filhos. Si os *homúnculos*, que o próprio Schreber acha tão enigmáticos, são crianças, já se nos antolhará muito compreensível que apareçam reünidos em tão grande número em sua cabeça, pois são realmente os "filhos de seu espírito" (80).

III

O MECANISMO PARANOICO

Até êste ponto, temos examinado o complexo fracassado na tentativa de subjugar sua homossexua-

---

(79) A êste respeito, devemos citar uma retificação do paciente aos dados do certificado médico (página 436)::

"Jamais abriguei a idéia de uma separação nem nunca me mostrei indiferente quanto à subsistência de meus laços conjugais, como se poderia supor por certas declarações do atestado, segundo as quais eu costumava dizer a minha mulher que podia pedir a separação quando quisesse".

(80) Cfr. nossas observações sôbre a representação da descendência do pai e sôbre o nascimento de Athenéa na observação clínica do neurótico obsessivo (o homem dos ratos), que constitue a primeira parte dêste volume.

paterno dominante no caso de Schreber e a fantasia optativa central da enfermidade. Não ha em tudo isto nada característico da paranoia, nada que não possamos encontrar noutros casos de neurose e realmente nêles não tenhamos encontrado. A peculiaridade da paranoia (ou da demência paranoide) baseia-se em alguma coisa diferente, na forma singular dos sintomas, cuja responsabilidade não imputaremos aos complexos, e sim ao mecanismo da produção dos sintomas ou ao do recalcamento. Diríamos que o carácter paranoico está em que a reação do paciente como defesa contra uma fantasia optativa homossexual, tenha consistido precisamente num tal delírio de perseguição.

Será, pois, muito significativo que a experiência nos convide a atribuir precisamente à fantasia optativa homossexual uma relação íntima e talvez constante com a forma patológica. Desconfiando de minha própria experiência, investiguei, durante os ultimos anos, no que se refere a êste ponto e juntamente com meus amigos, os doutores C. G. Jung, de Zurich, e S. Ferenczi, de Budapest, toda uma série de casos de paranoia em homens e mulheres, de raça, profissão e posição social muito diferentes, cujas observações patológicas estudámos, descobrindo, com surpresa, quão claramente todas elas deixavam ver, no ponto central do conflito patológico, a defesa contra o desejo homossexual, e como todos êsses pacientes haviam

lidade incocientemente intensificada (81). Não esperavamos, na verdade, uma descoberta tão precisa. Justamente na paranoia não é nada evidente a etiologia sexual; ao contrário o que ressalta em sua motivação e sobretudo no que concerne ao homem, são as contrariedades e as postergações sociais. Mas não se faz mister aprofundar-nos muito, para reconhecer que em tais contrariedades de ordem social o que é realmente eficaz é a participação dos componentes homossexuais da vida sentimental. Enquanto a atividade normal nos encobre a visão das profundidades da vida anímica, podemos duvidar de que as relações sentimentais de um indivíduo com seus semelhantes, na vida social, tenham, de fato ou genèticamente, qualquer ligação com o erotismo. Mas o delírio descobre regularmente tais ligações e faz recuar os sentimentos sociais até suas raizes em desejos eróticos grosseiramente sexuais. Também o Dr. Schreber, cujo delírio culmina numa evidente fantasia optativa homossexual, não deparou em suas épocas de saúde, de acôrdo com todas as informações — o menor indício de homossexualidade no sentido vulgar.

Não creio supérfluo, nem muito menos injustificado, tentar aqui a demonstração de que nosso atual conhecimento dos processos anímicos, conquistado

---

(81) A análise do paranoico J. B., realizada por A. Maeder (*Psychologische Untersuchungen an Dementia praecox-Kranken*, "Jahrbuch f. psychoanalyt. und psychopath. Forschungen", II, 1910), apresenta uma nova confirmação de tal teoria. Lastimo só ter vindo a conhecê-la depois da publicação do presente estudo.

por meio da psicanálise, já nos pode proporcionar a compreensão do papel desempenhado pelo desejo homossexual na paranoia. Investigações recentes (82) chamaram nossa atenção para um estado da evolução da libido, intermediário entre o autoerotismo e o amor objetivado (83). Êsse estado foi designado pelo nome de *narcisismo* e consiste em que o indivíduo em evolução, que vai sintetizando numa unidade seus instintos sexuais, entregues a uma atividade autoerótica, para chegar a um objeto amoroso, torna-se a princípio e si mesmo, isto é, toma seu proprio corpo, como objeto amoroso, antes de passar à escolha de uma terceira pessoa como tal. Esta fase de transição entre o auto-erotismo e a escolha do objeto é talvez normalmente indispensável.

Ao que parece, muitas pessoas nela estacionam durante um lapso de tempo mais longo que o usual, e a situação dessa fase perdura, em grande parte, nas etapas ulteriores da evolução. No próprio corpo assim eleito como objeto de amor já podem ser os órgãos genitais o principal elemento. O curso ulterior da evolução conduz à escolha de um objeto provido de órgãos genitais idênticos aos próprios, passando, pois, por uma escolha homossexual de objeto

---

(82) I. Sadger, *Ein Fall von multipler Perversion mit hysterischen Abseuzne*, "Jahrbuch f. psychoanalytische Forschungen", vol. 2, 1910. — Freud, *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*, "Schriften zur angewandten Seelenkunde", fasc. VII, 1910, 3.ª ed., 1923 (no vol. 9 das obras completas).

(83) Freud, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 1905, 6.ª ed., 1925 ("Ges. Schriften", vol. 5).

antes de chegar à heterossexualidade. Em conseqüência, supomos que os que depois se mostram manifestamente homossexuais não conseguiram libertar-se da condição de que o objeto escolhido possua órgãos genitais idênticos aos seus próprios, conduta em cuja determinação exerce intensa influência aquela teoria sexual infantil, segundo a qual os dois sexos possuem órgãos genitais idênticos.

Uma vez alcançada a escolha heterossexual do objeto, as tendências homossexuais não desaparecem nem ficam em suspenso, mas são simplesmente desviadas do fim sexual e orientadas para outros novos. Unem-se com elementos dos instintos do ego para constituir com êles os instintos sociais, representando assim a contribuição do erotismo à amizade, à camaradagem, à sociabilidade e ao amor geral à humanidade. Pelas relações sociais normais dos homens, nunca adivinharíamos a grandeza destas contribuïções procedentes de fontes eróticas com inibição de seu fim sexual. A êste contexto também pertence o fato de que precisamente os homossexuais manifestos, e em primeiro plano os que repelem qualquer atividade sexual, se caracterizam por uma intensa participação nos interêsses gerais da humanidade, surgidos da sublimação do erotismo.

Em meus *Três ensaios para uma teoria sexual*, manifestei a opinião de que cada uma das etapas da evolução da psico-sexualidade tem em si uma possibilidade de *fixação* e, com ela, de disposição à neuro-

se. As pessoas que não conseguiram saír completamente do período do narcisismo, apresentando, portanto, uma fixação ao mesmo, que pode atuar na qualidade de disposição à doença, correm perigo de que uma exacerbação da libido, que não encontre outra derivação diferente, imponha aos seus instintos sociais uma sexualização, anulando desta sorte as sublimações conseguidas no correr da evolução.

A um tal resultado pode conduzir tudo aquilo que provoque um retrocesso da libido, uma regressão, isto é, tanto uma intensificação colateral por desilusões sofridas junto à mulher, como um retrocesso direto por falência nas relações sociais com os homens ou uma intensificação geral da libido, demasiado poderosa para encontrar derivação pelos caminhos já abertos e que rompe, por conseguinte, os pontos fracos dos diques que lhe traçam o curso.

Tendo descoberto, em nossas análises, que os paranoicos *tentam defender-se contra semelhante sexualização de suas tendências sociais*, impõe-se-nos a hipótese de que o ponto fraco de sua evolução deve ser procurado no caminho que se estende entre o auto-erotismo, o narcisismo e a homossexualidade, lugar no qual se acharia localizada sua disposição à enfermidade, que talvez possamos determinar com maior precisão ainda. Também teremos de atribuir uma disposição análoga à *demência precoce* de Kraepelin ou *esquizofernia* (segundo Bleuler), e esperamos conseguir pontos de apôio suficientes para fundamentar as diferenças existentes na forma e no des-

enlace de ambas afecções em diferenças correlatas da fixação que gera a disposição.

Ao considerar assim a fantasia optativa homossexual de *amar o homem* como o nódulo do conflito existente na paranoia masculina, não devemos esquecer que para assentar definitivamente tão importante hipótese, considerávamos indispensável a investigação prévia de um grande número de casos de todas as formas da afecção paranoica. Devemos, portanto, estar preparados para limitar eventualmente nossa afirmação a um único tipo da mesma.

Seja como fôr, é singular que todas as formas principais da paranoia até hoje conhecidas, possam ser consideradas como contradições a uma única afirmação; "*Eu* (um homem) *amo-o* (a um homem)", e até esgotem todas as formas possíveis dessa contradição.

A afirmação: "*Amo-o* (ao homem)" é contraditada:

a) Pelo delírio persecutório, que proclama:

Não o *amo* — *odeio-o*.

Esta contradição, que no inconciente não podia ser formulada de outro modo, pode não se tornar conciente na mesma forma no indivíduo paranoico. O mecanismo da produção de sintomas da paranoia exige que a percepção interior, o sentimento, seja substituida por uma percepção exterior, e dêste jeito, a frase: "Odeio-o" se transforma, por meio de uma *projeção*, nestoutra: "*Êle me odeia* (persegue-me), o que me dá o direito de odiá-lo".

O sentimento impulsor inconciente mostra-se assim como uma conseqüência deduzida de uma percepção exterior:

"Não o amo — *odeio-o* — porque êle ME PERSEGUE."

A obsevação não deixa lugar à menor dúvida quanto ao fato de o perseguidor ser o homem anteriormente amado.

b) A *erotomania* escolhe outro ponto diferente de ataque para a contradição, e só assim se nos torna compreensível:

"Não amo tal *homem* — amo tal *mulher*."

E o mesmo impulso incoercível à projeção impõe a esta frase a transformação seguinte:

"Noto que *ela* me ama". E ainda: "Não amo tal *homem* — amo tal *mulher* — porque ELLA ME AMA".

Muitos casos de erotomania podiam dar-nos a impressão de fixações heterossexuais exageradas ou deformações, si não observássemos que todas estas paixões não se iniciam com a percepção interna de amar, e sim com a de ser amado, provinda do exterior. Mas nesta forma da paranoia pode também tornar-se conciente a frase intermediária *"eu amo-a"*, porque sua contradição à primeira frase não é tão contraditória nem tão inconciliável como a existente entre o amor e o ódio. Com efeito, é sempre possível amar uma mulher além de amar um homem. Dêste modo, pode suceder que a substituição projetada:

"ela me ama" seja a seu turno substituida pela fórmula do inconciente: "Amo essa *mulher*".

c) A terceira forma possível de contradição estaria nos ciumes delirantes, cujas formas características podemos estudar no homem e na mulher.

A) Delírio ciumento dos alcoolistas:

O papel que o álcool desempenha nesta afecção é perfeitamente compreensível. Sabemos que o álcool suprime as inibições e anula as sublimações. O homem é a-miúde impelido para o álcool pela desilusão sofrida com as mulheres, mas isto, em geral, significa apenas que procura a companhia dos homens reünidos no café ou no bar, da qual tira a satisfação sentimental de que se vê privado em seu lar e com sua espôsa. Si êsses homens são então objeto de uma intensa carga libidinosa em seu inconciente, o paciente defender-se-á contra a mesma por meio da terceira espécie de contradição:

"Não sou *eu* quem ama o homem — é *ela* quem o ama".

E suspeitará da infidelidade de sua mulher com todos os homens aos quais êle próprio se sente propenso a amar.

A deformação provocada pela projeção falta aqui por ser desnecessária, pois ao mudar o sujeito amante o processo já fica de qualquer modo expulso do eu. O fato de a mulher amar outros homens continua sendo uma circunstância da percepção exterior. Em compensação, o fato de o próprio indivíduo não

amar e sim odiar, ou não amar a esta pessoa e sim àquela, pertence à percepção interior.

B) A paranoia ciumenta das mulheres segue uma trajetória análoga:

"Não sou *eu* quem ama as mulheres — *é êle* quem as ama".

Em conseqüência da intensificação de seu narcisismo disponente e de sua homossexualidade, a mulher ciumenta suspeita da infidelidade de seu marido com todas as mulheres que agradam a ela própria. Na escolha dos objetos amorosos atribuidos ao homem, patenteia-se a influência da época em que teve lugar a fixação, pois muitas vezes se trata de pessoas idosas, já inadequadas para o amor e nas quais a paciente encarna suas amas, criadas e amigas de infância, ou as irmãs diretamente, em que já então via competidoras.

Poder-se-ia crer que uma frase composta únicamente de três elementos, como esta: *eu amo-o*, só permitiria três formas de contradição. Os ciumes delirantes contradizem o sujeito, o delírio persecutório o verbo, e a erotomania o complemento. Mas também é possível uma quarta modalidade da contradição, consistente na repulsa geral de toda a frase:

"Não amo absolutamente ninguém".

E dado que o paciente tem de fazer algum uso de sua líbido, tal asserto parece psicologicamente equivalente a êste outro: "Só amo a mim mesmo". Esta modalidade da contradição produziria portanto, o delírio de grandeza, em que vemos uma *super-ava-*

liação sexual do próprio eu e que podemos situar ao lado da conhecida super-avaliação do objeto erótico (84). |

O fato de, na maior parte das formas da afecção paranoica diferentes do delírio de grandeza, se poder descobrir um certo contingente dêste último, não deixa de ser muito significativo para outro fragmento da teoria da paranoia. Temos o direito de supor que o delírio de grandeza é, em geral, infantil, sendo depois sacrificado à sociedade no correr da evolução. Por outro lado, nada o subjuga com tanta intensidade como uma paixão que si apodere enèrgicamente do indivíduo.

> *"Pois lá onde o amor desperta, morre*
> *o eu, déspota sombrio"* (85).

Depois destas considerações sôbre a inesperada significação da fantasia optativa homossexual em relação à paranoia, vamos voltar aos dois fatores nos quais vimos, desde o início, o característico dessa afecção: o mecanismo da *producção de sintomas* e o do *recalcamento*.

Não temos a princípio nenhum direito de supor que êsses dois mecanismos sejam idênticos, de maneira que a produção de sintomas siga o mesmo caminho que o recalcamento, ainda que em direção oposta.

---

(84) Freud, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 6.ª ed., 1925, pg. 17. — Ver também Abraham (l. c.) e Maeder (l. c.).

(85) Dschelaledin Rumi, citado *apud* Kuhlenbeck, prefácio ao vol. 5 das obras de Giordano Bruno.

Tal identidade também não é muito verosímil. Mas preferimos protelar para depois da investigação qualquer afirmação a êste respeito.

Na producção de sintomas da paranoia ressalta, em primeiro plano, o processo que designamos com o nome de projeção. Nêle é recalcada uma percepção interna, surgindo em substituição desta na conciência o seu mesmo conteúdo, mas deformado e como percepção externa. No delírio persecutório, a deformação consiste numa transformação do afecto. Aquilo que devia ser sentido interiormente como amor, é percebido como ódio proveniente do exterior. Inclinar-nos-íamos a ver nêste singular processo o traço mais importante da paranoia, si não recordássemos, em primeiro lugar, que a projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas dessa afecção, e em segundo, que não é só nela que surge na vida anímica, mas também noutras circunstâncias, participando até regularmente na determinação de nossa atitude perante o mundo exterior. Esse processo normal, no qual não procuramos em nós mesmos, como de costume, as causas de certas impressões sensoriais, deslocando-as ao contrário para o exterior também merece o nome de projecção. Assim advertidos de que a projeção suscita problemas psicológicos gerais, decidir-nos-emos a protelar seu estudo e com êle o do mecanismo da produção de sintomas na paranoia; em compensação, perguntaremos qual é a idéia que podemos formar do mecanismo do recalcamento na paranoia. Queremos adiantar que nossa renúncia provisória parece justifi-

cada, além disto, pelo fato de que a modalidade do processo de recalcamento se relaciona muito mais intimamente com a evolução da libido e da disposição nela presente, do que a modalidade da produção de sintomas.

Em psicanálise temos feito em geral surgir do recalcamento os fenômenos patológicos. Examinando mais de perto o processo que assim denominámos, veremos que é possível dividí-lo em três fases nitidamente diferenciáveis:

1) A primeira fase consiste na *fixação*, premissa e condição de todo "recalcamento". O fato da fixação pode ser definido dizendo que um instinto, ou uma parte de um instinto, não segue a evolução prevista como normal e permanece, por causa dessa inibição evolutiva, numa fase infantil. A corrente libidinal de que se trata porta-se, em face dos produtos psíquicos ulteriores, como uma corrente recalcada e que pertence ao sistema do inconciente. Já dissemos que tais fixações dos instintos trazem em seu bojo a disposição a enfermidades ulteriores, e podemos acrescentar que também acarretam. antes de tudo, a determinação do desfêcho da terceira fase da repressão.

2) A segunda fase do recalcamento é o recalcamento pròpriamente dito, a que até agora nos temos referido de preferência. Tem seu ponto de partida nos sistemas do ego mais desenvolvidos e capazes de conciência, e pode ser descrita como um "impulso secundario". Dá a impressão de ser um processo es-

sencialmente ativo, enquanto a fixação representa uma demora pròpriamente passiva. Sucumbem ao recalcamento as ramificações psíquicas dos instintos primàriamente atrasados, quando sua intensificação provoca um conflito entre êles e o ego (ou os instintos do ego), ou as tendências psíquicas contra as quais se levanta, por outras causas, uma intensa repugnância. Pois bem, tal repugnância não teria por conseqüência o recalcamento, si entre as tendências desagradáveis destinadas a ser recalcadas e as que já o estão não se estabelecesse uma relação. Nos pontos onde isto sucede, a repulsa dos sistemas concientes e a atração dos sistemas inconcientes atuam no mesmo sentido favorável ao recalcamento. Os dois casos aqui diferenciados podem achar-se menos separados na realidade, distinguindo-se tão sòmente na maior ou menor contribuição proporcionala pelos instintos primàriamente recalcados.

3) A terceira fase, a mais importante no que se refere aos fenômenos patológicos, é a da falência da repressão, com a *irrupção* e o *retôrno do que foi recalcado*. Esta irrupção tem seu ponto de partida no lugar da fixação e seu conteúdo é uma regressão da evolução da libido até êsse lugar.

Já falámos da multiplicidade das fixações. São tantas quantas são as fases da evolução da libido. Agora devemos preparar-nos para encontrar a mesma diversidade nos mecanismos do recalcamento pròpriamente dito e nos da irrupção (ou produção de sintomas) e já podemos supor de antemão que deverá

ser-nos impossível referí-los todos exclusivamente à evolução da libido.

Fàcilmente se adverte que com estas considerações afloramos o problema da escolha de neurose, o qual não pode ser atacado sem antes realizar um trabalho de outra ordem. Recordando que já tratámos da fixação e em compensação protelámos o estudo da produção de sintomas, limitar-nos-emos a examinar a possibilidade de tirar da análise do caso de Schreber alguns dados sôbre os mecanismos do recalcamento pròpriamente dito que atuam na paranoia.

No período culminante da enfermidade, emergiu em Schreber, sob a influência de visões que eram "em parte terríficas e em parte de indescritível magnificência" (página 73), a convicção de uma futura catástrofe que havia de acabar com o mundo. Suas vozes lhe diziam que se perdera a obra realizada num passado de quatorze mil anos e que a terra já não duraria mais de outros duzentos e doze anos; na última época de sua permanência na clínica de Flechsig, o enfêrmo já supunha terminado êsse prazo. Considerava-se como o "único homem verdadeiro sobrevivente" e as poucas formas humanas que ainda via, o médico, os enfermeiros e os pacientes ali internados eram apenas "homens encantados e feitos a toda pressa". Mas às vezes também se lhe impunha a corrente contrária, e afirmava ter lido num jornal a notícia de sua morte (página 81 das "Memórias"), pois se dividira numa segunda forma inferior e nela morrera, serenamente, uma tarde. Seja como for, a outra

faceta de seu delírio, que fazia subsistir o ego e sacrificava o mundo, demonstrou ser a mais forte.

Sôbre a causa da catástrofe que ameaçava o mundo, dava diferentes explicações. Tão depressa pensava numa volta aos gelos perpétuos, provocada pela extinção do sol, como numa destruição por espantosos terremotos, reservando-se nêste último caso o papel de autor responsável, como já fez outro "visionário" de nacionalidade portugueza, por ocasião do terremoto que assolou Lisboa em 1755 (página 91). Ou então via em Flechsig o culpado, por haver difundido o espanto entre os homens com suas artes mágicas, destruindo as bases da religião e provocando um nervosismo e uma imoralidade gerais, em conseqüência dos quais cairam sôbre os homens terríveis epidemias (página 91). Em todo caso, o fim do mundo era uma conseqüência do conflito surgido entre Flechsig e êle ou, conforme o demonstrou depois a etiologia na segunda fase do delírio, de sua união, já indissolúvel, com Deus e, em suma, sempre a conseqüencia necessária de sua enfermidade.

Anos mais tarde, quando o Dr. Schreber poude reïntegrar-se na vida social e não conseguiu descobrir nos livros nem nos utensílios que manejava nada compatïvel com a hipótese de haver decorrido um magno período da história da humanidade, reconheceu a impossibilidade de manter sua opinião. Diz êle, à página 85 de suas "Memórias":

"Não posso deixar de reconhecer que, *vistas as coisas de fora,* tudo continúa como antes. Mais adi-

ante, porém, havemos de examinar *si nelas não se realizou uma profunda modificação interior"*.

Não podia duvidar de que o mundo se subvertera durante sua doença e de que já não era o mesmo o que agora via diante de si.

Não é raro encontrar noutras observações clínicas um análogo fim do mundo ocorrido durante o período tormentoso da paranoia (86). Aplicando nossa hipótese sôbre a carga da libido e deixando-nos guiar pela apreciação dos demais homens como "homens feitos às pressas", não nos é difícil encontrar a explicação destas catástrofes (87).

O enfêrmo retraíu das pessoas que o rodeiam e do mundo exterior em geral a carga de libido que até então orientara para êles, e assim se lhe tornou tudo indiferente e alheio, tendo de ser explicado, por uma racionalização secundária, como "encantado e feito com extremo açodamento".

O fim do mundo é a projeção desta catástrofe interior; seu mundo subjetivo subverteu-se desde que êle lhe retirou o seu amor (88).

---

(86) Outra modalidade, diferentemente motivada, do "fim do mundo" surge no auge do êstase amoroso (o *Tristão e Isolda* wagneriano) ; mas nêste caso não é o ego, e sim o objeto único o que absorve todas as cargas da libido de que fora objeto o mundo exterior.

(87) Cfr. Abraham, *Die psychosexuellen differenzen der Hysterie und der Dementia praecox*, "Zentralblatt f. Nervenh. und Psych.", 1908. — Jung, *Zur Psychologie der Dementia praecox*, 1907. — O breve estudo de Abraham contém quasi todas as conclusões essenciais deduzidas no presente trabalho sôbre o caso de Schreber.

(88) Talvez não só a carga de libido, mas também o interêsse em geral, ou seja, igualmente as cargas emanadas do ego.

Depois da maldição com que Fausto se desliga do mundo, canta o côro de espíritos:

"Ai! Com um poderoso ímpeto, destruíste o mundo tão belo! Um semi-deus o derrubou!... Tu, o maior dos filhos da Terra, constroi-o de novo; constroi-o de novo, ainda mais esplêndido, em teu coração!"

E o paranoico torna, com efeito, a construí-lo, não precisamente com maior magnificência, mas ao menos de maneira a poder de novo viver nêle. Reconstroi-o com o trabalho de seu delírio.

O delírio, em que vemos o produto da enfermidade, é, na realidade, a tentativa de cura, a reconstrução. Esta é conseguida, com mais ou menos perfeição, depois da catástrofe; mas nunca é completamente conseguida. Segundo as palavras do próprio Schreber, o mundo sofreu "uma profunda modificação interior". Mas o homem recuperou uma relação com as pessoas e as coisas do mundo, relação às vezes muito intensa, si bem que de esperançosa e cheia de carinho talvez se tenha convertido em hostil.

Diremos, pois, que o processo de recalcamento pròpriamente dito consiste quiçá em que o indivíduo retrai sua libido das pessoas e das coisas anteriormente amadas. Êsse processo se desenrola em silêncio; dêle não temos a menor notícia e vemo-nos forçados a deduzí-lo de outros consecutivos. O que, ao contrário. se faz advertir ruidosamente é o processo de cura que anula o recalcamento e leva de novo a libido às pessoas das quais foi antes retirada.

Êste processo curativo, segue, na paranoia, o caminho da projeção. Não era portanto correto dizer que a sensação interiormente recalcada é projetada no exterior, pois agora vemos com maior clareza que o interiormente recalcado volta do exterior. A investigação fundamental do processo da projeção, anteriormente protelada, ha de proporcionar-nos agora uma certeza definitiva.

Não nos contrariará comprovar que o conhecimento assim adquirido nos impõe toda uma série de novas discussões.

1) Uma reflexão imediata nos diz que a retração da libido não pode ser exclusiva da paranoia nem ter sempre, onde quer que se desenvolva, conseqüências tão funestas. E' muito possível que a retração da libido seja o mecanismo essencial e regular de todo recalcamento; mas nada saberemos sôbre êste ponto enquanto não tivermos submetido a um estudo análogo as demais afecções em que intervém o recalcamento.

O indubitável é que na vida anímica normal (e não só na melancolia) levamos continuamente a cabo tais processos, em que a libido é retirada de pessoas ou coisas, sem por isto adoecermos. Quando Fausto se desprende do mundo, amaldiçoando-o, disto não resulta uma paranoia ou outra neurose, e sim um estado psíquico especial. Por conseguinte, a retração da libido não pode constituir por si só o elemento patógeno na paranoia, devendo existir um carácter especial que diferencie a retração paranoica da libido, de

outras modalidades do mesmo processo. Não é difícil supor qual possa ser êste carácter. Que emprêgo se faz depois da libido retraída ? Normalmente, procuramos logo a seguir uma substituição da aderência suprimida e até conseguir essa substituição conservamos a libido retraída flutuando na psique, onde produz tensões e influe sobre o estado de alma.

Na histeria, o contingente de libido retraída transforma-se em inervações somáticas ou em angústia. Mas na paranoia temos um indício clínico de que a libido retraída do objeto recebe um emprêgo especial. Recordamos que a maior parte dos casos de paranoia apresenta um certo contingente de delírio de grandeza e que o delírio de grandeza pode por si só constituir uma paranoia. Deduziremos, pois, que na paranoia a libido libertada é acumulada no ego, sendo utilizada para engrandecê-lo. Com isto, é de novo alcançada a fase do narcisismo, que já conhecemos pelo estudo da evolução da libido, e na qual era o próprio eu o único objeto sexual.

Baseando-nos nêste dado clínico, supusemos que os paranoicos deparavam uma *fixação ao narcisismo*, e concluímos que o *retrocesso que vai da homossexualidade sublimada ao narcisismo*, revela o alcance da *regressão* característica da paranoia.

2) Na observação clínica de Schreber (como em muitas outras) pode-se apoiar uma nova objeção. Dir-se-á, com efeito, que o delírio persecutório (contra Flechsig) surge evidentemente antes da fantasia do fim do mundo, de sorte que o suposto retôrno do

que foi recalcado precederia o recalcamento em si, o que é um contrasenso.

Esta objeção nos obriga a descer da consideração geral ao exame minucioso das circunstâncias reais, sem dúvida muito mais complicadas. Deve-se reconhecer que uma tal retração da libido pode ser tanto parcial, limitando-se a um único complexo, como geral. A retração parcial seria a mais freqüênte, servindo de introdução à geral, pôsto que a princípio pode ser motivada ùnicamente por influência da vida. O processo pode em seguida limitar-se a esta solução parcial ou encaminhar-se para a geral, a qual então se anuncia claramente com o delírio de grandeza.

No caso de Shcreber, a retração da libido da pessoa de Flechsig pode ter sido o processo primário, seguido, ao cabo de pouco tempo, pelo delírio que devolve a Flechsig a libido (si bem que com sinal negativo, como estigma do recalcamento havido) e assim anula a repressão. Esta, porém, se lança novamente ao combate, utilizando agora meios mais energicos. Pôsto que o objeto em torno do qual se desenvolve a luta chega a ser o mais importante do mundo exterior e quer atraír para si, de uma parte, toda a libido, enquanto mobiliza, de outra parte, contra êle, todas as resistências, podemos comparar essa pugna com uma batalha campal no decurso da qual a vitória do recalcamento se manifesta na convicção de que o mundo foi destruido, subsistindo apenas o próprio eu. Considerando as artificiosas construções que o delírio de Schreber edifica no terreno religioso (a

hierarquia de Deus — as almas purificadas — as antecâmaras do céu — o Deus inferior e o superior), podemos avaliar que riqueza de sublimações foi destruida pela catástrofe da retração geral da libido.

3) Uma terceira reflexão sugerida pelas considerações aqui desenvolvidas suscita a questão de saber si devemos considerar a retração geral da libido do mundo exterior como suficientemente eficaz para explicar por si só o "fim do mundo", e si, nêste caso, não bastariam as cargas do eu subsistentes para manter a relação com o mundo exterior.

Teríamos então de fazer coïncidir o que chamamos carga de libido (interêsse procedente de fontes eróticas) com o interêsse em geral, ou admitir a possibilidade de que uma ampla perturbação na localização da libido também possa provocar uma perturbação correlata nas cargas do ego.

Pois bem, êstes são problemas para cuja solução ainda carecemos de dados suficientes. A situação seria outra si pudéssemos partir de uma teoria dos instintos bastante esclarecida. Mas, na realidade, não dispomos de nada que possa ter êste nome. Consideramos o instinto como o conceito limite do somático em relação ao anímico; vemos nêle o representante psíquico de poderes orgânicos e admitimos a distinção corrente entre instintos do ego e instinto sexual, que nos parece coïncidir com a dualidade biológica do indivíduo, o qual tende tanto à sua própria conservação como à da espécie. Mas tudo o mais são hipóteses que construimos — e abandonamos, even-

tualmente, sem a menor contrariedade — para orientar-nos na confusão dos mais obscuros processos anímicos, esperando precisamente que a investigação psicanalítica dos processos psíquicos patológicos nos imponha determinadas conclusões no que se refere aos problemas da teoria dos instintos.

Sendo recentes tais investigações, nossa esperança não poude ainda realizar-se. Mas não devemos perder de vista a possibilidade de as perturbações da libido influirem sôbre as cargas do ego, nem tão pouco a possibilidade inversa de uma perturbação secundária e induzida dos processos da libido por alterações anormais do ego.

Também é verosímel que o carácter diferencial da psicose dependa de processos dêste gênero. Mas ainda não é possível indicar até que ponto tudo isto se pode aplicar à paranoia. Quiséramos apenas fazer ressaltar um único ponto de vista. Não é possível afirmar que o paranoico tenha retraído completamente seu interêsse do mundo exterior, nem mesmo no período culminante do recalcamento, como devemos admitir noutras formas diferentes da psicose alucinatória (na amência de Meynert). O paciente percebe o mundo exterior e constata suas modificações que nêle estimulam tentativas de explicação (os homens "feitos às pressas"), razão porquê creio muito mais verosímel que a modificação de suas relações com o mundo exterior só, ou predominantemente, se pode explicar pelo desaparecimento do interêsse libidinal.

4) Dadas as relações próximas da paranoia com a demência precoce, não podemos deixar de indagar como uma tal explicação da primeira dessas doenças influirá na interpretação da segunda.

A meu ver, Kraepelin agiu muito acertadamente ao fundir numa nova unidade clínica, com a catatonia e outras formas, muito do que antes se situava sob a rubrica da paranoia. A única coisa que me parece inhábil é o nome de demência precoce dado a essa nova unidade. Também contra a denominação de esquizofrenia, dada por Bleuler ao mesmo ciclo de formas, se pode objetar que só esquecendo o sentido literal dessa palavra, pode ela parecer adequada a um tal emprêgo. E' prejugar demasiado utilizar como denominação um carácter teòricamente postulado, que nem siquer é exclusivo da afecção denominada, nem pode ser considerado, de outros pontos de vista, como o mais importante. Mas, no fim de contas, a denominação que se dá a um quadro clínico não é coisa essencial. Mais importante nos parece manter a paranoia como tipo clínico independente, si bem que seu quadro se mostre freqüentemente complicado por sintomas esquizofrênicos, pois, do ponto de vista da teoria da libido, poderia diferençar-se, numa localização diversa da fixação dispositiva e num mecanismo diverso do retôrno (da produção de sintomas), da demência precoce, com a qual compartilha o carácter principal do recalcamento pròpriamente dito, a retração da libido com regressão ao ego. Parecer-me-ia mais adequado designar a demência precoce com o

nome de *parafrenia*, o qual, sendo em si de conteúdo indeterminado, exprime suas relações com a paranoia e recorda além disto a hebefrenia que nela surge. Não importaria que tal nome houvesse sido anteriormente proposto para coisas diferentes, pôsto que tais empregos não chegaram a impôr-se.

Abraham (l. c.) expôs minuciosamente como na demência precoce se evidencia com especial precisão a retração da libido do mundo exterior. Dêste fàto, nós outros deduzimos o recalcamento por uma retração da libido. Também consideramos a fase das alucinações torturantes como uma etapa da luta do recalcamento contra uma tentativa de cura, que tenta conduzir de novo a libido a seus objetos. Nos delírios e nas estereotipias motoras da enfermidade, Jung reconheceu, com extraordinária agudeza analítica, os restos convulsivamente retidos das antigas cargas de objeto. Tal tentativa de cura, que o observador considera como a enfermidade em si, não se serve, como na paranoia, da projeção, e sim do mecanismo alucinatorio (histérico). Esta é uma das grandes diferenças que separam a demência precoce da paranoia, e pode ser objeto de uma explicação genética de outro ponto de vista.

O desfêcho da demência precoce, quando a afecção não se conserva demasiado parcial, oferece-nos a segunda diferença. Tal desfêcho é, via de regra, menos feliz que o da paranoia, pois a vitória não acaba sendo, como nesta última, da reconstrução, e sim do recalcamento. A regressão não chega apenas até o

narcisismo, que se manifesta no delírio de grandeza, mas até o abandono total do amor objetivado e a volta ao auto-erotismo infantil. A fixação disponente ha de ser, portanto, muito anterior à da paranoia, correspondendo ao começo da evolução que tende a passar do auto-erotismo ao amor a um obeto. Também não é nada verosímel que os impulsos homossexuais, que com tanta frequência e talvez regularmente encontramos na paranoia, desempenhem um papel anàlogamente importante na etiologia da demência precoce, muito mais ilimitada.

Nossas hipóteses sôbre as fixações disponentes na paranoia e na parafrenia nos tornam compreensível que um caso possa começar com sintomas paranoicos e evolver entretanto para a demência, que os fenômenos paranoicos e esquizofrênicos se combinem em quaisquer proporções e que um quadro clínico como o de Schreber, que merece o nome de demência paranoica, aprsente, pela emergência da fantasia optativa e das alucinações, um carácter parafrênico, e por sua motivação, pelo mecanismo da projeção e seu desenlace, um carácter paranoico.

A evolução pode ter deixado atrás de si múltiplas fixações, que permitam sucessivamente a irrupção da libido recalcada, facilitando-a em primeiro lugar a última estabelecida, e depois, no curso ulterior da enfermidade, a originária e mais próxima do ponto de partida.

Quiséramos saber a que circmstâncias deve êste caso seu desfêcho relativamente favorável, pois não

nos decidimos a atribui-lo exclusivamente a uma coisa tão casual como a "melhora de mudança" que se patenteou quando o paciente deixou a Clínica de Flechsig (89). Mas nosso insuficiente conhecimento dos pormenores íntimos desta história clínica impede-nos de chegar a uma decisão em tão interessante problema. Apenas suspeitamos que o acento essencialmente positivo do complexo paterno e a provável serenidade afectuosa das relações mantidas em anos ulteriores com um pai excelente, tornaram possível a reconciliação do paciente com a fantasia homossexual e por conseguinte o desfêcho análogo a uma cura.

Não temendo a crítica nem a auto-crítica, não tenho nenhum motivo para deixar de mencionar uma analogia que talvez prejudique nossa teoria da libido no conceito de muitos leitores. Os "raios de Deus", produto composto por uma condensação de raios solares, fibras nervosas e espermatozoides, não são pròpriamente mais que as cargas de libido objetivamente representadas e projetadas no exterior, dando ao delírio de Schreber uma singular coïncidência com a nossa teoria. O fato de o mundo dever terminar porque o ego do doente monopoliza todos os raios; a ulterior preocupação angustiada do paciente, durante o processo reconstrutivo, de que Deus possa desligar-se dêle retirando seus raios, e outros porme-

---

(89) Cfr. Riklin, *Über Versetzungsbesserungen*, "Psychiatrisch-neurologische Wochenschrift", 1905, ns. 16-18.

nores mais do delírio de Schreber, parecem quasi percepções endopsíquicas dos processos que supusemos para a compreensão da paranoia. Mas um de nossos amigos, especialista na matéria, pode testemunhar que nossa teoria da paranoia é muito anterior à leitura do livro de Schreber. O futuro decidirá si a teoria tem mais delírio do que eu quizera ou o delírio mais verdade do que os outros crêem hoje possível.

Por fim, não quereria terminar êste trabalho, no qual — repito — só se deve ver um fragmento de um conjunto mais importante, sem concretizar os dois princípios capitais a cuja demonstração tende nossa teoria libidinal das neuroses e psicoses. Êsses dois princípios são que as neuroses surgem essencialmente do conflito do ego com o instinto sexual, e que suas formas conservam os vestígios da evolução da libido e do ego.

APÊNDICE

No estudo da observação clínica de Schreber, limitei-me propositadamente a um mínimo de interpretação e confio em que todo leitor familiarizado com a psicanálise ha de ter extraido do material comunicado mais do que sôbre êle está dito, não lhe tendo sido difícil chegar a conclusões que apenas indiquei. Um afortunado acaso que atraíu a atenção de outros autores (90) para a autobiografia de Schreber deixa adivinhar quanto ainda se pode extrair do conteúdo simbólico das fantasias e das idéias delirantes do inteligente paranoico (91).

Um incremento casual de meus conhecimentos, posterior à publicação de meu trabalho sôbre Schreber, permitiu-me penetrar melhor numa de suas afirmações delirantes e reconhecer nela uma multidão de relações mitológicas. Já vimos as singulares relações que o enfêrmo mantinha com o sol e expiícâmo-las como um símbolo sublimado do pai. O sol fala com êle em linguagem humana, dando-se assim a co-

---

(90) "Jahrbuch für psychoanalytische und psychopath. Forschungen", III (1911).

(91) Cfr. Jung, *Wandlungen und Symbole der Libido*, "Jahrbuch für psychoanalyt. und psychopathol. Forschungen", III, 1911, pgs. 164 e 207, e Spiebrein, *Über den psychischen Inhalt eines Falles von Schizophrenie*, etc., ibid., pg. 350.

nhecer como um ser vivo. O doente injuría-o, ameaça-o, assegura que seus raios empalidecem ante êle quando fala em voz alta voltado para êles. Depois da cura, vangloria-se de poder fitar o sol sem ser por êle deslumbrado, coisa que naturalmente antes não lhe seria possível.

A êste privilégio delirante de poder contemplar o sol sem se deslumbrar está ligado o interêsse mitológico. S. Reinach (92) escreve que os antigos naturalistas sò atribuiam tal faculdade às águias, que, como habitantes das mais elevadas camadas atmosféficas, se achavam intimamente relacionadas com o céu, o sol e o raio. As mesmas fontes nos informam também que a águia submete suas crias a uma prova antes de reconhecê-las como legítimas. Si não conseguem fitar o sol sem pestanejar, são expulsas do ninho.

Sôbre a significação dêste mito zoológico não podemos abrigar a menor dúvida. Nêle se artibue aos animais um costume humano. O que a águia assim pratica com suas crias é uma prova de legitimidade, tal e qual se usava entre os mais distintos povos antigos.

Assim, os celtas que viviam nas margens do Reno, confiavam os filhos recem-nascidos às âguas do rio, para convencer-se de que eram realmente de seu sangue, e os psilos, antigos habitantes de Trípoli, que se gabavam de descender de um casal de serpentes,

(92) *Cultes, Mythes et Religions*, vol. III, pg. 80, 1908.

punham seus filhos em contato com êsses reptís. Os legítimos não eram mordidos ou saravam ràpidamente das conseqüências da mordedura (93).

A premissa destas provas faz-nos penetrar profundamente no pensamento *totêmico* dos povos primitivos. O totem, o animal ou a fôrça natural pensada em forma animista, dos quais a tribu crê descender, respeitam os que a ela pertencem como a filhos seus, sendo por êles adorados, e eventualmente respeitados, como si se tratasse de verdadeiros antepassados. Encontramos aqui muitas coisas extraordinàriamente apropriadas, a meu ver, para facilitar-nos uma compreensão psicanalítica das origens da religião.

A águia, que obriga os filhos a fitarem o sol e exige que não se mostrem deslumbrados por sua luz, porta-se, pois, como um descendente do sol que submete os filhos a uma prova de legitimidade. E quando Schreber se gaba de poder encarar o sol sem ser castigado nem se deslumbrar, torna a descobrir com isto a expressão mitológica de sua relação filial com o sol, confirmando-nos de novo em nossa opinião de que seu sol é um símbolo do pai. Recordando que Schreber exprime livremente em sua enfermidade o orgulho de sua raça (94) e que encontrámos em sua

---

(93) Ver bibliografia em Reinach, l. c., vol. III e vol. I, página 74.

(94) Diz êle, à pg. 24 de suas "Memórias"::

"Os Schreber pertencem à mais alta nobreza celestial". — Observa-se aqui a semelhança fônica entre *Adel* (nobreza, em alemão) e *Adler* (águia).

falta de filhos um motivo humano de sua fantasia optativa feminina, já veremos claramente a relação de seu privilégio delirante com os fundamentos de sua enfermidade.

Êste breve apêndice à análise de um paranoico pode contribuir para demonstrar quão fundada é a afirmação, feita por Junge, de que as fôrças produtoras de mitos da humanidade não se extinguiram mas geram atualmente, nas neuroses, os mesmos produtos psíquicos que nas épocas mais antigas.

Voltarei aqui a uma alusão que já fiz alhures (95), insistindo em que o mesmo se pode dizer das energias produtoras das religiões. A meu ver, não pode tardar a chegar o momento de ampliar um principio que nós, os psicanalistas, já assentámos ha muito tempo, acrescentando ao seu conteúdo individual autogenético um complemento antropológico filogenético. Dissemos que no sonho e na neurose tornamos a encontrar a criança com todas as peculiaridades de seu pensamento e de sua vida afectiva. Agora acrescentaremos que nela também encontramos o selvagem, o homem primitivo, tal qual se nos depara à luz da arqueologia e da etnologia.

---

(95) *Zwangschandlungen und Religionsübungen*, 1907.

INDICE

I

II

CORSOI & Cia. — Imprimiram

Sigmund Freud

OBSERVAÇÕES CLINICAS

atlantida

Prof. Sigmund Freud

Observações Clinicas

ENCADERNAÇÃO